DA SE

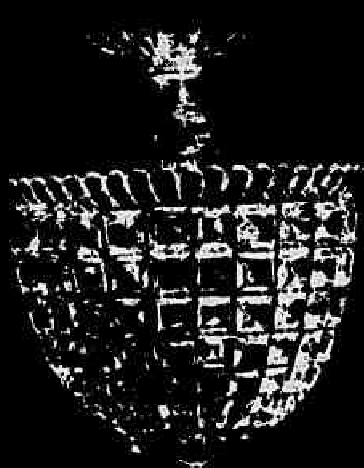
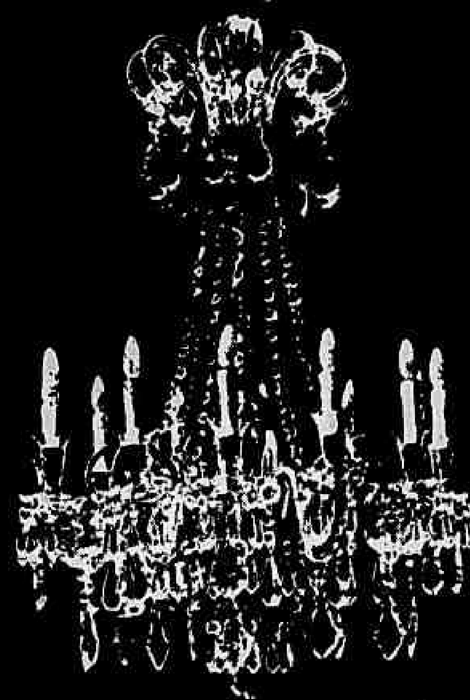
N.º 1

19

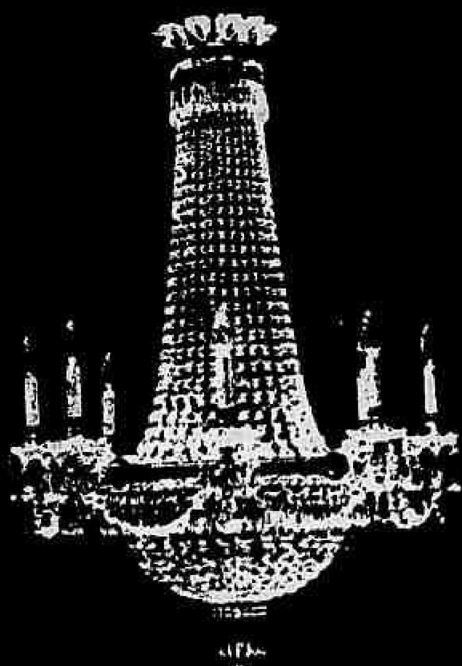
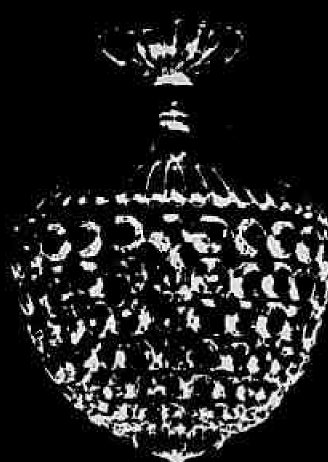
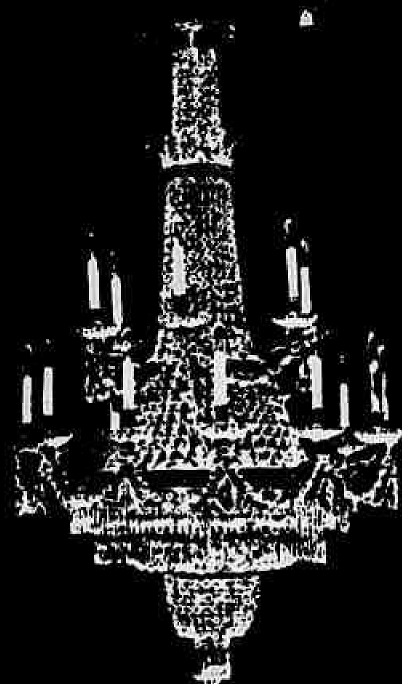


A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.

Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. -- Colocação gratuita por pessoal especializado.

ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA





LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 – FONE: 8-2958
S. PAULO

ALÉM DOS VERDES MARES BRAVIOS...

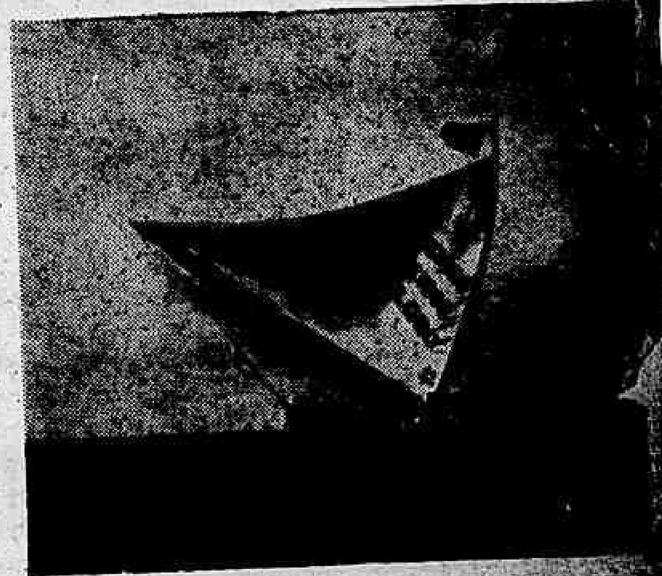
UMA JANGADA VENCE O ATLANTICO ★ OS AZARES DO TEMPO E O SIMBOLISMO DE UMA PROEZA ★ O "CALCANHAR DE AQUILES" DO CEARENSE... ★ CINCO HOMENS RESUMEM UM PROBLEMA

Texto de JOSÉ ASMAR

Fotos de JOSÉ MARIA NEVES

BASTAM os pés para exprimirem a gravidade de muitos problemas para os quais o Govêrno há tanto tempo busca e rebusca soluções. Pois quem observa os pés grossos e trincados dos nordestinos sabe, por êles, da angústia que nem mais provoca as queixas enervantes, mas que comove o coração alheio. Não se pense que apenas a terra quente e rachada pelo sol causa sofrimento àquele povo. Não. Agora mesmo ainda chegam ao Rio cinco provas vivas. Cinco homens que a cidade resumiu num só nome: jangadeiros. Sim, êles, como os irmãos de pé-no-chão do Ceará, também têm os pés deformados, feios, trincados pelo contato constantes da água salgada. Um horror. Um espanto.

Mas os jangadeiros não têm outro jeito. São obrigados a largar marafora, sôbre uma meia dúzia de paus de piúba, arriscando a vida para, à tarde, voltar à terra, trazendo o pescado que vendem para sustentar a família. O quadro que é bonito para os pintores, inspiração para poetas e recurso para políticos em vésperas de eleição, é um sofrimento cotidiano para os homens rudes, que se condenam ao oceano e aprendem a escapar às borrascas do mar para sucumbir às tempestades da terra.



"NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO" ... Baía de Guanabara. Em cima o ... por uma cearense do Rio em Mestre ...



JANGADA HERÓICA, transportada em caminhão, pàra defronte do Catete. cima: Tatá, Mané Frade, Mestre Jerônimo, Mané Prêto e Trinta e Um.

COM O "MENGO", no Maracanã, apareceram quatro dêles. Tatá não pôde ir. O "team" rubro-negro foi acrescido de mais quatro "cracks" — e dos maiores!





MESTRE JERÔNIMO aperta a mão do Chefe do Govêrno, após o repórter José Maria Neves haver lido a mensagem. O cinto do jangadeiro é um pedaço de corda.



O RECIFE ESTAVA cheio de faixas saudando os jangadeiros e exultou com a coragem dos cinco pescadores, que navegam no oceano com tanta bravura.



DE GRAVATÁ, RECEBE Tatá um auxílio das mãos do Ministro da Agricultura. Ao centro, Mané Prêto e Trinta e Um, conversando com o sr. João Cleofas.



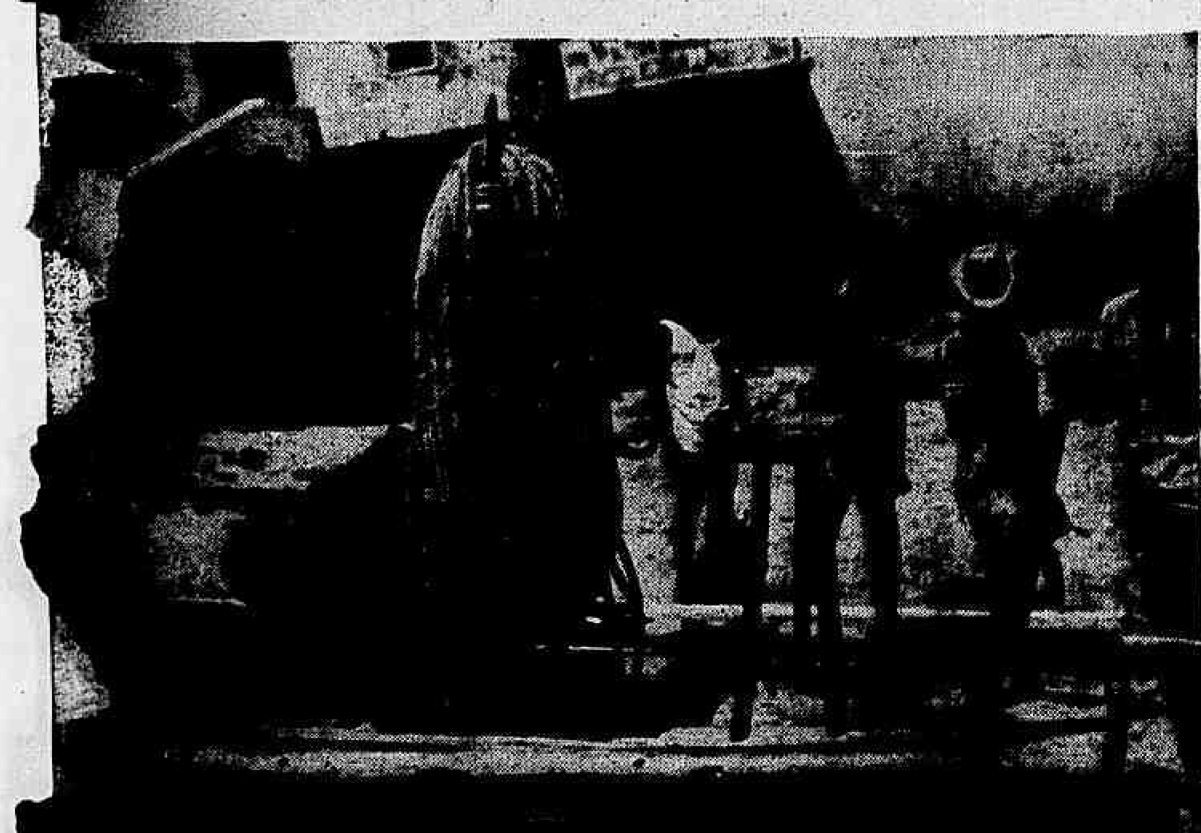
AÍ ESTÃO ÊLES, pisando a jangada. Atrás, um navio oferece significativo contraste: a máquina possante, de um lado, e, do outro, apenas a coragem física.



CHOVIA QUANDO a jangada surgiu em Copacabana. Banhistas e curiosos não fizeram mais caso da água e cada qual queria ser o primeiro a abraçá-los.



CÉU ÀS VÊZES é escuro, mas os jangadeiros não têm o direito de cismar. praias de Fortaleza êles rolam a jangada para as ondas bravias. Depois abrem a vela e, se o vento é forte, deixam-se ir ao sabor do oceano açoitado. A façanha repete-se tôdas as manhãs. Heroísmo, para êles, chama-se rotina



QUE HÁ mais corda do que jangada. Sôbre a areia da praia, mostra-se ...ação mais barata e arriscada. Ela é pequena — mas vence o oceano!



OS ÚLTIMOS MOMENTOS em João Pessoa. João Batista e Raimundo Correia amarram a mala de ferro onde carregam seu vestuário e objetos de uso pessoal.

ALÉM DOS VERDES MARES....



UMA JANGADINHA para o Prefeito João Carlos Vital lembrar-se da "Nossa Senhora da Assunção".

ARRISCANDO A VIDA PARA PROVAR UMA TENACIDADE!

Já houve um "raid" de jangada Fortaleza-Rio. Provocou sensação. Deixou de merecer mais do que isso, porém. Mas, em outubro, cinco pescadores cearenses decidiram realizar uma aventura mais arrojada. Com essa, não pretendiam apenas repetir a torcida da primeira vez. Pensaram mais. Esperam alcançar outro objetivo. Como, por exemplo, o de conseguir amparo do Govêrno para que as suas labutas não sejam assim tão sáfaras e ingratas. Combinaram tudo e começaram a providenciar as coisas. "O Globo", do Rio, mandou-lhes garantir as despesas e o patrocínio da proeza. E êles quiseram ir mais longe: sairiam de Fortaleza e atingiriam Pôrto Alegre!

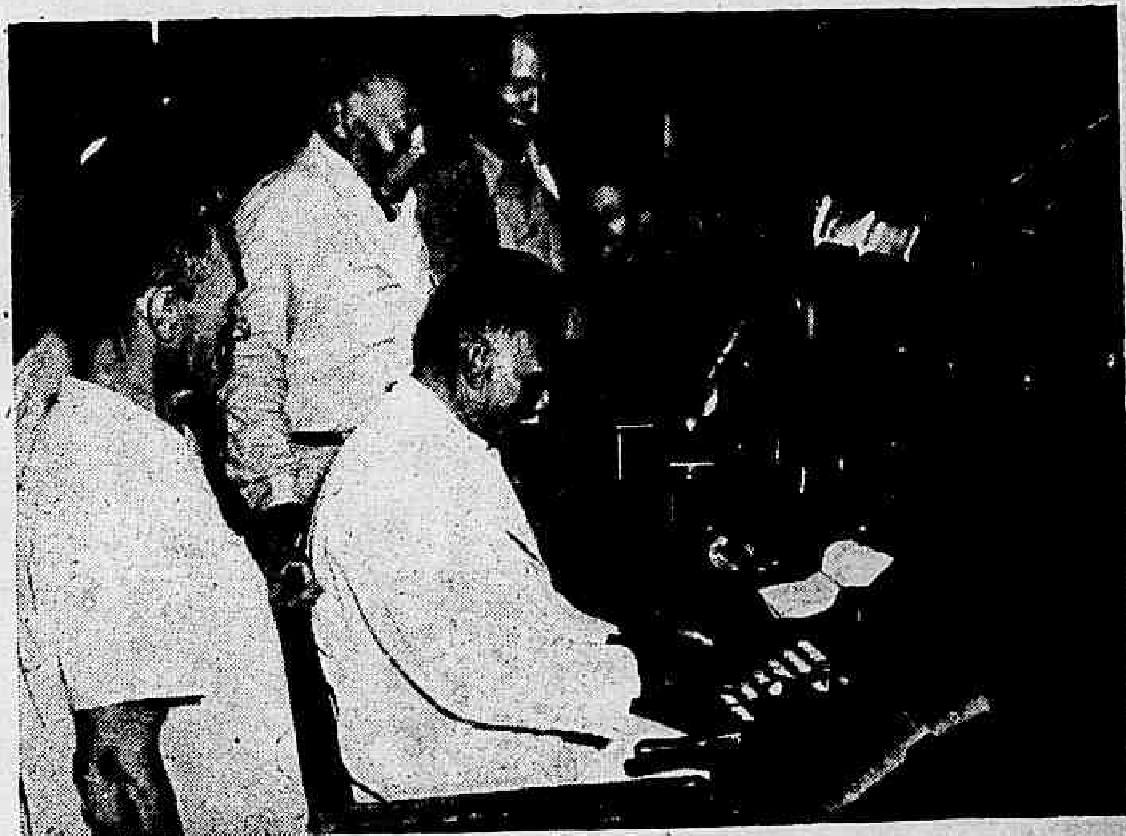
"NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO"

Formou-se o elo entre os cinco homens praianos. Juntaram-se as experiências de Jerônimo André de Sousa, Raimundo Correia de Lima, Manuel Lopes Martins, Manuel Prêto da Silva e João Batista de Oliveira. Todos têm um nome de guerra, isto é, de luta: é "Mestre Jerônimo", é "Tatá", é "Mané Frade", é "Mané Prêto" e é "Trinta e Um". O desafôgo com que se lançam às ondas já não inspira maiores receios aos seus amigos. Arranjaram uma jangada, de oito metros, e escreveram na sua vela de 60 metros quadrados o nome de batismo: "Nossa Senhora da Assunção".

A FIGURA DE TATÁ (o mais velho dos cinco) é imponente, no pôsto que se reserva na jangada. Tem 69 anos e acostumou-se a resistir aos percalços do oceano. Voltará ainda mais cheio de fibra e de vontade.



NTO AO OBELISCO, na praia de Pajussara, sua terra natal, de homenagem à avura dos jangadeiros. Foto batida quando ia ser iniciado o grande "raid".



EXPERIMENTANDO UMA linotipo, Tatá estende suas grossas mãos sôbre o teclado e fica até com jeito de profissional. Se fôsse preciso, saberia compor!



NO CEARÁ AS mulheres não matam como no Rio. Mas parece que Mané Frade teve suas dúvidas quando o fotógrafo tomou posição num caso dêstes. Duas entusiastas que lhes foram dar boas vindas, no instante em que chegaram ao Rio e deram um pulo até ao Clube Marimbás, no Pôsto 6, de Copacabana.

— E' nossa protetora — explicaram.

E, mais em baixo, grafaram o nome do jornal carioca que os animou.

A LARGADA

Na véspera não houve apreensões. O que podiam carregar, carregaram. Conversaram sôbre a viagem, recolheram-se as suas casas.

A manhã do dia 14 de outubro amanheceu de sol brilhante. Tiveram tempo de engolir o café de rapadura. Jerônimo despediu-se de sua mulher, a Florinda Maria da Conceição; Mané Frade falou "adeus" à Mária Vicente e Maria Luiza deu "até à volta" a Mané Prêto; Trinta e Um abraçou Carmelita Isidoro Pereira e Tatá, que é viúvo, teve de multiplicar-se para tantos amigos. Os filhos solidarizaram-se ao "bota-fora".

Na praia do Meireles estava o governador Raul Barbosa e outras autoridades. Festa imponente, sim senhores.

Abriu-se a vela, alva como leite que o carioca não bebe.

— Tudo pronto?

À voz de "Mestre Jerônimo", outro assegurava que as mensagens ao Presidente da República, ao

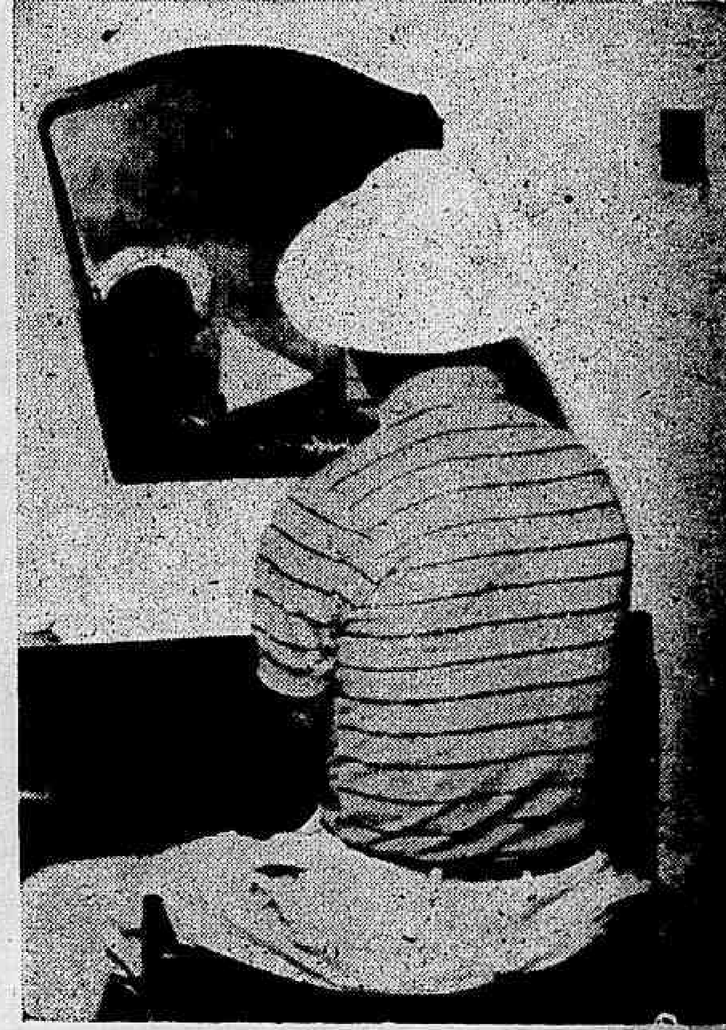
(Cont. na pág. 51)



DESACOSTUMADOS de usar sapatos, volta-e-meia tiravam-nos, enquanto conversavam com os curiosos.



MANÉ BENTO experimenta um barbeiro carioca. Rosto escanhoado, face macia... Sensação estranha!



MESTRE JERÔNIMO experimenta a almofada macia no quarto do hotel e mira-se ao espelho. Nada mal!



E CUMPRIDO O PROGRAMA no Rio, a jangada segue viagem para Pôrto Alegre. Boa viagem, patricios! Bons ventos e mar calmo

O BALANÇO



Para Brederodes, o balanço de 1951 foi trágico. Começou o ano com um despejo e não lhe serve de consôlo saber que a metade da população está sendo despejada.

A Maricota substituiu o clássico rôlo de massa por um calibre 38. Cousas a que êle se acostumara, carne, peixe, manteiga e ovos, agora só as vê por um óculo.

Foi assaltado, como muita gente boa.



Sofreu seu desastrezinho de lotação

e soube, pelo médico, que tôdas essas atribulações fazem mal ao coração.

DA JANELA DO MEU QUARTO EU VEJO O MAR



O Rio está cheio de "parques infantis". Mais de cem. Para uma cidade de dois e meio milhões de habitantes, e com uma área habitável, que, vista do alto, mais parece mão enorme, espalmada, com os dedos atacados de eczemas, não é muito, evidentemente. As crianças dos bairros elegantes da zona sul, apertadinhas em seus apartamentos, verdadeiros campos de concentração, muito precisavam de parques infantis em cada esquina. Como são tristes, as crianças de arranha-céus! De divertimentos só conhecem filmes de bandidos e historietas de quadrinhos estandardizadas e perniciosas. Agora, porém, o Prefeito do Distrito Federal lhes ofereceu cem parques infantis, com variados espécimes de gangorras, trapésios, balanços, etc. Entretanto, segundo já observamos, todo êsse aparelhamento estará imprestável, dentro de muito pouco tempo. Moleques esfarrapados, embriões de malandragem perniciosa e ambulante das ruas do Rio, fazem daqueles aparelhos destinados às crianças, o centro de suas estrepolias e maus instintos. Não querem brincar. Desejam arrebentar tudo. Aos magotes, êsses cafajestes em miniatura, tomam de assalto os parques inaugurados pelo Prefeito e ficam morando ali, cada qual mais exaltado admirador da depredação. O corpo humano é atacado pelos germes deletérios; o organismo social, pelos indivíduos de mau caráter. No corpo humano a natureza distribuiu os leucócitos e os anti-corpos para a defesa de nossa vida; mas, infelizmente, não dispõe o poder público de policiamento capaz de evitar a invasão de agentes insanos na sociedade em que vivemos. Os novos parques infantis estão com seus dias contados. A molecagem mais desenfreada e cretina, em cuja malta se vêem adultos e homens feitos, já se apoderou de todos os aparelhos destinados à infância, e deu início à obra persistente de sua destruição a prazo curto. Aquilo é público; mas não foi criado para nutrir a malandragem dos desocupados. Já que não temos educação social, que o Prefeito destaque guardas para policiar êsses parques infantis, que não podem ficar à mercê, ao arbítrio, à ação demolidora, dêsses vândalos da sargeta, moleques que não deviam misturar-se com as crianças, as quais ficam sujeitas a ouvir dêles as mais baixas expressões da imoralidade, a presenciar o que de mais sórdido sai dos hábitos dessa corja de futuros delinqüentes.

★

Da janela de meu quarto eu vejo o mar. Lá na amplidão serena, água e céu se confundem num abraço fraternal. "Meu filho, — dizia minha avó — tanto tem o céu de altura, como o mar tem de fundura". E eu acreditava na sabedoria da velhinha de cabelos brancos como a espuma das ondas e a pintura dos túmulos. Da janela do meu quarto eu vejo o mar. As vagas mansas vêm quebrar na praia. Seu ruído se parece com um chôro, um sussurro de vozes que soluçam e cantam endechas de nostalgia cheias. Na praia ampla de areias alvacentas não se vêem asas, nem gente, nem velas, nem pescadores. Sòmente o soluçar das ondas desmanchando-se lentamente em ritmos de baladas tristes. Quando eu era criança não havia parques infantis, os "play-grounds" que a civilização criou. As crianças brincavam criando os seus próprios engenhos de folgar, e se moravam na praia, a beira-mar, crescia ainda mais a felicidade de viver. Da janela de meu quarto eu vejo o mar. Mas não vejo crianças a brincar, brincando com as ondas, a rir com elas, caindo-lhe nos braços verdes, confundindo as suas risadas cristalinas com o sorriso branco das maretas mansas desfeitas em espumas. Quando eu era criança, era a praia um jardim de infância, onde eu apostava carreira com as ondas, rebolava com elas na areia, na insonte alacridade dos felizes. E a voz das ondas era um eterno sorrir de amizade, permanente convite à diversão.

Da janela do meu quarto eu vejo o mar. Já não têm as ondas aquela graça antiga, já não sorriem para mim nem me convidam a brincar com elas no jardim da infância da praia imensa. O seu marulhar mais parece pranto, suas espumas não traduzem a alacridade de sorrisos infantis a mostrar a fieira alvíssima dos dentes de leite; o mar é triste como uma estrofe de Óssian, como a premonição fatal de Gonçalves Dias. Olho a praia deserta. Já não é mais um alegre jardim de infância; é triste, cinzenta, melancólica; monja mística a orar em fim da tarde. As vagas gemem, chegam chorando, morrem chorando. A praia já não é mais um jardim da infância, é um cemitério das ondas.

RENATO DE ALENCAR

Sumário

REPORTAGENS

Além dos verdes mares bravios (José Asmar) 3/9
Os palhaços já não são nômades (Domingos de Luca Jr.) 15/19
Segura a saia! 28/31

LITERATURA

Da janela do meu quarto eu vejo o mar (Renato de Alencar) 11
Meias para todos os usos (Geo William) 20
O último baile (Arnaldo B. Marchetti) 26/27
Estranha Felicidade (Romeu Crusoé) 35
Semana Literária (Edmundo Lys) 48/49

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em Revista 12/13
Personagem da Semana 13
A Saúde do Bebê (Dr Saboia Ribeiro) 44
Puxe pelo Cérebro 50
Palavras Cruzadas 51
Tudo isto aconteceu 52/53
A Revista há 50 anos 58

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Um verdadeiro amor 38

HUMORISMO

O Balanço (Théo) 10

FEMININAS

Praias (Ramon) 36/37
Sugestões variadas 40/41
Soirée 42/43
Week-End na Cozinha 45

CURIOSIDADES

Será que já vi êsse homem? (John Collins) 39

CINEMA

Êles fora da tela 32/34
A Marca do Renegado 46/47

ILUSTRAÇÕES:
Jerônymo Ribeiro — Amilde Pedrosa

FOTOS
José Maria Neves — Dario Terini — Keystone — Avulsas — Arquivo



NA CAPA:

Arlene Dahl
(Foto M.G.M.)

A Semana

VAI SUBIR



ÊSTE fim de ano está sendo festejado com o aumento de preços de gêneros de primeiríssima necessidade, bem como com o desaparecimento de outros. Nos jornais do dia 19 de dezembro apareceu esta notícia espantosa: "Em Assembléia realizada na CCPL (Cooperativa Central dos Produtores de Leite) os associados decidiram conceder ao govêrno um prazo de 48 horas, para que o leite tenha seu preço majorado, na fonte de produção, em cinqüenta centavos por litro. Caso não seja concedido êsse aumento pelo govêrno, a maioria dos produtores deixará de abastecer o Rio, utilizando o leite em subprodutos, ou então desistindo de colhê-lo dos úberes das vacas leiteiras". Que poderá fazer o govêrno? Se disser "não", o Rio ficará sem leite para os hospitais, para doentes, para crianças, para convalescentes, para os que se alimentam de médias com pão. Se disser "sim", o povo vai pagar mais caro um produto que já é escasso nos hábitos de nossa população, não sòmente porque o consumimos em nível baixo, como porque o leite é batizado e caro. O assunto se apresenta difícil. O Estado no regime democrático, embora já não tenha o velho caráter do liberalismo econômico do século passado, não pode intervir assim, abertamente, na economia privada, sob pena de passar à categoria de totalitário e ditatorial. Vivemos em permanentes contradições sociais e administrativas: o poder público tabela os gêneros produzidos por particulares, que, por si mesmos, sofrem as conseqüências do encarecimento da vida. Mas, se os produtores se retirarem do mercado, não possui o govêrno nenhum meio para substituí-los. Resultado: confusão geral e, no final da festa, o povo tem mesmo que resignar-se...

PAZ, IRMÃ!

OS jornais do dia 16 de dezembro, portanto, já na reta da quinzena do Natal, divulgaram, através de seus telegramas, uma notícia que, se explorada com visos de sensacionalismo, poderia causar apreensões no espírito público: a Bolívia havia invadido o território brasileiro, pelas bandas da ilha Suarez, em Guajará-Mirim, vizinha a Puerto Sucre, na Bolívia. Felizmente, já não há, entre êste país e todos os que têm fronteiras comuns, nada que sirva para provocar uma guerra. O Barão do Rio Branco, antes de morrer, solucionou todos os embaraços limítrofes, deixando o "Gigante deitado em berço esplêndido" sem nenhum temor de que o enxotem para outras bandas. O nosso território é nosso mesmo. Entretanto, alguns elementos mais ou menos alegres lá das fronteiras amazônicas, acharam que o Brasil não devia manter em seu poder uma ilha fronteiriça e a ocuparam. Nossas autoridades diplomáticas providenciaram imediatamente, e, de Belém, capital do Pará, voou para Pôrto Velho uma comissão de oficiais brasileiros com o encargo de parlamentar com os seus colegas da irmã Bolívia, sôbre o incidente, tratando com os mesmos da imediata desocupação do território brasileiro ocupado. Nada de brigas, irmãos sul-americanos, por causa de pedacinhos de terra. E' verdade que, embora se trate de uma nesguinha de ilha, ela é nossa, e ninguém nô-la pode tomar assim sem mais nem menos. O povo não ligou maior atenção ao caso, e, pelo silêncio que se fêz depois do dia 16 de dezembro, parece que os bolivianos se foram para Puerto Sucre, e os brasileiros ficaram no que é de sua legítima propriedade. Enfim, com "açúcar", tudo se arranja.



O NOVO "SÃO PAULO"



VAI o Brasil possuir um novo vaso de guerra com o nome de "São Paulo", numa homenagem ao grande Estado de nossa federação. Agora será um porta-aviões, primeira belonave dêsse gênero que vamos ver desfraldando nosso pavilhão. Segundo as notícias publicadas pelos jornais cariocas, o novo barco de guerra brasileiro é uma iniciativa do govêrno paulista, para o que destinou nada menos de 160 milhões de cruzeiros, cabendo à Municipalidade da capital bandeirante a cota de 60 milhões, e ao tesouro estadual cem milhões. Uma notícia divulgada em outros diários esclarece que o custo total do barco de ataque é de setecentos milhões, e que, cada Estado da Federação deverá contribuir com uma parcela de cruzeiros, até completar-se o "quantum" necessário para trazer ao Rio o novo "São Paulo". A sugestão é patriótica e simpática. Se a belonave que vamos possuir vai ter sua atividade na vigilância de nossas costas de quase oito mil quilômetros, é evidente que todos os Estados brasileiros deverão entrar com sua parcela para sua compra. O caso já está muito adiantado, pois, faz poucos dias, o vice-almirante Areia Leão, diretor da Escola Naval, acompanhado de muitos oficiais da mesma Escola, foi recebido pelo Ministro da Marinha, sendo entregue a S. Excia., nessa ocasião, uma mensagem do prefeito da capital paulista e da Federação das Indústrias de S. Paulo, com o que entregavam, em nome dos industriais bandeirantes, uma Bandeira Nacional oferecida pelos mesmos, para ser usada no porta-aviões "São Paulo". Até que seja içada, ficará a bandeira sob a guarda da Escola Naval.

Em Revista

AS PONTES DO RECIFE

VENEZA americana transplantada, boiante sôbre as águas — disse o poeta ao decantar as belezas do Recife, a formosa capital de Pernambuco. Não há cidade neste país que tenha os encantos fluviais do Recife. Os rios Beberibe e Capibaribe, encontrando-se a dois passos do oceano, dão à capital pernambucana um dos mais belos aspectos que se pode imaginar. Vista do alto, de avião, a cidade é um encanto. O Recife não tem "back-ground", não tem fundo. E' plana, chã, só se vendo algumas elevações para os lados do norte, em Olinda. A oeste os montes ficam muito distantes; e para o sul é a planície de afogados e Boa-Viagem, com seus mangues e alagadiços debruados de coqueiros. O que faltou ao Recife em fundo monumental, como sucede com a Bahia, Vitória, Rio, Santos, etc., sobrou em beleza hidrográfica na planície. Os rios forçaram o homem a povoar a cidade de pontes, ligando os seus vários bairros: Recife, Boa-Vista, etc., numa abundância de águas e de pontes que lembram Veneza. Há pontes velhas e tradicionais, como a da Boa-Vista, com suas muralhas de ferro; a velhíssima "Sete de Setembro", lá para os lados da detenção e da Estação Central; mas também há as modernas e as moderníssimas, como a Mauricio de Nassau e agora a de Santa Isabel, que vem desembocar no teatro dêsse nome e no Palácio do Govêrno. A "Santa Isabel" acaba de ser inaugurada, ligando os bairros da Boa-Vista e Santo Antônio. As pontes estão para o Recife como os túneis estão para o Rio. O Recife ganhando mais uma ponte aumenta seu prestígio, enfeita-se e civiliza-se.



SERVIÇO POSTAL AMBULANTE



O coronel Adauto de Melo, diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos, inaugurou a 20 de dezembro o SAPT, ou seja, Serviço Ambulante Postal Telegráfico, no Distrito Federal e em Niterói. As Agências Postais Ambulantes estão funcionando em cinco ônibus, convenientemente adaptados para o serviço público, tendo sido quatro destinados ao Rio e um a Niterói, das sete às doze e das treze às dezessete horas, todos os dias, excetuados os domingos e feriados. Aí está uma providência digna dos maiores louvores. A distribuição de agências postais telegráficas não é muito difundida no Distrito Federal, forçando o interessado a dar longas viagens para passar um telegrama ou depositar sua carta, comprar selos ou registrar a correspondência. Como as agências são insuficientes, sucede, a qualquer hora, o seguinte: chega-se ao local e as filas espantam. No Correio Geral, por exemplo, há, diariamente, este fato para o qual chamamos a atenção do Sr. Diretor: enquanto uma multidão de pessoas forma nas filas, para a simples compra de selos, vários guichês estão fechados. De certo que, naturalmente, os seus funcionários devem estar em horas regimentais de descanso; mas, por que não há substitutos para os mesmos? Outra particularidade: na Agência da Lapa, enquanto o guichê de registrados com valor está superlotado, o de Vales Postais fica na vez de fazer tricô. Bem sabemos que êstes problemas são de pessoal, e o Diretor Geral dos Correios e Telégrafos não dispõe de verba para aumentar funcionários; mas que o público se vê prejudicado é um fato. Com os Ambulantes, porém, a coisa vai melhorar. Um presente de Natal, do DCT aos cariocas.

A EXPERIÊNCIA DO URUGUAI

O povo uruguaio não terá mais Presidente da República. De agora por diante, será uma Junta de nove membros quem governará o país. O fato não teve a repercussão que deveria ter, pois é o único país dêste continente a pôr em prática um regime fora do geral das repúblicas sul-americanas. O fato se verificou a 16 de dezembro dêste ano de 1951, através de um plebiscito. A votação não foi convincente: 404 mil, 373 eleitores, de um total de 1.158.993 eleitores devidamente inscritos em tôda a República. Daquele total, que se manifestou pró e contra o novo sistema de govêrno, 195.982 responderam "Sim", enquanto 168.611 disseram "Não". Houve 39.780 votos nulos. A abstenção chegou a ser quase de setenta por cento, o que mostra o desinterêsse do povo pelo plebiscito, ou então, que não houve propaganda intensa e extensa em todo o território nacional, para mobilizar os eleitores para a votação do dia 16. Há ainda outro fato que merece estudo: na capital do país, Montevidéu, a manifestação das urnas foi desfavorável à reforma. Tomaram parte 19.532 votantes, sendo "Sim", 8.549, e "Não", 10.829, com 154 anulados. Ora, é evidente que o eleitorado mais esclarecido está na capital do país. Mas, apesar da pequena percentagem de votantes, e a maioria de Montevidéu ser contrária à mudança do regime o Presidente da República deu por terminada a sua tarefa e de agora em diante vai o país ser governado por uma Junta de nove membros em lugar de um presidente da República. Se o Uruguai fôsse uma grande potência bem armada, o fato seria sensacional. Mas, seja como fôr, o caso envolve um assunto importante, digno de análise.



A PERSONAGEM DA SEMANA



General Estilac Leal

NO momento em que é redigida esta nota, ainda se ouvem os últimos acordes dos cânticos do Natal, infelizmente, entre nós, de mistura com os pruridos desagradáveis de que algo se prepara, subterrâneamente, contra a ordem política vigente. Dissemos "pruridos", para usar expressão mais suave. Porque, na verdade, o que se tem verificado nestes últimos dias, são gritos de alarma partindo não apenas de certos órgãos da imprensa, mas também de autoridades e pessoas gradas. São planos de ação extremista que aparecem descritos com todos os relevos e características em linguagem clara, positiva e franca. E, ao lado dos planos denunciados, desfilam com tôdas as letras, nomes de pessoas de destaque no meio brasileiro, notadamente o do Sr. General de de Divisão Newton Estilac Leal, Ministro da Guerra do atual Govêrno. Não temos em mão, é claro, elementos bastantes para que possamos saber, exatamente, onde se situam os limites da verdade no meio de tudo isso. Mas, não há dúvida que, em face do que se tem dito, as atenções do país na semana que passou, se voltaram de maneira especial para a pessoa de Sua Excia. o Sr. General Estilac Leal. E' provável que, quando a presente edição estiver circulando, Sua Excia. que se tem mantido em silêncio até ao momento em que fazemos estas linhas, já tenha falado à Nação da qual é um dos mais ilustres filhos, ou ao Govêrno, do qual é um dos mais destacados auxiliares. E a sua palavra valerá muito, virá com grande oportunidade, não só porque provém de alta patente, como também, e sobretudo, porque é S. Excia. aquilo que tôda gente sabe: Ministro da Guerra de um país em que êste ou aquêle regime tem sua subsistência quase que totalmente dependente das fôrças armadas.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

E, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutivel factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

(Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

AVENTURA · SENSAÇÃO · INTERESSE



TUDO PORÉM DENTRO DE UM INFLEXÍVEL CRITÉRIO DE SELEÇÃO

É o que os leitores encontram em algumas histórias que completam os mil assuntos diversos do

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL POR Cr$ 25,00

Informações sôbre o Ano — Calendário Católico e Calendário Israelita

•

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR RICAMENTE ILUSTRADOS

•

Um magnífico e empolgante romance: **"ESTRÊLA DA MANHÃ"**

HISTÓRIAS PARA ADULTOS E PARA CRIANÇAS, PARA O HOMEM E PARA A MULHER.

ANEDOTAS ★ CHARADAS ★ CURIOSIDADES SÔBRE A VIDA ★ NOTAS PARA O LAR ★ QUEBRA CABEÇAS ★ PASSA-TEMPO.

Leia o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um livro com cêrca de 00 páginas escolhidas e feitas para todos os gostos do público

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL

CIA. EDITORA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO



ARRELIA, O FABULOSO homem dos 7 instrumentos, atua no cinema, no rádio e na TV. — "Agora tiro a cabeleira, limpo o rosto, troco de roupa e volto a ser Waldemar Seyssel, pai de família, respeitável cidadão que ama o sedentarismo e as carícias da vida moderna. Nada de carroções e barracas, isso era antigamente!"

OS PALHAÇOS JÁ NÃO SÃO NÔMADES

TROCARAM AS BARRACAS POR APARTAMENTOS COM AR CONDICIONADO E OS CARROÇÕES POR "RABOS-DE-PEIXE" ★ DE INCULTOS SALTIMBANCOS A ESTUDIOSOS BACHARÉIS EM DIREITO ★ NÃO CONFUNDIR CIRCO COM ARTE ★ ARRELIA E PIOLIN, OS "MAIORAIS" ★ O PRIMEIRO É PALHAÇO DE CIRCO, DE RÁDIO, DE TELEVISÃO E GALÃ DE CINEMA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de DARIO TERINI

S. PAULO, Janeiro — Nos tempos idos, a gente de circo, e muito especialmente os palhaços e acrobatas, nada mais era do que simples saltimbancos, que perambulavam pelas estradas poeirentas, à cata de um níquel que lhes desse o que comer e fôrças para continuar a viagem de sempre, para as bandas do desconhecido, sem nunca parar. Era como se, ao nascer, lhes tivessem injetado, no sangue, o virus de «globe trotters».

Naquelas eras, as mulheres usavam saias rodadas e os homens, ao menor desacato, desembainhavam suas espadas, para lavar com o sangue dos desafetos, a honra ultrajada. Os saltimbancos, essa gentarada barulhenta que invadia cidades a dar gargalhadas, nada disso usava. Os homens evitavam as armas. Eram acrobatas, eram palhaços, simplesmente, rudes e incultos. Todavia, têm as glórias de haver sido os introdutores do circo na vida social dos povos. Nasciam e morriam, percorrendo terras, sem conhecer o sentido exato da palavra lar, sem saber o que se fazia em uma escola. Assim viveram e morreram milhares de homens e mulheres, famosos nos tempos das calechas e das diligências, doando, aos seus continuadores, a vida nômade dos circos.

MUDAM OS TEMPOS

Todavia, os tempos mudaram e, com êles, o homem do circo. E' dêle que falaremos hoje: o palhaço. Porém, não iremos contar, novamente, em prosa, a famosa e multiparodiada poesia do palhaço, homem que ri no picadeiro, alegra multidões frenéticas, enquanto a mágua de uma grande tragédia lhe fere o coração.

Falaremos, isto sim, sôbre a mudança que o tempo operou nos palaços. Palhaço, antigamente, era apenas sinônimo de engraçado, de indivíduo que tinha



UM NÚMERO difícil: equilibrar uma garrafa prêsa ao sarrafo. Mas o público continua rindo dêsse truque.



UM TANGO, de quando em vez, faz bem. E êle também ri, porque palhaço moderno não tem drama!



POR QUE bebes tanto assim, rapaz? E Henrique toma o copo do sobrinho, um cômico de grande futuro

o rosto cômicamente pintado, trajando roupas espalhafatosas e que, dando um simples passo, fazia rir tôda uma assistência, tão ridícula era sua aparência. Fora do circo, poderia ser um boêmio inveterado ou um homem simples. Contudo, nunca um estudante ou um homem culto. Era o palhaço, apenas, motivo dos chistes da garotada e retrato esfrangalhado de uma época.

MODIFICAÇÃO

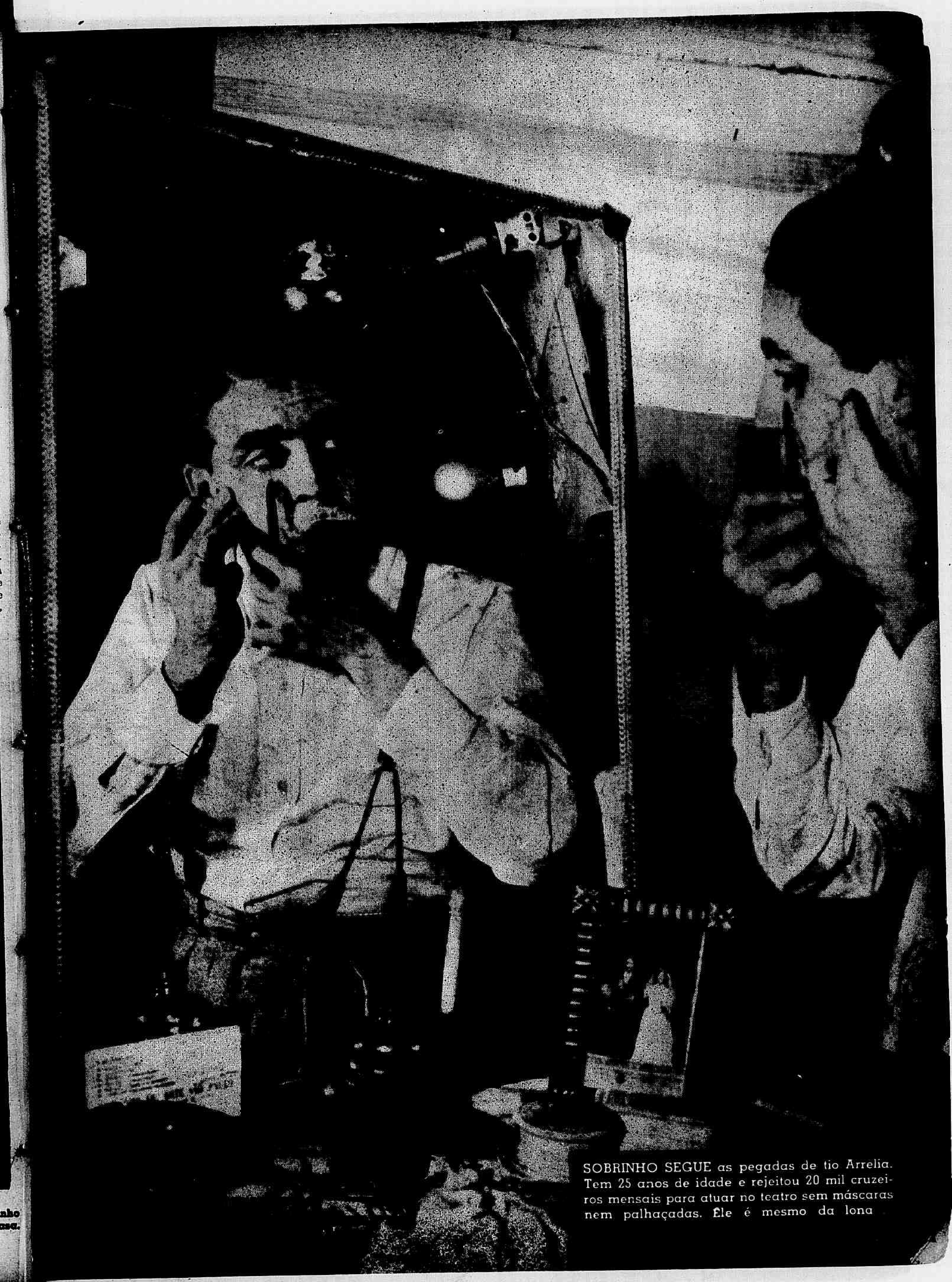
E' evidente que muita gente ficará admirada se eu disser e afirmar, mesmo, que muitos dos palhaços que vemos nos circos e ouvimos nas radioemissões são formados. Estudaram, cursaram uma escola primária, um curso secundário e chegaram até às bancas universitárias. Abandonaram, literalmente, o nomadismo doentio de seus antepassados, alugaram ou compraram casas e apartamentos, tiraram carta de chofer para dirigir seus «rabos-de-peixe» e tiveram filhos que hoje são estudantes aplicados. De fato, é um tanto paradoxal se falar em circo e em sedentarismo ao mesmo tempo. Contudo, foi o que sucedeu.

OS CIRCOS DE S. PAULO

São Paulo tem dois palhaços famosos. Tão famosos para nós quanto o foram seus antepassados para os nossos pais e avós, bem como os circos que lhes foram legados como herança de família. Um é o conhecidíssimo Piolin, criador daquele enorme e engraçado colarinho duro e daquela gigantesca bengala negra, com que esbordoa seus «partners» durante todo um ato. Outro é o Arrelia que, moço ainda e já avô, divide suas atividades entre o circo, o rádio,



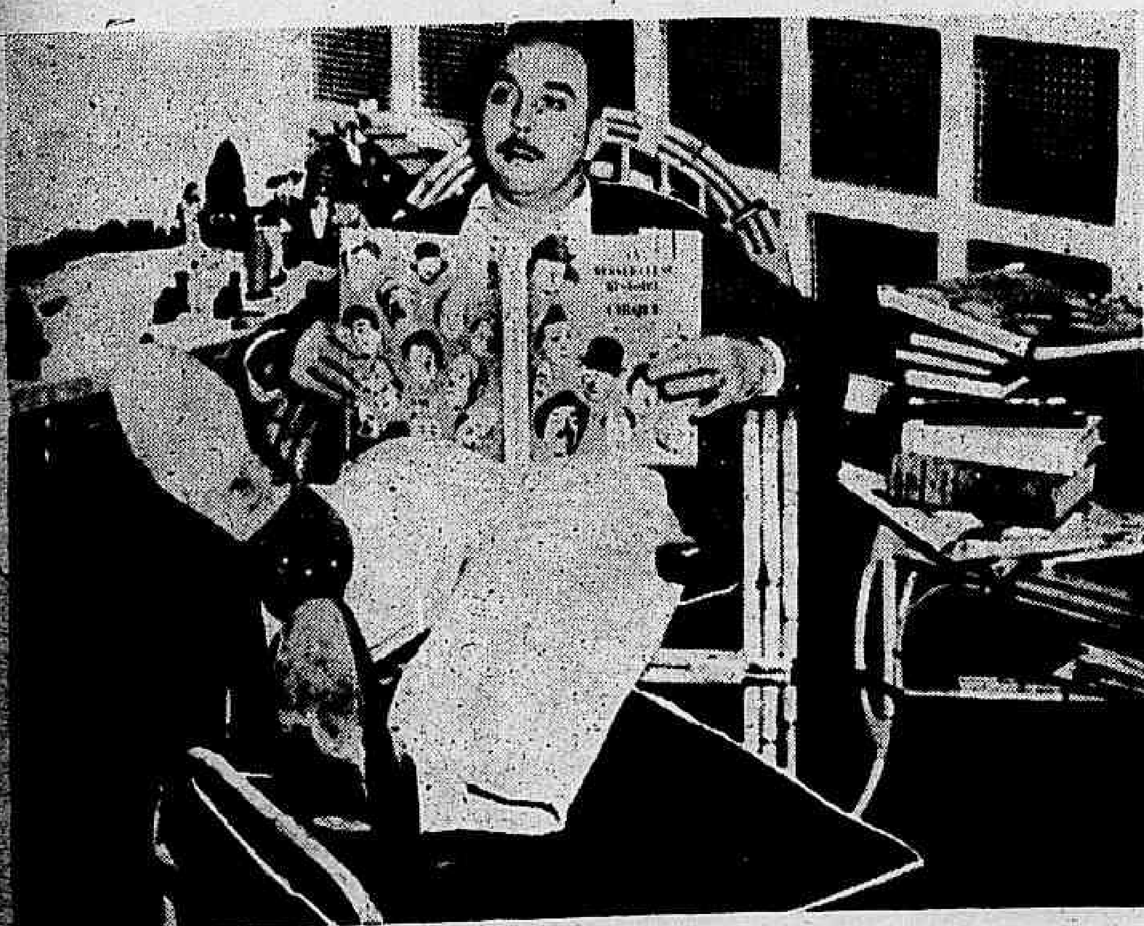
A BÔLSA OU A VIDA! — "A vida — diz êle — pois a bôlsa, preciso dela para a velhice". O tiro espouca, enche o ar de fumaça e cheiro de pólvora. Tomba mortinho "da silva". Minutos depois, solta uma bola esquecendo-se que está morto e novo mar de gargalhadas alegra a noite no circo. Arrelia não leva tristezas para casa.



SOBRINHO SEGUE as pegadas de tio Arrelia. Tem 25 anos de idade e rejeitou 20 mil cruzeiros mensais para atuar no teatro sem máscaras nem palhaçadas. Êle é mesmo da lona



ONTEM E HOJE... Outrora, os palhaços não dispunham de tempo, pois a constante vida nômade os obrigava a trabalhar em tôdas as cidades. Hoje, êles tomam o melhor uísque escocês, na calma acolhedora do seu "living-room", que moram em c nfortáveis apartamentos e conhecem as delícias de um pijama de sêda...



WALDEMAR SEYSSEL, quase doutor em Ciências Jurídicas, enche as horas que lhe sobram da faina diária lendo... "A maravilhosa história do circo".



"ARRELIA" EM FAMÍLIA: Mesa bem posta, com certa elegância, como no melhor restaurante e a família tôda reunida: O lar feliz de um palhaço moderno.



"ATÉ LOGO, querida!" Um beijo de despedida e Arrelia vai para o "batente" para fazer rir aos outros!

a televisão e o cinema. E' o protótipo do palhaço moderno.

Seu nome verdadeiro é Waldemar Seyssel e descende de família cujos tetravós já eram gente de circo e haviam corrido meio Brasil, antes da atual geração fixar residência em São Paulo. A família é composta de 28 membros, todos dependentes do circo e nascidos nos mais diferentes Estados da União.

O PALHOÇ «ARRELIA»

Waldemar, nos tempos de estudante, criticava as atuações dos irmãos, taxando-as de medíocres. «Vocês soltam cada piada — costumava dizer — que a assistência, ao invés de rir, tem vontade de chorar!»

Assim foi até que, com 17 anos de idade, lançaram-no, às brutas, e à fôrça, à frente de um auditório lotado,sem saber o que fazer. Só sua aparição, inesperada, bamboleante, com cara de mêdo e de chôro, transparecendo comicidade por sob a máscara de pintura, fêz com que os presentes «estourassem» de rir. Então, sem outra saída, Arrelia contou algumas anedotas, fêz algumas palhaçadas, mexeu com todo o mundo e venceu a primeira etapa de sua careira.

(Cont. na pág. 54)

BARRETO PINTO? Não... "Arrelia" dando os últimos retoques no vestuário. Em casa não faria isso, mas no circo, com seus apertados camarins de madeira e lona, vale tudo. Confôrto e bem-estar, só no lar!

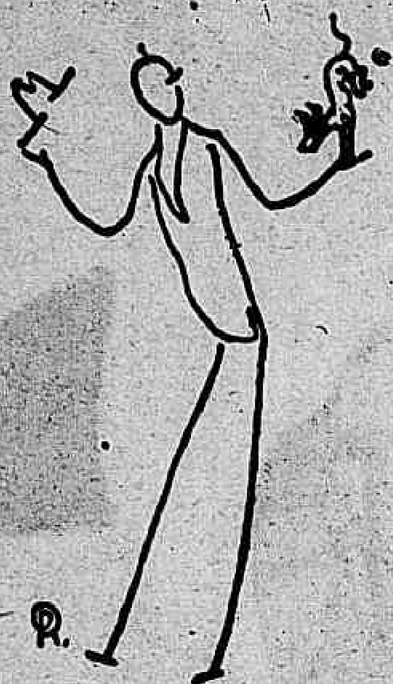


E' PRECISO TRATAR bem do caçula: "Arrelia" dá de comer ao filho mais novo, que é quase da idade de sua netinha... E êle tem jeito para a coisa...



WALDEMAR SEYSSEL, o popular "Arrelia" dos picadeiros paulistas, medita sôbre as belezas do livro que está lendo. Ou estará apenas saboreando o uísque?

BOAS FESTAS



O inconfundível cartão de boas festas, de Raul, não podia faltar. E' sempre com satisfação que o recebemos, num atestado vivo do ato de presença do grande humorista brasileiro.

Temos a satisfação de registrar o recebimento de novas mensagens de Festas, que agradecemos e retribuimos: Agência Zambardino — L. J. Costa & Cia. Ltda. — Estevam Carraro (Erechim, Rio G. do Sul) — Schilling-Hillier S. A. Industrial e Comercial — Cia. T. Janér — Clube de Regatas Vasco da Gama — Tecnigráfica S. A — Livraria Agir Editôra — Aero-Geral Ltda. — Edmundo de Abreu e família — Cia. de Cigarros Souza Cruz — Associação Brasileira de Rádio — Artega Ltda. — Antônio Ramos Pitta — Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música — Grant Advertising Publicidade S. A. — B. Herzog Comércio e Indústria S. A. — Pan American World Airways — Construtora Meanda, Lobão Ltda. — Tintas Supercôr Ltda. — Raul Pederneiras — Publicidade Silva Araújo Ltda. — César & Ribeiro (S. José do Rio Prêto) — Alfredo Souza (Bahia) — Nicola Spinelli — Sant' Ana, Ribeiro & Cia. — Rio Publicidade — Cia. Importadora Gráfica Artur Sievers (S. Paulo) — Banco Português do Brasil — Fruhwald & Tager — Maria Cândida de Campos — Gráfica Mar Ltda. — Faber & Schleicher A. G. Offenbach A. M. — Record Propaganda Ltda. — Casa Wolf — Enoscit & Browne, Inc. of Brazil — Mc Cann Erickson Corp. of Brazil — Bernard Campos (Footé, Cone & Belding Int.) — "Pelmex" do Brasil S. A.



PARE!
A QUEDA DE SEUS CABELOS
USANDO
PETROLINA MINANCORA
O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

O PEQUENO CONTO

MEIAS PARA TODOS OS USOS

GEO WILLIAM



O chefe dos investigadores mandou chamar o detetive John Ray. Vendo-o em atitude respeitosa junto à sua mesa de trabalho, disse:

— Você fica encarregado do "caso das meias". Quero trabalho limpo e rápido. Nada de "molezas" e nem de "encostos". Estamos entendidos?

— Perfeitamente, chefe.

Saiu o policial, tomou conhecimento de certos pormenores colhidos nas primeiras investigações e lançou-se a campo, sequioso por um sucesso que aumentaria seus pontos e, quiçá, resultasse numa promoção mais rápida.

O "caso das meias" era um roubo audacioso num depósito dêsses estojos de sêda para pernas bonitas e o montante do prejuizo beirava quase um quarto de milhão. Trabalho limpo tinha sido o dos ladrões, que deixaram o mesmo rastro que os peixes deixam dentro dágua...

Uma hora depois de ter começado a sua tarefa, estava o policial com os olhos duros como ovos cosidos de tanto olhar para as pernas das "donas" e, isso, para ver se conseguia apanhar o fio da meada, por serem, as meias roubadas, de determinada marca e côr.

Sem o querer, fêz um curso acelerado sôbre a beleza das extremidades femininas e, pelo que lhe tinha sido dado ver, por estar exposto de acôrdo com a moda, fácil lhe foi imaginar tudo quanto andava oculto.

Num bar, onde entrara para apagar a sêde, notou a moça que exibia, sentada como estava, lindíssimas pernas enfaixadas com as meias que êle tanto buscava; sentiu o golpe no coração. Estava na pista e o acaso, êsse grande amigo da polícia, auxiliara-o poderosamente!

Não lhe foi difícil abordar, com uma desculpa arranjada na hora, a moça. Entabularam conversação. A certa altura, êle, o arguto, cometeu uma indiscreção quando disse:

— A senhorita uma meias lindíssimas! Eu desejaria comprar um par assim para a minha noiva... Não me poderia indicar a loja onde as comprou?

A mulher dilatou um pouco as pupilas, como fazem os gatos. Notou-lhe, o detetive, um ligeiro rictus no canto da bôca. Tinha dado em cheio no alvo e agora tratava-se de chegar ao fim da jornada.

— Caso o sr. queira — retrucou a moça — posso levá-lo ao vendedor. E' um particular e creio que sòmente vende meia dúzia de pares, no mínimo.

— Não tem importância...

E seguiram. Durante o percurso, John Ray chegou a estranhar a facilidade com que os fatos se desenrolaram. Ou a moça era grande ingênua ou refinada quadrilheira.

Mas, o estar de sobreaviso pouco lhe adiantou, porque dois dias depois foram encontrá-lo estrangulado com uma meia de sêda, no fundo de um corredor.

Como remate, dependurado a uma das pontas da meia finíssima, um bilhete que dizia:

"Estas meias servem para vários usos, sendo que um dêles é estrangular policiais afoitos".



ENLACE MARIA DE LOURDES NOGUEIRA - ABRAMO FAZIO

ACONTECIMENTO de marcante significação social em São Paulo, foi a cerimônia religiosa do casamento da srta. Maria de Lourdes Nogueira, filha do alto comerciante Joaquim Alves Nogueira, com o sr. Abramo Fazio, comerciante no Recife. O tradicional templo da Matriz do Divino Espírito Santo, onde teve lugar a bênção nupcial, no dia 15 de dezembro próximo findo, ficou repleto de figuras de destaque da alta sociedade da paulicéia, que foram levar seus cumprimentos ao jovem par. Patrocinaram o ato, por parte da noiva, o capitalista sr. José Domingos Soares Rapyo e senhora, e, por parte do noivo, o sr. Antonio Fazio Sobrinho, comerciante, e sua exma. senhora. As fotografias que ilustram a presente nota são flagrantes das brilhantes solenidades, feitas pela objetiva do fotógrafo amador S. Sagae.







A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Costance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal, estava Roger sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitzao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouvia dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas, quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá em cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary, Barry e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontra a sós com Leila, declaraseu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se trata. Roger Poole trouxe de volta a Barry, e Mary se mostrou profundamente grata. Em setembro, com o regresso de todo mundo para a cidade, Mary muito se rejubilou com a chegada de sua irmã Connie e o espôso Gordon. Houve um jantar no castelo, para o qual Roger Poole fôra também convidado. . . . .

— Êle é uma pessoa muito distinta. Con... prestou grande auxílio a Barry.

...a primeira vez que elas falavam do ... Então Constance, com algum esfôrço ...unta:

— A propósito, como se vai por aqui ...Barry?

— Êle se está tornando um homem. ... àrduamente para tornar-se digno de ...la.

— Gordon acha que êles não deveriam ...ar-se noivos.

As duas irmãs se encontravam nos apo...tos de Mary, que estava sentada à sua ...retária e ia redigir o menu para o jantar. ...ergue a cabeça, depõe a pena a um ...do, e pergunta:

— Assim? E você disse a Gordon?

— Claro. E êle acha que Barry devia ...para fora, viajar.

— Para aonde?

— Para bem longe, de maneira a dar a ...ila a oportunidade de esquecer-se dêle.

— E pensa você que ela vai renunciar ...êsse amor?

— Gordon está convencido disso.

Mary torna a fitar a irmã:

— Não estou pedindo a opinião de Gor...on, mas a sua, o que você pensa.

— Eu penso como Gordon.

Como, diante dessa resposta, Mary fi...sse ligeiro gesto de impaciência, a irmã ...crescenta:

— Gordon é muito sensato. De comêço ...ve a impressão de que êle estava sendo ...uro nos seus julgamentos sôbre Barry; mas ...le conhece muito bem os homens, e disse que, permanecendo Barry aqui em Washington, no meio de suas antigas amizades, jamais Barry se emendará. E outro empecilho é a própria Leila.

Mary sabia que Leila não tinha culpa nenhuma na sorte de Barry, nem influiria em seu futuro, a não ser para o bem. Sempre imaginara isso. E se sentia bastante irritada com a maneira de Gordon interferir na vida privada de Barry, como se quisesse ser o árbitro de seu destino.

— Oh! Isso é um assunto absolutamente espinhoso, Connie! — Diz ela. E deixa a questão de lado. — Não falaremos a êsse respeito por enquanto. Há tanta coisa a dizer! E é para mim grande satisfação tê-la novamente ao meu lado.

Constance, ainda fatigada da viagem, estava muito bem acomodada no divã de Mary.

— Se você soubesse o quanto me julgo feliz! E' verdadeiramente preciso que uma mulher se case para conseguir o que esta felicidade representa. Uma fôrça masculina é uma maravilha, e todos os cuidados que Gordon me dispensa, Mary, me fazem desejar também para você, um espôso como Gordon, com o que eu me sentiria perfeitamente contente.

Havia aí, com tôda a intensidade, o eco daquele pedido de tia Frances à sua sobrinha, e Mary, reprimindo tôda a indignação contra o homem que lhe havia roubado a irmã, lhe respondeu com certo amargor.

— Pode conversar comigo durante um minuto e esquecer que tem um marido?

— Não preciso esquecer Gordon, foi a resposta serena, pois êle está por detrás de todos os meus pensamentos.

Mary retoma a caneta e, com traço nervoso, escreve: *sopa*. Em seguida fala:

— Constance, querida, — diz ela — será que você vai achar horrível se me vir trabalhar?

— Que sorte de trabalho, Mary?

— Num Ministério, como estenógrafa.

— Mas você não entende nada disso, querida.

— Engana-se. Eu entendo de estenografia. Estudo-a desde que você partiu.

— Mas, para quê, Mary?

— Ora, para quê! Você não compreende, então, Constance? Eu não posso contar com Barry para o futuro. Eu não desejo ficar na dependência de tia France, e esta casa consome simplesmente o pouco que papai nos deixou. Por ocasião de seu casamento, eu pensei que o aluguel do apartamento da Tôrre, me permitiria desafogar; mas isso não é suficiente. Eu não quero vender a casa. Amo as mais pequeninas parcelas destas velhas pedras e destas árvores. Além do mais, de qualquer maneira, deverei cruzar os braços e ficar inativa, durante todo o resto de minha vida, apenas porque sou mulher?

— Mas, Mary, minha querida! Você se casará! Você tem o Porter!

— Constance! E' — me impossível considerar o casamento sob êsse aspecto, como numa oportunidade para fazer alguma coisa. Oh! Connie. Deixe-me, ao menos, esperar que o amor surja.

— Querida, é claro que tem de esperar. E estou de acôrdo; mas você bem poderia viver conosco. Gordon jamais consentiria que você trabalhasse. Êle julga que é uma coisa horrorosa uma mulher ter que lutar para manter-se.

Mary move a cabeça, negativamente.

— Não, Connie. Isto não seria justo em relação a vocês. A presença de um intruso jamais foi desejável num lar feliz. Se algum dia êsse duo de vocês vier a tornar-se um trio, que não seja o terceiro a minha voz desajeitada, que não seria senão discordante na sua casa, mas a de uma vozinha balbuciante de um pequenino ser abençoado...

Mary ergue para a irmã os seus olhos, e vê que a outra estava também enlevada, tímida e um tanto amuada. Mary se lança para ela e se ajoelha ao pé do divã.

— Querida! Querida!

Agora já o assunto tinha que ser discutido em relação ao menu, com a chegada de Susan Jenks, que vinha pedir o cardápio a Mary. E Mary a pôs a par de suas palavras com a irmã. A sorte do jantar estêve, positivamente em perigo, até que Mary, voltando à realidade, beija a irmã e volta à secretária, esforçando-se para elaborar o menu com cinco pratos capazes, todos êles, de satisfazer ao paladar dos convivas e de proporcionar a Susan Jenk uma oportunidade a mais para comprovar os seus talentos culinários.

Ao jantar, no dia seguinte, à noite, Gordon Richardson olha seguidamente e com persistência para Roger Poole, e, quando sob a luz da lua de setembro, os homens saíram para o jardim, a fim de fumar, Gordon lhe disse:

— Até que enfim, já me lembrei onde nos conhecemos antes. Reconheci-o, afinal.

Roger fêz um gesto de assentimento.

— Eu bem pensava que já o conhecera antes. O senhor foi um dos meus jovens colegas de Saint-Martin. O amigo não mudou muito; mas eu ainda não estava muito certo.

Gordon hesita. Mas prossegue:

— Eu ouvi dizer que o senhor havia entrado para uma Ordem religiosa.

— E' exato. Dirigi uma paroquia no Sul, durante três anos.

— E a abandonou?

— Sim. Abandonei-a.

E foi tudo. Nenhuma palavra de explicação conforme Gordon esperava. Nada mais do que esta declaração: "Abandonei-a".

A seguir êles palestraram sôbre Sain-Martin, de suas experiências de adolescentes. Mas Roger percebia que Gordon não ocultava a surprêsa por ter o colega abandonado a carreira de pastor, e parecia perguntar aos seus botões: "Porque" terá sido?"

Os dois homens estavam sentados no banco de pedra onde, tantas vêzes Roger se entregava a trocas de idéias ao lado de Mary. O jardim mostrava os primeiros sinais de fim de estação. As fôlhas de tons vermelhos haviam cedido lugar ao verde luxuriante e odoroso das florações do estio. Ainda restavam dálias, crisântemos e cosmos, mas o jardim havia perdido sua glória. Nesse instante apareceu Mary. Trajava ligeiro mantô de sêda purpurina que pertencera a Constance. Quando ela passou sob os reflexos da lâmpada da rua, Roger se lembrou, sùbitamente, da floração de certo arbusto que se enfeitara bruscamente na primavera, como uma flame. Tinha sido um dos primeiros a florir, e Mary colhera então uns ramos muito bonitos e os fôra colocar no vaso de flores lá da mesa do apartamento de Roger.

Ao chegar perto de ambos, disse ela:

— Constance o chama, Gordon. Alguém está telefonando sôbre um jantar e ela não pode decidir sem você.

Mary sentou-se ao banco e Roger, que se havia levantado à sua aproximação, conservou-se de pé sob o caramanchão que já apresentava suas flores fanadas.

— Sabe, disse êle, que, quando a senhorita chegou ao jardim, eu tive a impressão de que êle reflorescia?

Até então nunca Roger falara assim. E repetiu:

— Com a sua chegada, foi como que se o jardim houvesse reflorescido.

Sentou-se ao seu lado.

— Se não houvesse a hipótese de a senhorita ser chamada dentro de alguns instantes, eu desejaria dizer-lhe algo.

— Ninguém vai chamar-me. Pelo menos assim penso. Grace Clendenning, está a ponto de convencer. Porter de que está êle na hora de se habilitar à mão de uma mulher. Ela desempenha o papel com tanta perfeição e arte, age tão sèriamente, que Porter se mostra interessado, apesar de sua resistência. Barry e Leita estão lá no terraço, olhando a lua refletindo-se nágua do rio. Tia Frances e tia Isabelle estão no salão com o general por causa do ar frio, de maneira que não há ninguém mais no jardim, senão o senhor e eu.

— A senhorita e eu, repetiu êle como num eco. E se calou.

Mary estava intrigada com essa atitude. E esperou, braços envoltos em seu mantô rubro. Por fim êle falou:

— Seu cunhado e eu fomos colegas de colégio. Estudamos juntos.

— Gordon?

— Sim. Em Saint-Martin. Êle era mais jovem do que eu, e nos conhecemos muito pouco. Mas eu o reconheci. E êle, após hesitações, também se recordou.

— Como é interessante!

— Êle me interrogou sôbre uma cousa que eu jamais disse à senhorita, e agora desejo que saiba.

Roger estava achando difícil confessar, com os olhos da moça fixados sôbre êle, brilhantes como estrêlas.

— Seu cunhado ouvira dizer que eu entrara para uma Ordem, e que possuira uma paroquia. E foi verdade o que lhe disseram. Durante cinco anos fui pastor de uma igreja numa paroquia do sul.

— O senhor?!

Mary pronunciou apenas isto. Uma pequena nota de incredulidade.

— Sim. Eu desejava dizer-lh'o antes que viesse a saber por intermédio de Gordon, e pensar que eu estava ocultando coisas de minha vida que a senhorita já deveria ter sabido. Mas não estou ainda certo de que, mesmo agora, seria conveniente dizer-lhe.

Mas, na véspera do Natal o senhor me disse que não acreditava na religião.

— E' exato.

— E foi por essa razão de descrença que abandonou a igreja?

— Não. E' uma longa e triste história. Mas, parece que devo contar-lha.

O vento se animara e espalhava uma bruma que vinha lá da fonte. As fôlhas mortas começaram a sussurrar. Mary estava ansiosa, e parecia tremer.

— Oh! A senhorita está com frio, e eu aqui a retê-la!

Não, diz ela maquinalmente, não tenho frio. Estou bem agasalhada com o mantô. Peço-lhe que continue.

Mas Roger não poderia ainda dizer-lhe sua história, pois o facho luminoso de possante farol de auto ilumina o lugar em que estavam, enquanto grande limusine pára ao pé do terraço. Ouviram o rir cristalino de Delilah Jeliffe e, em seguida, a voz de Porter no jardim.

— Mary, você está aí?

— Sim.

— Grace e sua mãe já se vão, e aqui está chegando Delilah e o Sr. Jeliffe que vêm mostrar-lhe seu novo carro.

Porter falava em tom de desaprovação profunda. Mary, contrariada, se levanta e lhe diz quando Porter se aproximava dos dois:

— Oh! Porter! Vou ser obrigada a aturar a tagarelice de Delilah durante o resto da noite?

— Você me condenou a suportar a de Grace. Chegou agora a vez de ser punida.

— Mas não quero ser castigada. Além disso, estou exausta Porter.

Era uma palavra nova no vocabulário da jovem. E Porter disso procurou tirar partido:

— Seremos desembaraçados de Delilah imediatamente, e Gordon e Constance virão conosco, dar um passeio ao luar, na estrada larga. Não é isso que lhe convém, menina?

Roger, em pé diante da fonte, permanecia em silêncio. Através do véu de bruma, o menino de bronze parecia sorrir maliciosamente. Nos muitos anos em que alí já vivia, cavalgando o seu delfim, já vira encontros de mulheres e homens, sob os ramos floridos do caramanchão. A todos havia sorrido, e cada um interpretava o seu sorrir conforme o seu próprio estado dalma, seu humor pessoal. O humor de Roger, naquele momento, era a de um revoltado impotente contra o ar de mandonismo que se percebia em Porter, sobretudo quando Mary, mostrando-se friorenta, Porter lhe aconchegou o mantô às espáduas, fixando uma presilha com dedos hábeis, e dizendo negligentemente:

— O senhor vem conosco, Porter?

— Não. Agora não.

Diante daquele pequeno garôto de bronze os dois homens se mediram com o olhar sob a luz da lua. Então, Mary falou:

— Sr. Poole, estou tão contrariada por não poder ouvir a continuação da história...

— Terminá-la-ei numa outra ocasião.

Mary hesita, os olhos fixados nos dêle. Não havia dúvida que ela desejava falar, mas a presença de Porter a detinha. Então ela sorriu para Roger, com os lábios e com os olhos. Tudo muito rápido, nada mais que um reflexo, mas êle se sentiu reconfortado. E, quando ela se afastava em companhia de Porter e passava, mais uma vez, à luz da lâmpada que transformava em flor ardente a sêda rubra de seu mantô, Roger a seguiu com o olhar triste, perguntando a si mesmo se antes ela já lhe sorrira como o fizera naquele momento, ao falarem sôbre a continuação da sua história.

Delilah, que voltava à cidade depois de um verão triunfal, era o centro de atenções de um grupo alegre sob a entrada. No instante em que Mary chegou ao pé dela, ela estava a dizer:

— E nós alugamos uma adorável casa antiga em Georgetown sem brilhos nem magnificiências. Tudo amortecido como nas estampas japonesas; cinzento-pálido e azul sombrio, com um toquezinho de negro. Êste vestido dá uma idéia.

Ela estava com uma roupa de tafetá cinza, cintura de azul antigo muito suave e um colar de pérolas negras. Seu rosto estava sem artifícios, enfeitado apenas pelo negror dos seus cabelos e a brancura de sua tez bela.

— Magnífico, diz Barry.

Ela concorda:

— Sim. Precisei de muitos anos para descrobrir certas coisas.

Delilah olha para Grace e sorri.

— Para você não foram precisos tantos anos, não é verdade?

Grace lhe respondeu com um sorriso. Essas duas mulheres eram mais diferentes do que os dois polos. Grace estudava sua própria pôse porque lhe agradava fazer da moda uma arte bela. Delilah estudava a sua para impressionar. Mas cada qual via na outra uma similitude de gôsto e de disposição, e o sorriso que acabavam de trocar era o da compreensão.

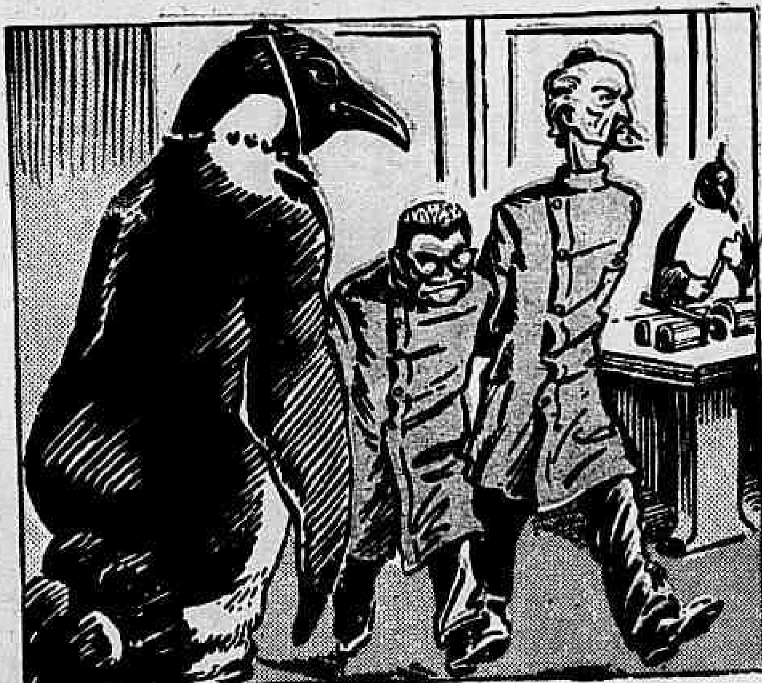
(Continua no próximo número)

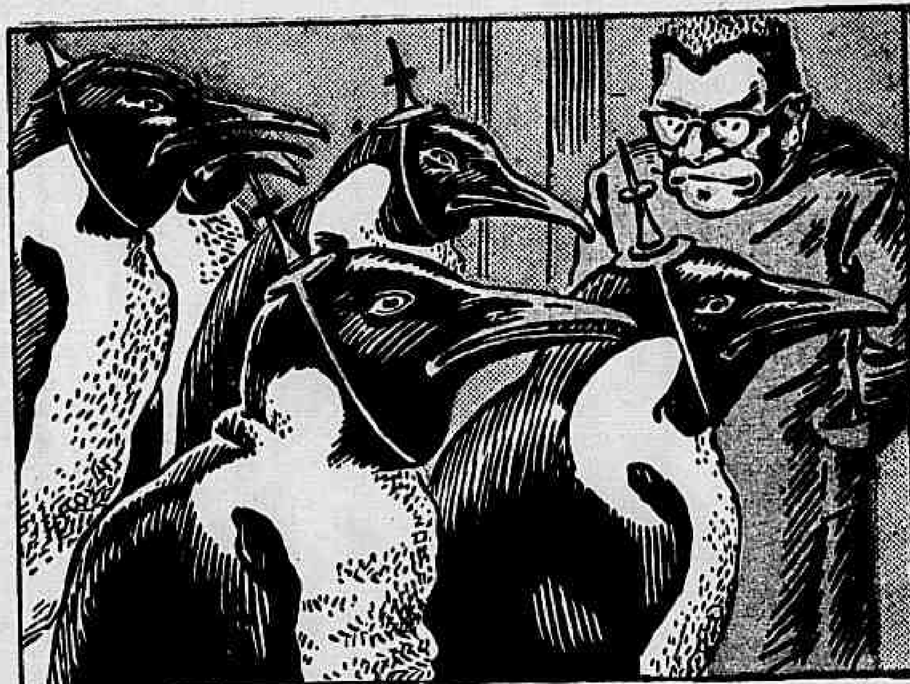
Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB







31 Rob apanha o pinguim empalhado, retira-lhe todo o enchimento e se mete dentro da carcassa. E já era tempo. Lupardi e Yoto aparecem e passam rente a êle. Mas Rob já estava sôbre o pedestal. O coração lhe bate de tal forma que parece querer sair pela bôca. Felizmente os dois passam sem notar nada de anormal. "Mande parar o trabalho, Ycto!" — ordena Lupardi. "O submarino deve estar manobrando para entrar em ação" — diz êle. Imediatamente se fêz completo silêncio na oficina. Os pinguins se retiraram em fila. Yoto os observa atentamente, sem descobrir, entretanto, o "pinguim" Capitão Robe...

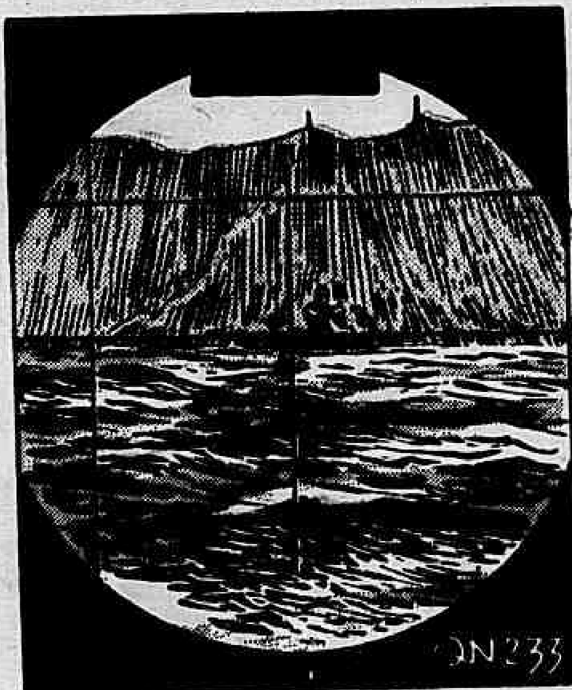






32 Metido entre os pinguins. Saiu Rob portas a fora, confundindo-se com os verdadeircs. Dentro de poucos minutos os pinguins se foram espalhando pela ilha e Rob tratou de procurar o caminho da libertação. Corre a tôda pressa até onde estava o seu "Liberty" e desce pelo mastro. Não deveria fugir no mesmo, e preferiu um bote salva-vida de borracha. Rema com fôrça e percebe que não há notícia do submarino. Súbito, ao longe, avista grande cardume de baleias! Pela grande distância em que ainda se encontra, não lhe podem fazer mal. "Mas — pensou — que terá sucedido ao submarino?" Não o via por ali





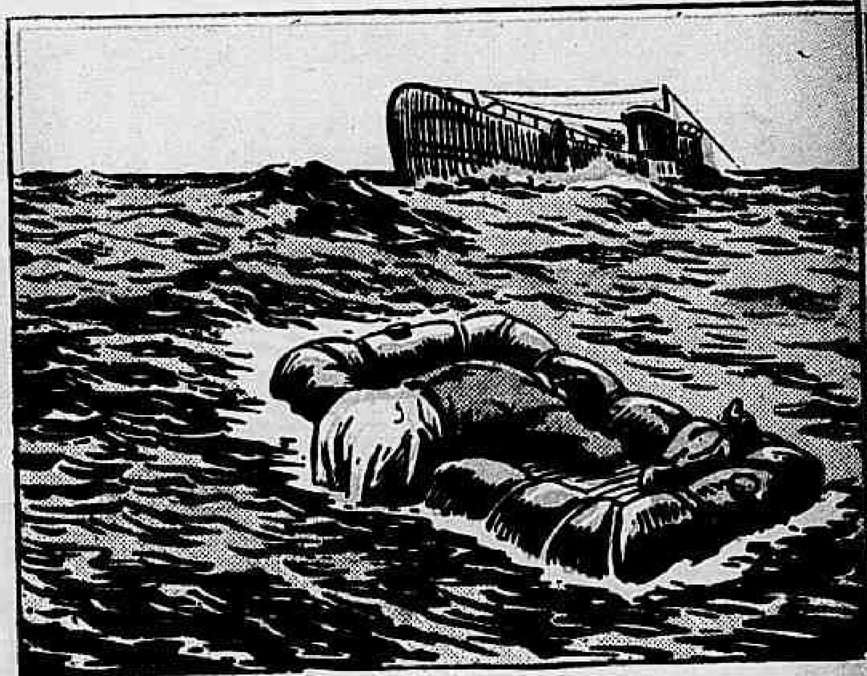


33 O submarino estava imerso, mas seu periscópio trabalhava fora d'água. O capitão estava preocupado acêrca do Dr. Ree e dos seus companheiros de aventuras nos domínios do sábio e louco Lupardi. Êles já deviam ter voltado daquela expedição. De súbito êle percebe pelo periscópio. Rob no barco. O capitão trata de socorrê-lo. Mas Lupardi está em perseguição de Rob. Está furioso. Yoto o estrangularia, se o pegasse. "Agora eu acho que o apanharei!" — exclama. O mar está minado e em conexão com o radar do laboratório. Lupardi localiza o fugitivo: um, dois... três! Explosão tremenda.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Rob, perdido em regiões geladas, depois de ter-se livrado, com seu cão Skip, de ataques de grandes peixes, descobre um navio entre icebergs. Sua tripulação está morta, e êle recolhe um "Diário de Bordo". Volta ao seu barco e é recolhido a bordo de um submarino. Ali o Dr. Ree o convida para explorar o acampamento do prof. Lupardi, um louco que construíra uma Cidade Atômica com o fim de mudar a posição da Terra. Êles conseguem chegar até lá, mas Lupardi e seu assistente Yoto os aprisionam. A ilha era vigiada por pinguins amestrados e tudo que se passava em tôrno Lupardi sabia pela televisão. Lupardi alojou os prisioneiros, que eram servidos por pinguins. Mas, recuperada a calma, Rob tenta fugir, abrindo uma passagem no teto de vidro. Pula e vai examinar lá fora...

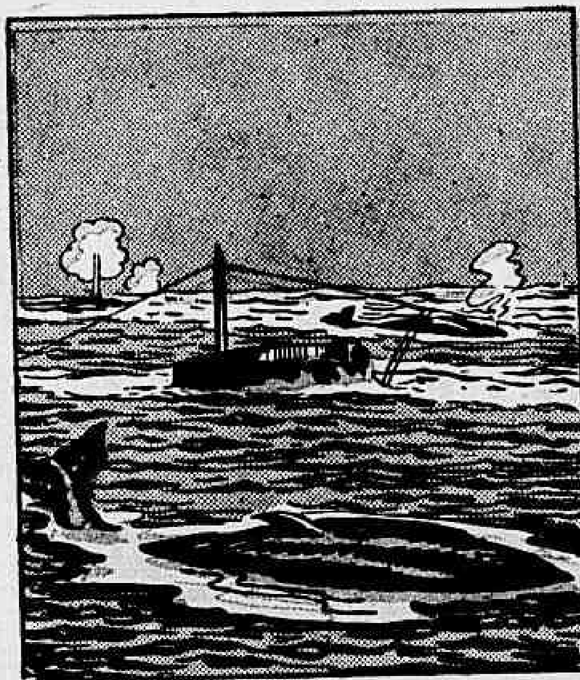






34 Rob e seu barco foram jogados a muitos metros de altura pela terrível explosão produzida por meio de uma alavanca manejada por Yoto, sob as ordens de Lupardi. Rob ainda foi feliz, porque Lupardi deu a ordem um segundo antes e, com o estrondo, as baleias e outros peixes vorazes fugiram das vizinhanças de Rob. Embora atordoado, êle tenta alcançar o "Liberty". Mas, já inteiramente exausto, êle cai desfalecido sôbre o bote de borracha e fica com a metade do corpo dentro do bote e as pernas dentro d'água. O comandante do submarino viu tudo pelo periscópio e emerge para socorrer Rob.

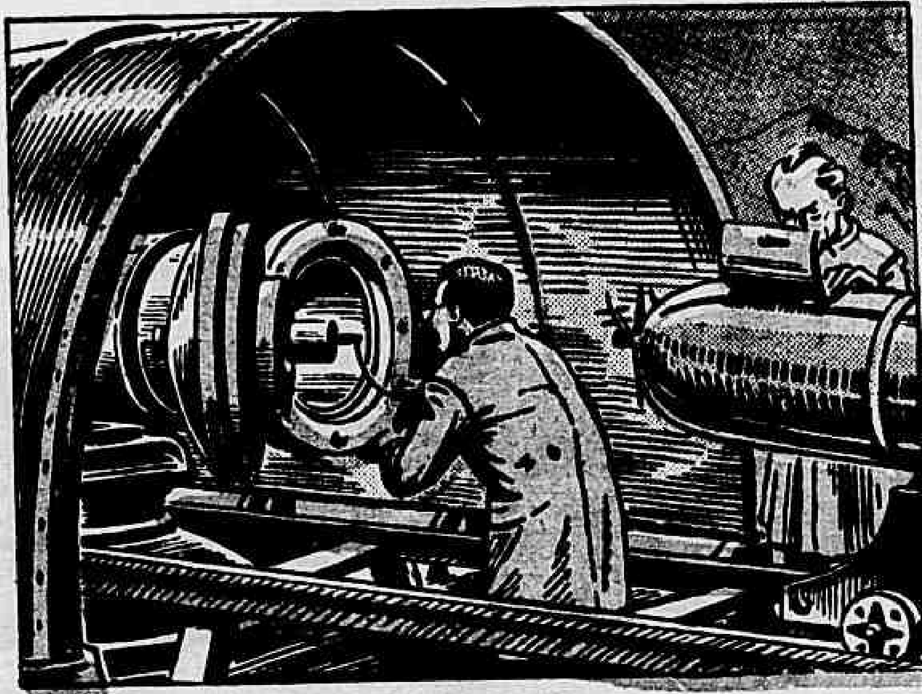


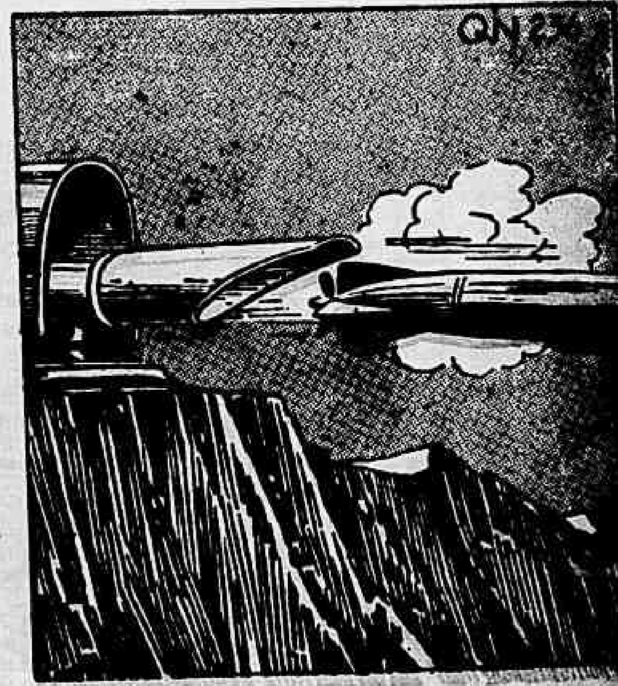




35 Dois minutos depois era Rob guindado para bordo do submarino. "Mergulhem, depressa! — exclamou êle, ofegante — E não se esqueçam de trazer para cá o saco que ficou lá no bote de borracha." Levado para o camarote do comandante, Rob narra tudo o que se passou lá na cidade atômica do Professor Lupardi. "E' um sujeito perigoso, aquêle Lupardi" — diz o comandante. "Sim, e precisamos pedir auxílio sem perda de um minuto. Lupardi pode destruir-nos num minuto. Êle não se detém diante de nada!" O comandante dá ordens. O cão de Rob, Skip, fica radiante com a volta do seu inseparável dono.







36 Lupardi ficou ainda mais furioso ao ver que Rob não morrera na explosão e que escapara. Pela tela do radar êle viu quando Rob foi salvo pelo submarino. Tem então a idéia de fazer explodir tôdas as minas a um só tempo. Mas, depois, recua. Será melhor disparar torpedos contra o submarino, opina Yoto. O Professor Lupardi aprova a sugestão de seu auxiliar. Ambos correm até às rochas marginais onde os torpedos estavam prontos para atacar. Com os seus aparelhos de escuta e precisão, começam a disparar rápidos obuses na direção do submarino, na certeza de que o barco seria atingido.

AO me arrependo do que fiz. Creio mesmo que Nanci não devia ter censurado. Afinal, foi imprudente ao extremo, minhas palavras como um cio para a sua vida. Serei o por isso?

Não é verdade, Délio! — afirma e minha irmã Nanci. — Você eu esperanças, fêz com que ela cravizasse a seu amor, depois neceu tudo... A prova está na vida que, antes tão atribulada, ou de repente...

ha irmã quer admitir que sinto sos, é incapaz de acalentar-me. aro que hoje percebo um consmento, pálida dor que me per... Mas não é remorso, não, é de. A saudade é como a crença religião: quanto mais se pensa mais se agiganta!

vêzes me aborreço da minha indade, de ter pôsto minha irmã rrente dos fatos, assim não me mais naquele triste episódio... não sou o mesmo. Dulce deixoucordações estranhas...

O ÚLTIMO BAILE

Conto de ARNALDO B. MARCHETTI

Meu mal deve ser igual aos dos grandes homens, que primam pela verdade de espírito; êles não avaliam a sensação do próximo, o reflexo estonteante da realidade, quando cruciante, a angústia de ouví-la...

Sempre fui cordato, procurava conjugar as situações o melhor possível. Fui tão franco, impecável mesmo, que sofri as conseqüências sérias do meu ato. E' dificílimo provar não ser justo só o onipotente...



Dizem que Mefistófeles costuma acordar os incautos; a mim nunca se deu ao trabalho... Minha consciência fala por mim!

Narrarei escrupulosamente o que aconteceu, pois os detalhes são preciosos. Êles atestarão a minha inculpabilidade no caso...

Máltus e Rodolfo eram meus companheiros de porfia. Na Repartição, onde trabalhávamos, ocupavamo-nos como oficiais administrativos. Nosso vínculo de amizade sempre fôra estreito e cordial, por isso me apressei em satisfazer-lhes um desejo ardente. Insistiam em que eu conseguisse convites para um baile, que muito prometia aos apaixonados da dança.

Uma forte sensação havia-os invadido. Antecipavam tantas maravilhas que, por vêzes, fazia-os mudar de assunto.

Na data do baile, então, foi um alvorôço, pois o traje seria a rigor e Máltus não o tinha completo... Daí a preocupação que tivemos de auxiliar o amigo.

Planejamos ir de automóvel, era mais prático pouparmos a nossa elegância que o traje, bem alinhado, emprestava-nos. Além disso a quantia da passagem seria dividida entre nós, por igualdade...

Às 23 horas partimos estusiasmados e, depois de 20 minutos, alcançaríamos o Ginásio Clube.

Durante o transcurso, não sei por que, Máltus propôs-nos uma aposta original. Lutaríamos por uma conquista amorosa no baile. E, para consumar, "ela" telefonaria, no dia seguinte, às 11 horas exatamente, para a Repartição, quando estaríamos reunidos. Quem assim alcançasse o objetivo, levantaria a aposta!

Esta era original pelo seguinte: meu amigo fôra vítima de um caso decepcionante de amor. Noivo, foi abandonado às vésperas das núpcias; a morte visitara a sua companheira. Nêle permaneceu apenas o estigma da resignação. Nem o tempo, que tiraniza até o relógio, fê-lo esquecer seu infortúnio, durante anos, tão pouco conseguiu reanimá-lo para tentar nova sorte...

Eu e Rodolfo sempre respeitamos a sua desventura, vivíamos a confortá-lo, se bem que inùtilmente. Daí a minha incompreensão por aquêle ajuste.

Rodolfo aceitou-o prontamente, depois do meu assentimento. Sentia-me feliz por ver renascerem as energias sentimentais de Máltus, pôsto que êle estava disposto a tudo para não sofrer a derrota.

Aos vencidos, aprovamos, caberia o pagamento da viagem de volta, o que seria feito posteriormente ao telefonema. Mas o que nos arrebatava não era a parte financeira, porém, tão sòmente, o prazer de não perder! Oh! A vaidade humana!

O contrafo parecia decidir-se entre mim e Rodolfo, graças ao nosso desembaraço evidente nessas causas que, por vêzes, colocava-nos em situação complicada.

O carro já penetrava na grande avenida. Pela janelinha do veículo pudemos ver o largo movimento de automóveis que estacionavam à entrada do Clube, sucessivamente. O ritmo do bolero já nos inebriava os sentidos, olhamos os primeiros pares que entravam no majestoso edifício.

Finalmente, chegávamos ao local almejado!

Como num passe de ilusionismo, vimo-nos no salão de bailes, repleto de damas e cavalheiros, que se moviam docemente ao som de luzida orquestra, destacada no centro. Ao fundo, num conjunto de espelhos, reproduzira-se tôda a realidade...

O salão com artísticas colunas de mármore nos cantos, era amplo e estava bem ornamentado com flores naturais. Junto às paredes havia cadeiras estofadas, para repouso das damas, mas, a maioria delas, ocupadas por pares em colóquios amorosos, acaso saturados da bela varanda que dava para a rua. Ao alto do salão, notava-se uma galeria exclusivamente para os espectadores do baile. O traje a rigor dava àquela reunião um aspecto de requintado luxo, um agradável meio social. Naquele momento ouvia-se um "blue", a sala estava quase mergulhada em penumbra, uma combinação de sombras e de luzes bizarras e acariciantes...

Máltus tocou-nos amigàvelmente nas costas e disse sinceramente:

— Avante! Começamos o pacto! — era o sinal.

Afastou-se logo e, deixando-nos admirados, convidava à dança uma fascinante jovem. Talvez seduzido, pois a "soirée" realçava-a mais, dando um ar de graça e vaidade à dama.

Rodolfo também não permaneceu à-toa, antes me advertindo da resistência do amigo. Então, fiquei só, pensativo, preocupado com a aposta. Despertei em mim, entretanto, um vigor latente, tão comum em épocas passadas, até então dispensável, reavivado ali pelo momento de enlêvo...

Pretendia dar o golpe, quando alguém me impediu o movimento do braço. Voltei-me, naturalmente, num misto de surprêsa e emoção:

— Dulce!

— Estava observando sua atitude... não lhe agrada o baile? Já dançou?

Sorriu meigamente, depois trocamos cumprimentos amáveis, havia janeiros que não nos víamos. Surpreendi-me revê-la, inesperadamente, logo num ambiente de baile. Dulce não se iludia com futilidades, tinha pouco interêsse neste divertimento. Possuía, sim, uma bela formação cultural, tôda ela devotada às questões judiciais, pois era escrevente juramentada.

Conhecia-a bem, quando eu trabalhava no Fôro Civel. Encantava com a sua presença todos os redutos do cartório; era polida, a bondade fazia-a até serviçal... Valia ser idolatrada por quem conseguisse captar sua afeição, seu amor que, asseguro, seria eterno e uno. É-me inexplicável: nunca a soube capaz de um capítulo amoroso.

Convidei-a a bailar, quase comovido, pela sua sem-cerimônia em atender-me. Conversamos, então, a meio tom...

Num relance, notei que Máltus havia progredido muito com a sua dama. A varanda fôra o refúgio para a sua inspiração... Um pressentimento apoderou-se de mim, tive mêdo de não saber resistir ao combate...

Encarei Dulce com um sentimento atrevido. Suas faces eram ruborizadas, o cabelo cacheado, tingido de louro (gostava sempre de pintá-lo), os olhos plácidos. Por pouco, embevecido, não lhe dirigi um galanteio, que me poderia trair. Esqueci até as qualidades apreciáveis de respeito que ela possuía, conservando-as sempre qual jóia de estimação.

Mais além, uma moça de azul parecia curiosa, com uma ponta de riso, nas declarações de Rodolfo...

Os músicos fizeram pausa à dança, para um breve descanso.

Tomei Dulce pelo braço e, irrefletidamente, levei-a ao bar, pois o salão estava abafadíssimo; preveniu-me, porém, que só bebia água mineral. Nada falamos de grande alcance para nós, melhor, algo que sustasse aquela monotonia de palavras as quais, apenas, recordavam tempos idos.

Retornamos a bailar. Uma, duas... vêzes a fio! O relógio dizia melhor: fazíamos par constante durante três horas de baile e pouco faltava para o término!

Foi aí que a aposta me assaltou de repente. Havia desperdiçado um espaço imenso e valioso; mesmo assim queria levá-la a cabo. Mas não seria cavalheirismo meu abandonar Dulce assim tão friamente, ela que se mostrava delicada demais comigo.

Residiu aí o meu maior êrro. Não dispondo de outra alternativa, tentei conquistá-la, cinicamente, não reparando sequer o mal que se enraizava, pois eu, convicto, sabia não a merecer...

Não vaticinara, era incompreensível a fôrça que, bem dentro de mim, levava-me incontinente àquele gesto. Duvido que estivesse simpatizado sèriamente, caído de amôres por ela. Porém, sua presença atraía-me, prendia-me ao seu sorriso insinuante, suas maneiras espontâneas. Subjugado, cheguei ao cúmulo de pensar que ainda muito poderia amá-la, de um outro modo, como um demente...

Dulce algemar-se-ia pela vez primeira, tinha ânsias certas, começava a notar sua voz débil, a respiração ofegante, o coração palpitando aceleradamente.

Meus vocábulos surtiam efeito surpreendente, temia a facilidade com que êles brotavam, formando frases de literatura mestra. Nunca eu fôra tão bem sucedido numa emprêsa; sempre encontrara dificuldades. Aquela noite estava marcada só para mim!

Sei que Dulce se entusiasmou com razão. Outra qualquer moça correta faria o mesmo. Dispunha-me a enfrentar sacrifícios, pondo-lhes um bálsamo de renúncia, ser um verdadeiro homem, dedicar-me ao amor!

Dulce cedeu afinal! Revelou ter encontrado em mim, realmente, todo o deslumbramento do seu sonho de moça...

Envolvi-a pela cintura esbelta, entrelacei as nossas mãos, toquei minha face na dela: O perfume dos seus cabelos acetinados era sensual...

Algo, porém, sobressaltou-me. Era a aposta que, mais tarde, viria ser a causadora de uma tragédia imprevista! Cerrei as pálpebras, o cenho duro e segui as divagações... Só então acreditei: venceria a aposta! Dulce estava dominada por um capricho meu; eu folgava hipòcritamente com a vida alheia, com o futuro precioso da jovem.

Máltus e Rodolfo não deviam fazer o mesmo, era crueldade demais! Receiava que êles caíssem na mesma falta.

Quando refleti, já era tarde. Puro egoísta, eu que nunca tivera índole de perverso. Batera-me com frenesi, sòmente para satisfazer a amigos um acôrdo, a paixão morria em plano inferior... Deus meu, eu jamais fui assim! Por que tamanha inconsciência?

(Cont. na pág. 50)



Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO

VOCÊ ESTÁ vendo o que eu vejo? — E todos começaram às gargalhadas mais estrepitosas que já se ouviram às margens do Tâmisa sereno e imperturbável.

O VENTO SOPRA DE BAIXO...

SEGURA A SAIA, MENINA!

OS INGLÊSES TAMBÉM FAZEM GAIATICES ★ SE AS MULHERES USASSEM CALÇAS, NADA DISSO SUCEDIA

OS parques de diversões de qualquer parte do mundo são mais ou menos iguais: rodas gigantes, "chicote", carrossel, aviões cativos a virar e revirar os seus tripulantes, barquinhos, automóveis que dão trombadas numa barulheira louca, montanha russa, etc. Mas, nem sempre há certas diversões mais audazes, mesmo porque as prefeituras de muitas capitais impedem que os exploradores do bom humor público instalem em seus parques de brincadeiras e diversões certas seções que provoquem protestos das pessoas mais sensíveis. Mas na Inglaterra não há disso não. Na "Fun Fair House of Fun", que é como quem diz, "Casa da brincadeira na feira de diversões", há uma parte da excursão dos visitantes que arrebenta o inglês de tanto rir. O cenário é bonito e até parece a subida da Ladeira da Cidade do Salvador, para quem não quer ir pelo Elevador Lacerda. Mas quando as senhoras chegam à Esquina da Ventania... Como gozam os espectadores que estão vendo a elegância das mulheres!



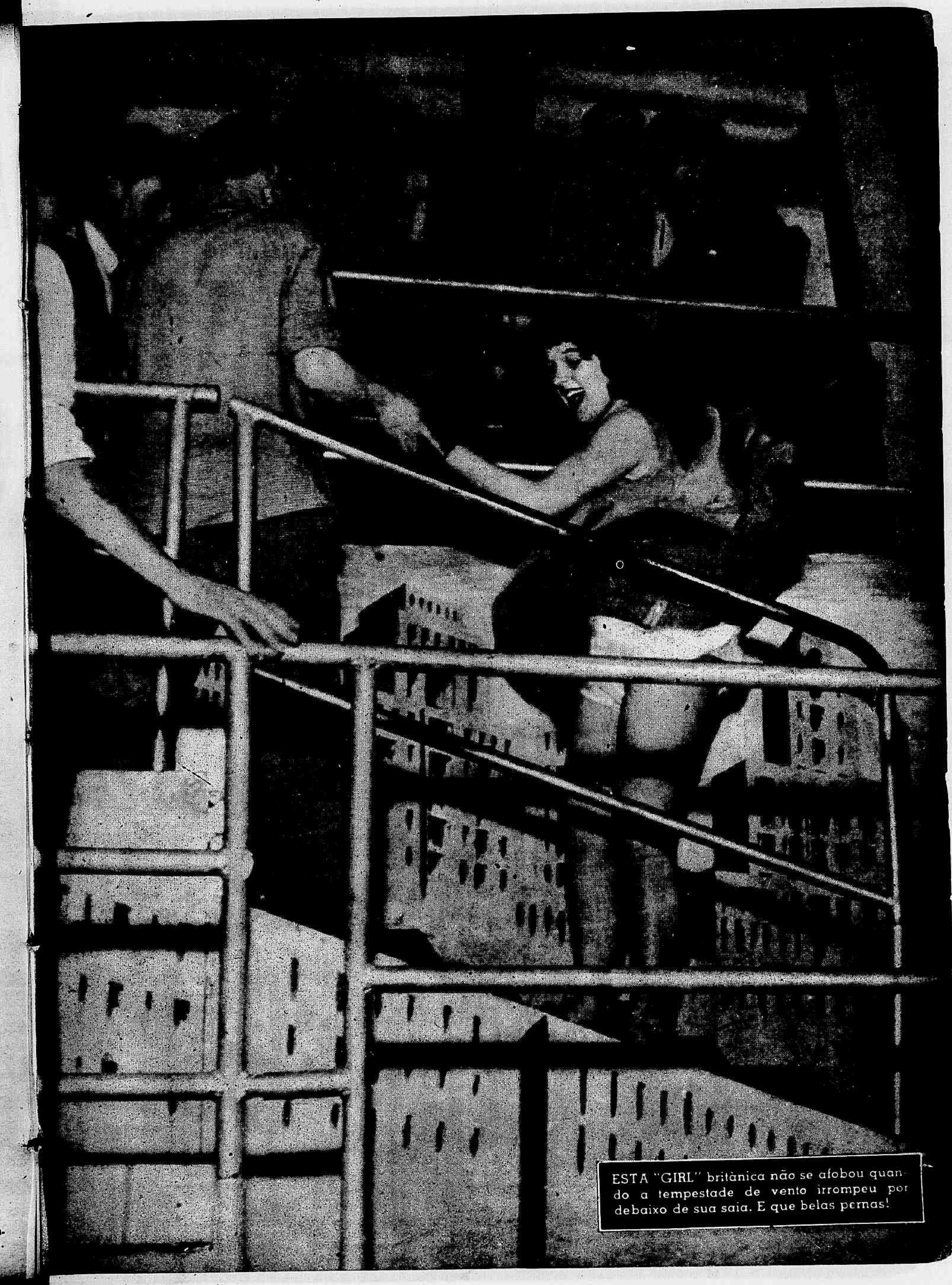
ÊSTE FOI o maior susto que o "brotinho" já experimentou em sua vida.



ESTA MENINA, de cinco anos, ao chegar à "Esquina do Vento" sentiu uma sensação estranha, mas não teve muito mêdo, nem provocou as risadas costumeiras.



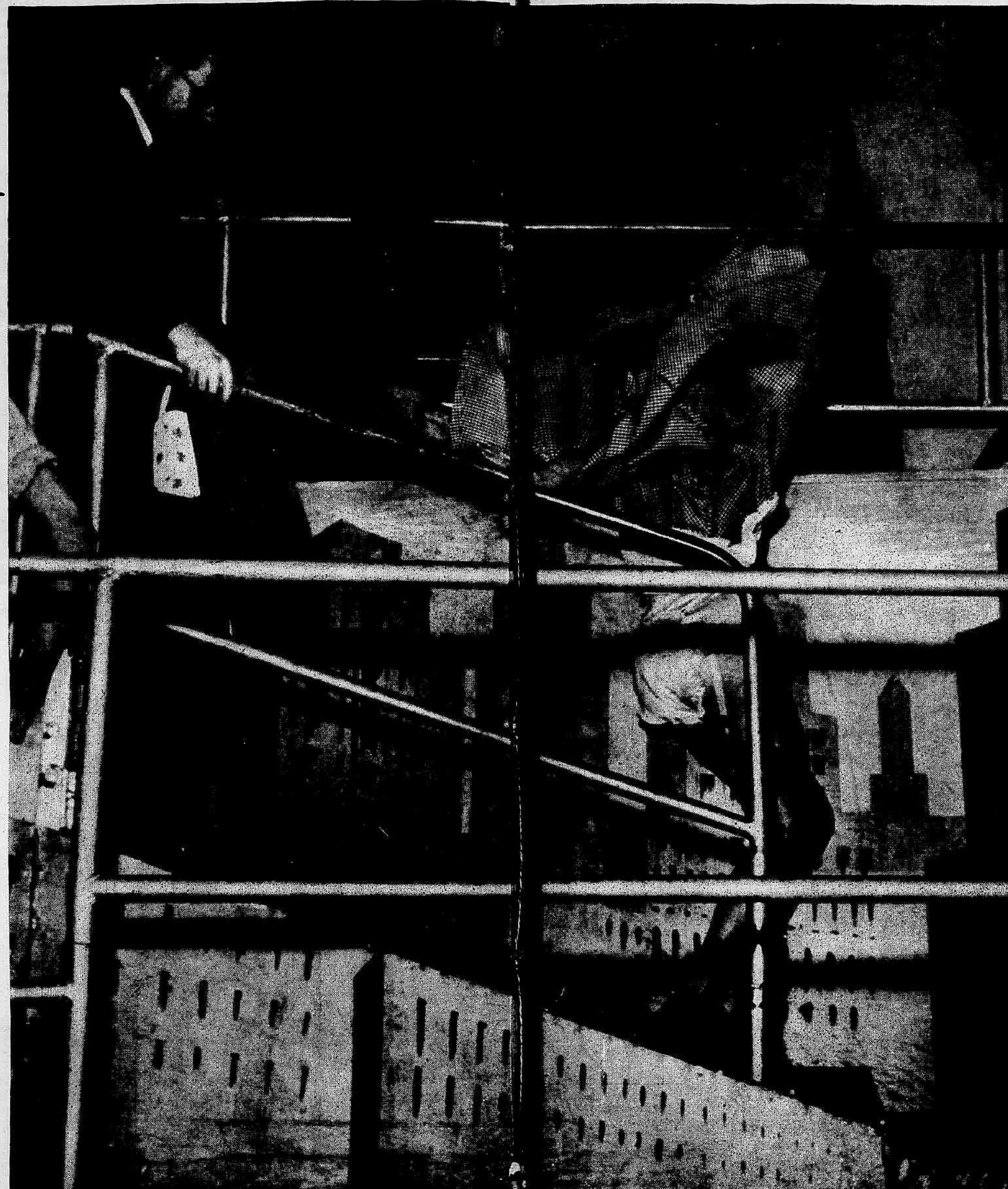
ESTA SENHORITA ia mui calmamente andando pela Casa do Riso, quando sentiu que algo estava acontecendo. E, instintivamente, levou a mão ao resto.



ESTA "GIRL" britânica não se afobou quando a tempestade de vento irrompeu por debaixo de sua saia. E que belas pernas!

O VENTO SOPRA DE BAIXO . . .

[illegible]EILA IA à frente de Mary, e deu um pulo para livrar-se da ventania; mas [illegible] outra, certamente, tanto gostou da sensação, que até parece estar sonhan[illegible]... Ou é que ela fechou os olhos para não ver as pessoas que estavam nas [illegible]alerias" a rir com o inesperado espetáculo? Ninguém sabe. Só ela mesma!



A ELEGANTE senhora vai cega, com a roupa sôbre o rosto, enquanto o esposo, sorridente, leva a bôlsa e o "manteaux". Mas a outra sorriu por ela e por si mesma. Segundo os que não perdem o "show" da ventania, foi esta a mais perfeita exposição de pernas, isso graças ao forte vento indiscreto...

"O VENTO VEM DE BAIXO, MAMÃE!"

— gritou a menina que ia com Mrs. Smith, ao chegarem as duas ao ponto crítico da Casa da Brincadeira na Feira de Diversões de Londres. Mas era tarde demais. Uma rajada violenta levou pelos ares a saia da respeitável matrona, e, por maiores que fôssem os seus esforços para impedir o ridículo, ficou como qualquer corista de teatro de revista, com as pernas nuas, aparecendo os seus mais íntimos vestuários. Mas tudo é muito rápido, pois a extravagância não suporta nenhuma demora, e o riso que provocam as posições picarescas muito breve se [illegible]sa. Mas os britânicos não se cansam de ver o espetáculo. Há senhoritas de belas pernas esculturais que vão mais uma vez, a fim de experimentar a ação do vento "que vem de baixo" e lhes faz voar as saias muito acima da cabeça, como se se tratasse de um pàra-quedas invertido. O assunto pode ser até motivo para estudos e pesquisas das reações do ponto de vista moral em face de uma pilhéria de mau gôsto para o paciente, mas muito gostosa para os que estão na platéia...

ÊLES FORA DA TELA

PELA primeira vez a jovem Francesca Romana, nascida aos 3 de outubro do ano último, na maternidade de Hollywood, posa para um fotógrafo, ao lado de seus pais. Tyrone Power e Linda Christian. O nome de Francesca Romana foi sugerido como lembrança da igreja onde em Roma, a 27 de fevereiro de 1949, foi celebrado o matrimônio de ambos. Por duas vêzes, anteriormente, Linda havia recebido o "aviso" da cegonha, mas de ambos ocorrera um acidente e a boa-nova era malograda. Para evitar nova desilusão, a artista retirou-se de qualquer atividade cinematográfica e social até quando Francesca nasceu. E dentro de um ano Tyrone prometeu levar a espôsa e a filhinha à Itália, a terra que permitiu a realização do maior sonho de ambos. Foi lá também que surgiu o romance entre ambos. Só depois dessa viagem Linda Christian pensa fazer seu reaparecimento.





NÃO É, como parece, uma saudação fascista: é Roberto Rosselini dando as últimas instruções à sua espôsa, Ingrid Bergman, para uma cena do filme "Europa 51", película que servirá para devolver a linda "estrêla" sueca ao cinema. Depois ela pretende fazer, sòzinha, uma excursão ao nosso continente.



RUSSELL (à direita), com sua mãe, regressou aos Estados Unidos depois da longa viagem pela Europa. E trouxe uma garotinha inglêsa que adotou.



CARLO CROCCOLO, a grande revelação do cinema italiano em 51, é também um artista. Ei-lo modelando o retrato de sua espôsa — que não gosta de cinema.



FRANK SINATRA - AVA GARDNER

O casamento de Frank Sinatra (33 anos) com Ava Gardner (29), deu-se a 7 de novembro, em Filadélfia. Êle divorciou-se de sua espôsa Nancy; ela, anteriormente, foi casada com Mickey Rooney e Artie Shaw. Aqui os vemos partindo o bôlo nupcial e trocando o beijo de núpcias. Procurando fugir à curiosidade dos repórteres, seguiram, ambos, para Miami, onde assim mesmo foram surpreendidos pelas objetivas. Em baixo, Sinatra e Ava, descalços, prontos para cair n'água, voltam as costas aos fotógrafos. Quando se deu o enlace, o divórcio do cantor não estava ainda oficialmente declarado, mas assim mesmo a união foi considerada legal.



ESTRANHA FELICIDADE

DENTRO da noite sombria, aquêle vulto dirigiu-se a mim, a passo apressado. Sua inopinada aparição amedrontava, e a voz roufenha, angustiada, tinha qualquer coisa de sinistro.

— Venha à minha casa, senhor! Faça-me o favor! Quero que o senhor veja — repetia, insistente, já agarrado a meu braço, suplicando, porém num tom autoritário, parecendo ordenar.

Atordoei-me no primeiro instante. Quis desvencilhar-me, mas não o consegui, em conseqüência da pressão de seus dedos nervosos em meu corpo.

— Venha, por favor! Quero que o senhor veja!

Confesso que, a princípio, me atemorizei. Com a insistência do homem, porém, o mêdo se transformou em receio, o receio em precaução e esta cedeu lugar à curiosidade.

— Mas, que quer o senhor me mostrar!? Eu não o conheço!

— Não importa. O senhor verá. Quero que o senhor seja testemunha.

— Mas, testemunha de quê?! Que mistério é êsse?!

— Nenhum. O senhor verá.

À medida que falava, ia-me puxando delicadamente, fazendo-me andar.

Estava bem escuro naquela cidadezinha do interior. Eu me distanciara das poucas ruas iluminadas e, em que pese a não serem ainda dez horas, viv'alma não passava pelo trecho deserto. Parecia meia-noite. No sertão, faz-se tarde muito cedo. Olhei em derredor: ninguém para ajudar-me a sair da situação incômoda. Arreneguei-me da invetérada mania de andar espairecendo por lugares ermos, à cata de aventuras. Bem feito: achara uma.

— Vamos, meu amigo, não tenha receio — convidou-me, mais uma vez, o importuno desconhecido.

A voz cavernosa, parecendo sair de um túmulo, chegava-me aos ouvidos como mensagem de tédio, trazendo o desagradável convite, o mais desagradável recebido em minha vida, até então.

O vento sibilava nas cumieiras do casario pobre, como se quisesse arrancá-las. A terra e as pedrinhas, açoitadas sôbre o zinco que formava parte de alguns telhados, produziam barulho inquietante, misturado com os uivos de um cão faminto.

Percebendo minha disposição de segui-lo, o estranho calou-se, e assim chegamos à sua casa.

Era como as outras: baixa e disforme. Êle abriu a porta e fêz-me sinal para acompanhá-lo de mansinho, como se temesse despertar alguém. Não sei se os ladrões, ao penetrarem residências alheias, o fazem com tanta cautela como êle ao entrar em sua própria.

Transpondo a soleira, recoberta de flandre, toquei-lhe inadvertidamente com o pé, produzindo barulho. O desconhecido protestou, fazendo — psiu — com o dedo nos lábios.

— Não a espante!

— O senhor verá — foi a resposta.

Entramos. Aliás, entrou êle. Vendo a sala às escuras, colei-me à porta, que rangeu nos gonzos velhos e enferrujados. O homem apalpava móveis, tateando na escuridão, aqui e acolá. Compreendi que procurava fósforos. Ia oferecer-lhe um, achou os dêle e acendeu o candieiro a querosene que descansava, sonolento, na mesa desnuda, enegrecida de sujo, adornada de pó.

Enquanto êle assim procedia, eu meditava na minha situação. Não conhecia ninguém, pois chegara, havia poucos dias. Levara-me ali um dêsses arroubos peculiares à juventude. Em suma: àquele exílio voluntário, conduzira-me um caso do coração: rompera meu noivado com Lúcia, arribando do Rio, decidido a nunca mais voltar. Naquele instante, na iminência de acontecimento ignorado, de perigo, talvez, sua lembrança apresentou-se-me fortemente constrangedora. Na distância, eu sentia que ela me era indispensável.

O desconhecido, voltando do quarto, onde se demorara alguns minutos, convidou-me a sentar, interrompendo-me o curso do pensamento.

Relanceei os olhos pelo ambiente, onde a pobreza se aliava ao desleixo. A poeira cobria os trastes escassos, desordenadamente colocados na saleta. Sentara-se o homem, calado, à minha frente. Na semiclaridade, eu o observava, intrigado: o rosto magro, com certeza o sofrimento lhe devorara as carnes. Retorcia nervosamente as mãos, o olhar perdido ao longe. As pestanas, grandes e negras, davam-lhe aspecto macabro, favorecido pela roupa de casemira escura, sebenta de suor, surrada pelo uso prolongado. Tinha a aparência trágica — concluiu minha observação.

— Afinal de contas, — perguntei, impacientando-me — que fazemos aqui?! Para que o senhor me trouxe...

— O senhor verá — atalhou. — Por enquanto, temos de esperar...

Só então pareceu retomar conhecimento de mim. Encarou-me de modo esquisito, ensaiou sorrir, mas o sorriso não veio. Ao invés, surgiu um esgar de dor. Falou com visível excitação, olhando alternativamente para um ponto da sala e para mim.

— O senhor, com certeza, está apreensivo por tudo isto; mas eu vou lhe contar a minha história.

A voz era ofegante como um lamento soturno; o hálito, morno e nauseabundo como o bafio de um antro.

Interrogou-me de repente:

— Como se chama o senhor?

Tive vontade de trocar o nome. Sim, estava diante de um desconhecido. Quem era êle que, após abordar-me inconvinientemente na rua, me conduzira até a sua casa e ainda me fazia perguitas? Novamente senti receio. Dominei-me, porém, e respondi certo:

— Rogério.

— Ah! êsse também é o meu nome.

— Então, somos xarás.

— O senhor é noivo? — outra pergunta inesperada.

Senti ímpetos de não responder. Era demais! Que aperriação! — ferveu-me o pensamento. As horas passando e eu, sem dormir, a aturar as indagações dum idiota ou mesmo louco. O aborrecimento fêz-me demorar na resposta. Êle me interpretou o silêncio, pois se apressou a ajuntar:

— Não se aborreça com as minhas perguntas. Quero apenas prestar-lhe um favor, em retribuição ao que me fêz, vindo aqui.

— Prestar-me um favor!?

— Sim. Escute: nunca leve a sério desinteligências com os entes que ama. Se não fôsse um capricho tôlo, eu não seria hoje tão desgraçado!

Agora, com voz mais triste, e comovedora, começou a discorrer sôbre as mágoas:

— Lúcia era linda...

— Como!? Lucia!? — interrompi, agitando-me na cadeira.

— Sim. Lúcia; e nos amávamos muito — continuou, sem sequer levantar os olhos, ignorando meu excitamento.

A dupla coincidência de nomes me fazia mal. Êle, no entanto, prosseguia, indiferente à minha inquietação. Nada mais afetava a sensibilidade embotada daquela criatura, a não ser suas próprias recordações, pesando-lhe na consciência e na carcassa como um fardo que êle suportava com prazer, sem cogitar de arriá-lo. Ensimesmado, mostrava-se neutro inerte mesmo, a qualquer reação que não partisse dêle próprio.

As horas fugiam e eu escutava:

— Lúcia morreu, prometendo, porém, voltar em todos os 13 de agôsto, data que estava marcada para o nosso casamento. Tem cumprido a promessa e virá hoje outra vez. O senhor verá.

Eu imaginava um meio de safar-me dali, sem ferir a susceptibilidade do maníaco.

Após discorrer algum tempo, perdeu sua voz a inquietação inicial. Encontrando com quem extravazar a angústia, ia-se pouco a pouco acalmando, em contraste comigo, que sentia os nervos se esfrangalharem.



Conto de
ROMEU CRUSOÉ

ilustração de
AMILDE PEDROSA

PRAIAS



O nudismo tem seus dias contados — dizem os entendidos. Tudo que é demais cansa, e a saturação está chegando depois que nos palcos e nas «boites» as pequenas deram para despir-se ao máximo. Conseqüentemente, os trajes de praia voltam a exigir maior consumo de panc — e as calças compridas, os «maillots» de uma só peça, os boleros e jaquetas voltam a predominar. Figurinos que procedem da América e da Europa timbram nesse particular. Estas silhuetas de Ramon seguem a mesma orientação, sugerindo à leitora uma graciosa série de roupas que se destinam também às piscinas, aos banhos de sol na montanha ou mesmo na «terrasse» do seu apartamento. Os tecidos alegres e estampados, de côres vivas, dão a nota hoje como em todos os tempos



PODERIA GINNY RESISTIR ÁQUELA TENTAÇÃO?



Russell Clagett foi meu namorado de colégio. Depois de graduados, eu fui trabalhar e êle ficou no colégio jogando basketball. Ficamos noivos, mas só nos casaríamos quando êle se bacharelasse em direito.

Hewitt Salsbury II, era filho do chefe da firma. Se eu não gostasse realmente de Russell, talvez me interessasse por êle; mas Russell ocupava, de fato, o meu pensamento e isso impedia de dispensar atenção a outro qualquer rapaz...







Usualmente eu saía com Grace Hanson, colega de trabalho, para o almôço.









Naquela tarde...





Um verdadeiro amor

UANDO se aproxima o verão, êles ficam nas imediações das cidades, espalhados pela floresta, alertados com a chegada d s turistas. Fazem-se amigos dêsses sitantes, mostram uma grande humildade, mas têm como objetivo único, participar das gulosemas que êles levam para o campo. São inteligentes e velhacos...

"SERÁ QUE JÁ VI ÊSSE HOMEM?"

SE O CANGURU FALASSE

FARIA MAIS PERGUNTAS QUE QUALQUER MULHER CURIOSA ★ "ONDE JÁ VI ÊSSE ANIMAL?" ★ O MELHOR AMIGO DAS CRIANÇAS

Por JOHN COLLINS

ANIMAL característico da fauna australiana, o canguru é um marsupial carnívoro, cujos membros anteriores são mais curtos que os posteriores, o que lhe facilita dar grandes saltos. E' um ho fàcilmente domesticável, de instinto muito devolvido, embora julguem ao contrário. Sua inteência é proverbial: numerosos circos no mundo iro exibem cangurus em lutas de box e sua fôrça gilidade nada ficam a dever aos melhores pugis de seu pêso. Já tem havido casos em que o guru derrota o seu competidor, um ser humano, uando lhe permitem um treino científico, é capaz participar num campeonato de luta livre. Mas o rte de sua predileção é mesmo o box.

ontam-se na Austrália numerosas anedotas sôbre anguru, umas imaginárias e que passaram para omínio do folclore local, outras verídicas. O can- tem o instinto da curiosidade admiràvelmente nvolvido. Se pudesse falar, faria mais pergun- que a mais verbosa das filhas de Eva, tendên- que êle consegue demonstrar através de seu r vivo e de seus movimentos muito pressurosos, sempre demonstrando estar entregue a um trabalho de pesquisa.

James Fitzpatrick, o famoso cinegrafista australiano, durante uma viagem às regiões do Lago Macquarie, em Nova Gales do Sul, encontrou uma grande manada dêsses animais. E' uma zona de minas de carvão próxima da cidade industrial de Newcastle e constitui o melhor sítio de repouso para os mineiros e suas famílias. Pois durante o verão, quando os mineiros fazem ali o seu "camping", têm como companheiros de férias os cangurus. O contato do homem com o animal produz alegrias recíprocas.

Tem havido exemplos de cangurus que se tomam de afeição pelos seus donos, a exemplo do que acontece com os cães, e estão sempre prontos a tomar a defesa dos mesmos. Conta-se que um mineiro de Newcastle foi, certa vez, atacado por dois inimigos que tentavam subtrair de seus bôlsos a féria da semana. E quando o pobre homem se considerava irremediàvelmente perdido, eis que aparece, de surprêsa, o seu canguru de estimação, travando

(Cont. na pág. 54)



A FÊMEA do canguru tem na parte baixa do ventre uma bôlsa onde guarda os filhos até certa idade.





PARIS e Nova York permanecem na sua velha rivalidade de alta costura: cada qual quer ditar a moda e ambos terminam por se copiar. Vão os figurinistas parisienses à Quinta Avenida passar fim-de-semana para tomar conhecimento com o que de novo ali está surgindo e pagam na mesma moeda os mais inspirados estilistas de Nova York, procurando nos "bou-



Sugestões VARIADAS





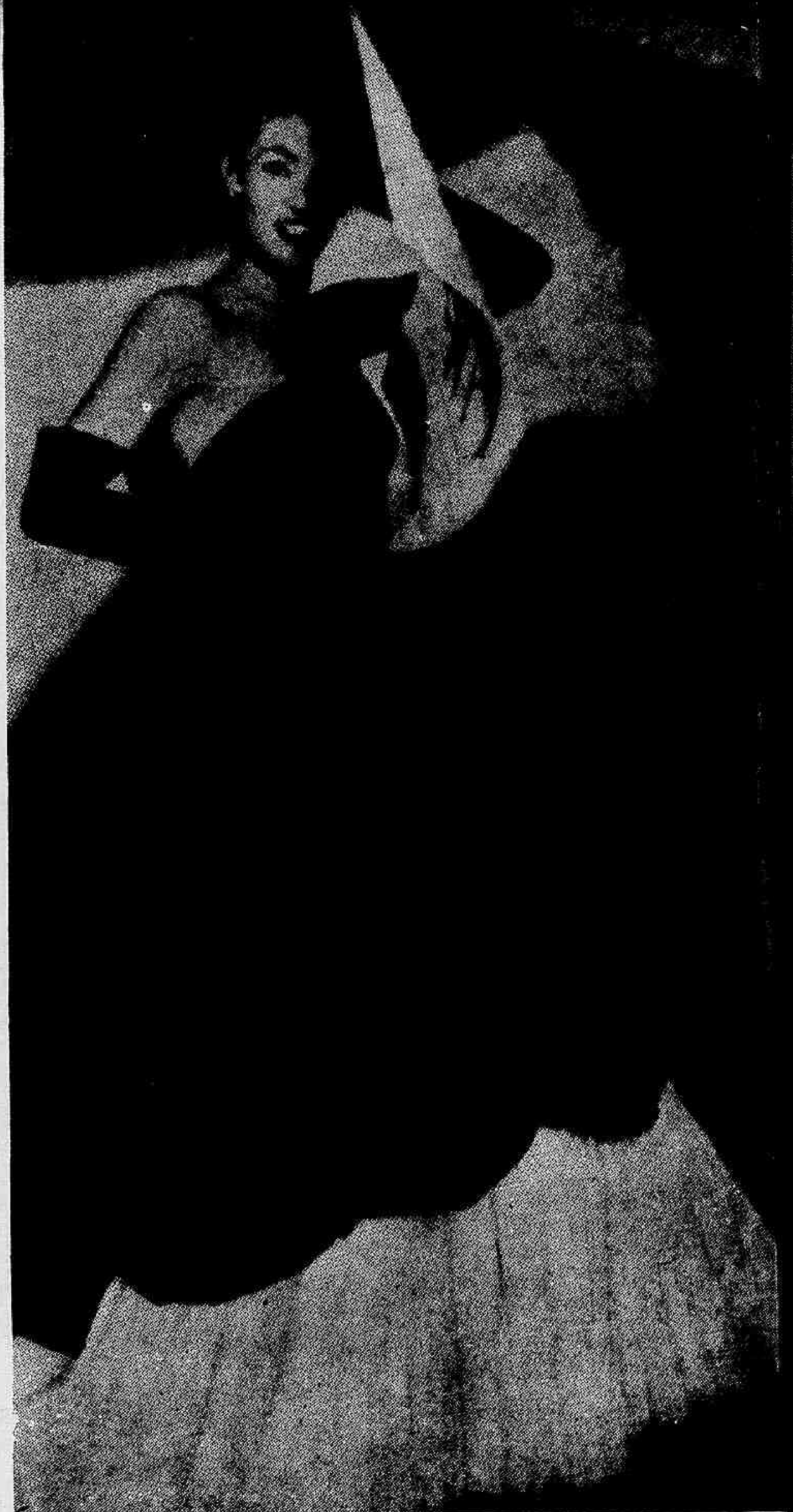
levards" da Cidade-Luz a última palavra das criadoras do mais "chic". E as mulheres francesas, americanas e dos demais países, cingem-se a adotar o que os maiores "magazins" europeus e "yankees" lhes fornecem. Aqui estão algumas variadas sugestões para a estação entrante. A escolha do tecido, corre por conta do bom gôsto e da predileção da leitora elegante. Tudo pode ser adaptado e certamente ela encontrará o que procura, nestas duas páginas. A linha da mulher moderna, prima pela finura do talhe, pela escassez de tecidos (consequentemente pelo regime) e pela simplicidade. Tudo quanto há de mais singelo, ganha destaque nas "toilettes" dêstes dias que não sabemos ao certo se vem a ser de um após-guerra ou de um novo avant-guerra...





Soirée





VELUDO negro e tulle branco, foram os tecidos empregados na confecção dêste suntuoso modêlo para a noite, de grande distinção.



ELEGANTÍSSIMO modêlo em "faille" prêto, com grande roda. O decote apresenta uma parte em veludo, assim como na parte posterior da saia.

dos na
tinção.

roda.
te pos-



SUGESTIVO modêlo em tulle branco, com sôbre-saia em faille bordada. Faixa em setim prêto, terminando em grande laço.



MARAVILHOSO, sem dúvida, é êste modêlo em organdi de sêda, sa. Sugestivas ramagens bordadas a ouro no busto e na saia.



DOIS GRACIOSOS e juvenis vestidos para a noite executados em renda, um branco, outro prêto, ambos de grande originalidade.



exige outra:



Polvilho Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

SAÚDE DO BEBÊ

A atmosfera e brinquedos da primeira idade

Dr. SABOIA RIBEIRO

OS brinquedos que são dados à criança nem sempre são escolhidos da melhor forma e táto, pelo que queremos, hoje, fixar uma lista dêles, conforme a idade.

Com um mestre da pediatria, repetiremos que "os brinquedinhos devem ser, de preferência, de celulóide ou de borracha lavavel e, quanto possivel, lisos, para poderem ser fàcilmente limpos".

Nada de enfeites como, por exemplo, paninhos e saiotes de fazenda.

Não devem — isso cumpre observar bem — não devem andar de mão em mão, mas serem de uso exclusivo do lactente.

Nisso de brinquedos, não haverá necessidade de muitos e muitos, e tôda a arte, na sua escolha, consistirá, sobretudo, em que possa, só por si entreter a criança, como uma conversa sem palavras, já no seu bercinho, nos primeiros meses, já no seu cercadinho, mais tarde.

A atmosfera de calma e tranquilidade do bebê, durante os primeiros meses, é uma medida dos mais salutares efeitos e, assim, nos primeiros dias, e até completar trinta dias, seu lugar próprio é o berço, de onde somente será tirada para o banho e para que se alimente.

Czerny, tratando do modo como evitar os excessos de estímulos da criança, escreve: "É permitido, sem dúvida, oferecer ao lactente acordado oportunidade de exercitar a visão. É justo que a coloquemos de maneira que não fique obrigada a divisar apenas as paredes do leito ou do carrinho. Não recomendo, entretanto, excitar-lhe a atenção por meio de estímulos sempre novos e rebuscados.

Assim deve ser, principalmente, quando ainda não sabem andar, período esse em que, segundo o mestre alemão, não se deve provocar na criança maior interesse pelo mundo exterior.

Quando já ensaia os primeiros passos, é antes aconselhável trazê-la, a criança, dentro em pequenos cercados, onde se possa mover à vontade, com os seus brinquedos.

Podemos asseverar que, até fazer a criança seis anos, é preferivel sustar quaisquer ensinamentos de disciplinas, mas apenas deixá-las entreter-se com seus brinquedos. É a idade em que os mimos, agrados, conversas e brincadeiras lhes constituem verdadeiros estímulos, capazes de propiciar o desenvolvimento psicológico nas melhores condições educacionais.

Mais crescida, é sempre conveniente proporcionar-lhe oportunidades de convívio com outras crianças em lugares onde possam entregar-se a seus folguedos.

"Criança enclausurada dentro de casa terá sua formação psicológica e seu adestramento muscular prejudicados, além dos prejuizos de sua própria saúde física, pois a criança, como a flor, precisa de ar livre e de luz do sol", são ensinamentos de um mestre.

"A companhia só de adultos torna a criança tão infeliz e desajustada como um adulto que só convivesse com crianças. Cada um gosta de se entreter com seus iguais, e o adulto, quando brinca com a criança, é incapaz de se infantilizar tanto quanto a criança e muito menos de fazê-lo de modo permanente". (Pedro de Alcantara).

Como brinquedos são bem indicados os seguintes, segundo êste autor, nas diferentes idades.

Primeiro ano:

3 meses: uma argola de osso.
4 meses: um chocalho e maracás.
5-6 meses: um brinquedo de borrachá.
7 meses: duas colheres de osso ou prata.
8 meses: também uma baqueta.
9 meses: um animal de pano.
10 meses: uma bola.
11 meses: cubos de encaixes.
12 meses: caixas de papelão com suas respectivas tampas.

Um a dois anos:

a) Para atividades ao ar livre:
Bolsas. Pequenos veículos de puxar ou empurrar. Balde e instrumento de madeira para brincar na areia.
b) Para as atividades manuais:
Cubos de encaixes. Blocos de construção com base grande.
c) Para atividades de dramatização:
Animais, exemplo: — ursinho felpudo. Bonecas inquebráveis. Serviço de mesa inquebráveis, panelinhas, etc. Automóveis de madeira.
d) Chocalhos, caixinhas com tampas de papelão e pele, guizos, realejos de papelão e flandres.



Limpa e embeleza a cútis. Dá maravilhosa brancura e explendor de juventude.



CREME
RUGÓL

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!



A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON 1; e quando fôr ao contrário demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

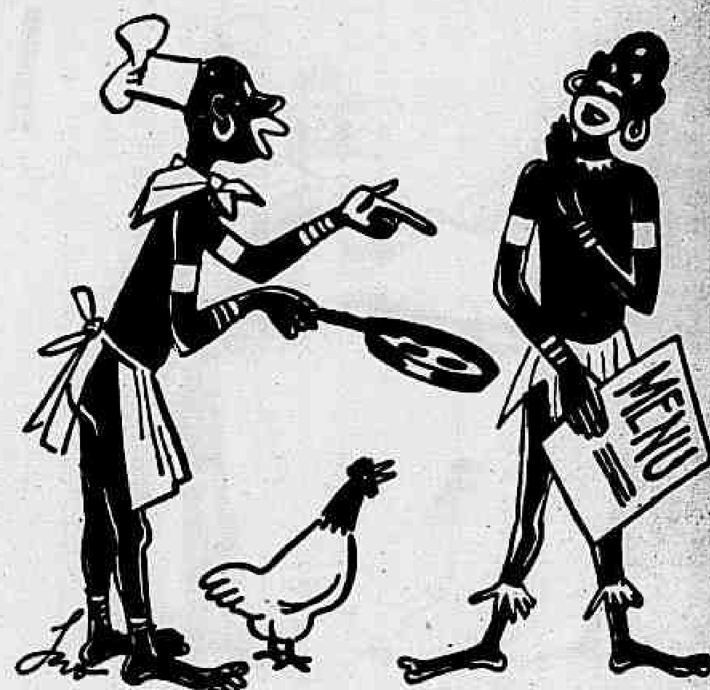


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

WEEK-END NA COZINHA



BEJINHOS DE CÔCO

MISTURA-SE um copo de leite com um prato fundo, bem cheio de açúcar numa caçarola, levando-se ao fogo; se o leite talhar, o que acontece algumas vêzes, não há inconveniente. Quando estiver em ponto de mingau ralo, retira-se do fogo: mistura-se, numa vasilha, seis gemas com um côco ralado, despeja-se essa mistura na caçarola, que volta ao fogo, mexendo-se sempre até ficar como um angu, despregando-se do fundo. Tira-se do fogo, junta-se umas gotas de essência de baunilha e despeja-se o doce num prato untado com manteiga, deixando-se esfriar um pouco. Faz-se então os beijinhos, passa-se em açúcar cristalizado e enfeita-se com um cravo-da-índia.



ARROZ DE FORNO

Faz-se um arroz sôlto. Depois de pronto, mistura-se uma colher de manteiga e 2 gemas de ovos para cada 2 xícaras de arroz cru. Arruma-se tudo em seguida numa travessa que vá o forno, polvilha-se com queijo parmezão ralado, cobre-se com ovos batidos, polvilha-se com farinha de rosca enfeitando-se com pedaços de ovos cozidos e azeitonas. Vai ao forno quente para tostar e serve-se quente. Pode-se fazer também em duas camadas, colocando-se, entre uma e outra camada de arroz alguns ovos cozidos e partidos, como também fatias de presunto.



CHICORIA A LA MAITRE D' HOTEL

Ingredientes: 1 quilo de chicoria, já limpa das fôlhas velhas, 300 gramas de batatas, 150 gramas de nata e 100 gramas de manteiga.

Modo de preparar: Cozinha-se a chicoria em água com sal, escorre-se bem, pica-se e passa-se na maquina deixando-se escorrer ainda mais numa peneira depois leva-se ao forno, numa caçarola, com 40 gramas de manteiga, cobrindo-se com uma fôlha de papel, ficando no forno apenas alguns minutos. Cozinha-se as batatas descascadas, também em água com sal, escorre-se e passa-se pelo espremedor: junta-se-lhes o resto da manteiga, batendo-se bem para que o purê fique fôfo. Adiciona-se então as colheradas a nata, mexendo-se sempre. Se o purê ficar duro amolece-se com leite, pois êste purê deve ficar mais mole do que o comum. Leva-se ao fogo o purê mexe-se um pouco, retira-se, junta-se a chicoria, torna-se a levar um minuto ao fogo, mexendo-se e despeja-se numa travessa. Alisa-se o purê com uma colher amanteigada enfeita-se o prato com fatias de pão fritas em manteiga.



FAROFA BAIANA

Leva-se ao fogo uma panela com 2 xícaras de água, uma colher de manteiga, uma cebola passada na máquina ou ralada, um pouco de coentro picadinho, salsa, também picadinha, e sal à gôsto, deixa-se dar uma fervura e retira-se a panela do fogo. Quando ficar morna, mistura-se, aos poucos, duas xícaras de farinha de mandioca, fazendo-a cair em chuva para não embolar. A farofa deve ficar úmida. Serve-se com fritada de camarão.



CROQUETE DE CARNE

Assa-se 1 quilo de carne, ou aproveita-se algum resto da véspera, ou então, faz-se um picadinho. Se a carne fôr assada, passa-se na máquina, como se faz com a carne picadinha. À parte, faz-se um creme espêsso com 2 xícaras de leite, sal, 1/2 colher de manteiga, 2 gemas e farinha de trigo. Junta-se êsse creme à carne assada, moída, ou picadinho feito, mistura-se bem e deixa-se esfriar. Frio, fazem-se pequenos rolos — croquetes — que se passam um por um em farinha de rôsca, depois em ovos batidos e novamente em farinha de rôsca. Fritam-se em gordura bem quente e levam-se a escorrer numa peneira. Servem-se sôbre fôlhas de alface.



SOPA DE FEIJÃO PRÊTO

Cozinhe muito bem 1/2 quilo de feição prêto, até o caldo ficar grosso tire todo o caldo e só a metade dos caroços e passe pela peneira. Incorpore um bom refogado coado, e sal, junte ao fogo para ligar e deixe na sopeira onde já devem estar 4 ovos em fatias junte água se ficar grosso.



MIOLOS COM OVOS

Tome 3 miolos, lave em diversas águas, limpe bem as peles sangrentas e deixe de molho nágua fresca. Leve a ferver em água com sal só até ficarem firmes. Escorra e parta em dados de 1 cm. Bote numa frigideira 3 colheres de manteiga e 1/2 de salsa picadinha e deixe fritar até mudar de côr. Aí deite os miolos e deixe fritar um pouco. Tome 12 forminhas de porcelana com cabo, que possam ir ao forno, encha até ao meio com os miolos, quebre um ovo em cima de cada uma, regue com manteiga derretida e leve a assar no forno, sem deixar endurecer as gemas. Polvilhe de sal e sirva bem quente. Pode também quebrar os ovos na frigideira sôbre miolos, deixar cozinhar e retirar com a escumadeira para um prato, cuidando para não quebrar.



LES MOUSSAKAS

E' uma receita egipcia. Corte umas 6 beringelas em fatias de 1 cm. lave, enxague e frite em manteiga até ficarem bem douradas. Faça um picadinho de carneiro bem temperado. Tome 1 caçarola e arrume em cada, as beringelas e o picadinho, intercalados. Molhe com um pouco de caldo e leve a secar no forno. Desenforme num prato com cuidado e cubra com môlho de tomate.

CRÊME DE MAIZENA

1 litro de leite, 3 colheres-de-sopa de maizena, 30 gramas de açúcar, uma pitada de sal, 2 gemas.

Desmancha-se a maizena em um pouco de leite frio, junta-se ao leite bem quente e deixa-se cozinhar durante 5 minutos, mexendo-se sempre.

Tira-se a caçarola do fogo, junta-se as gemas desmanchadas, o sal e o açúcar, leva-se novamente ao fogo, retirando-se pouco antes de ferver.

Despeja-se em fôrma molhada e, quando frio, vira-se em um prato e serve-se com calda de frutas. Pode também ser servido com compota de fruta, com creme de baunilha ou de chocolate.



BÔLO MODERNO

Pesa-se 6 ovos e toma-se o mesmo pêso de açúcar, de manteiga e de farinha de trigo. Bate-se a manteiga com o açúcar, acrescentando-se sucessivamente, as gemas, a farinha e as claras batidas em neve e, por último, junta-se uma xícara de leite, na qual se dissolveu 1 colher das de sobremesa de fermento. Bate-se tudo muito bem, junta-se passas sem caroços, e despeja-se numa fôrma prèviamente preparada do seguinte modo: unta-se bem a fôrma com manteiga e forra-se inteiramente, tanto no fundo como nos lados, com fatias de bananas, salpicando-se açúcar por cima das fatias de bananas, algumas amêndoas partidas ao meio. Despeja-se por cima a massa de bôlo, levando-se ao forno regular. Desenforma-se assim que se tirar do forno.



RABANADAS COM CALDA

Tome um pão dormido, corte em fatias de 1 cm, sem códea, embeba em leite açucarado. Tire as fatias, passe em ovos batidos, jogue depois numa calda a ferver, aromatizada com água de flor, ou com 1 cálice de licor ou de vinho, deixe cozinhar até ficarem bem passadas. Escorra e sirva.

PUDINZINHOS DE FRANGO

ENSOPA-SE um frango novo. Depois de ensopado, tira-se os ossos e as peles passando-se tôda a carne na máquina. Leva-se ao fogo uma panela com uma colher de manteiga, e uma cebola bem batidinha, deixando-se dourar levemente. Junta-se tudo a carne do frango passada na máquina, tempera-se com pimenta do reino (e verde se gostar) e refoga-se um pouco. Retira-se do fogo, deixa-se esfriar, e mistura-se-lhes três colheres de queijo parmezão ralado, três gemas, as claras em neve e uma colherinha de farinha de trigo. Unta-se forminhas das mais altas, polvilha-se com farinha de rosca, põe-se no fundo uma rodela de cenoura cosida, enche-se com o creme de galinha. Leva-se as forminhas ao forno regular por uns vinte minutos.

FRANGO A LA COCOTE

DEPOIS do frango depenado e limpo, corta-se em pedaços, refogando-se bem em bastante gordura, sal e alho. Quando estiver corado junta-se uma colher de manteiga, uma colher de vinho do Pôrto, batatinhas novas, cenouras pequenas, cebolinhas, deixando-se cozinhar em fogo brando, sem levar água, sòmente com o bafo. Quando estiver cozido, retira-se do fogo e arruma-se no prato.



A MARCA DO RENEGADO

ESTAMOS no ano de 1825 e na Califórnia para aonde estão sendo atraídos os piratas que infestavam as águas do Pacífico em virtude da recente proclamação da República do México. Um dêstes aventureiros é o Capitão Bardoso (George Tobias) o qual desembarca na costa de Los Angeles e se prepara para saquear a cidade com o auxílio de um conspirador desconhecido, tendo êste lhe dado ordens para enviar Marcos Zappa (Ricardo Montalbán) um rapagão valente e destemido com quem êle pretende ultimar os detalhes do assalto.

Seu desembarque foi vigiado por um grupo de homens comandados por Luis (J. Carrol Naish), os quais mais tarde surpreendem Marcos no albergue e o levam manietado para uma barraca armada fora da cidade. Lá os está esperando Don Pedro Garcia (Gilbert Roland) um déspota que sonha tornar-se Rei da Califórnia.

Don Pedro sabe que Marcos havia tomado parte na luta pela liberdade da Cidade do México de onde mais tarde fôra expulsado como renegado. Para provar o que diz, remove da cabeça de Marcos uma tira e descobre, queimado à fogo, em sua cabeça a letra "R", a marca da infâmia. Para guardar segrêdo, Marcos se vê obrigado a pôr seus serviços à mercê de Garcia, o qual de início manda que êle procure namorar Manoela (Cyd Charisse) filha de Don José de Vasquéz (Antonio Moreno), chefe do Partido Republicano leal ao México.

A caminho de Los Angeles, Marcos ajuda os cavaleiros a se livrarem de uns bandidos. Um dêles, Luis, o deixa inconsciente dando-lhe com a culatra da pistola na cabeça. Quando volta a si, o jovem encontra Manoela cuidando de seus ferimentos, estando em companhia de seu noivo Miguel (Armando Silvestre) e seu pai.

No Albergue em Los Angeles, Marcos encontra novamente Luis, o qual havia sido escolhido para seu criado e êste então lhe revela que o assalto havia sido simulado para que Marcos tivesse ocasião de travar conhecimento com a família e assim poder fazer uma visita à Manoela. Naquela noite Marcos recebe uma carta contendo uma mensagem algo misteriosa. O logar do encontro seria no cassino da cidade. Ao sair do hotel, Marcos encontra Bardoso que no momento estava faiscando de raiva: êle o acalma e leva-o consigo para o cassino. Lá Anita (Andrea King) procura seduzí-lo, dando-lhe um narcótico, mas Marcos, muito sabido, não cai na ratoeira. No salão de jôgo arma-se uma briga tremenda

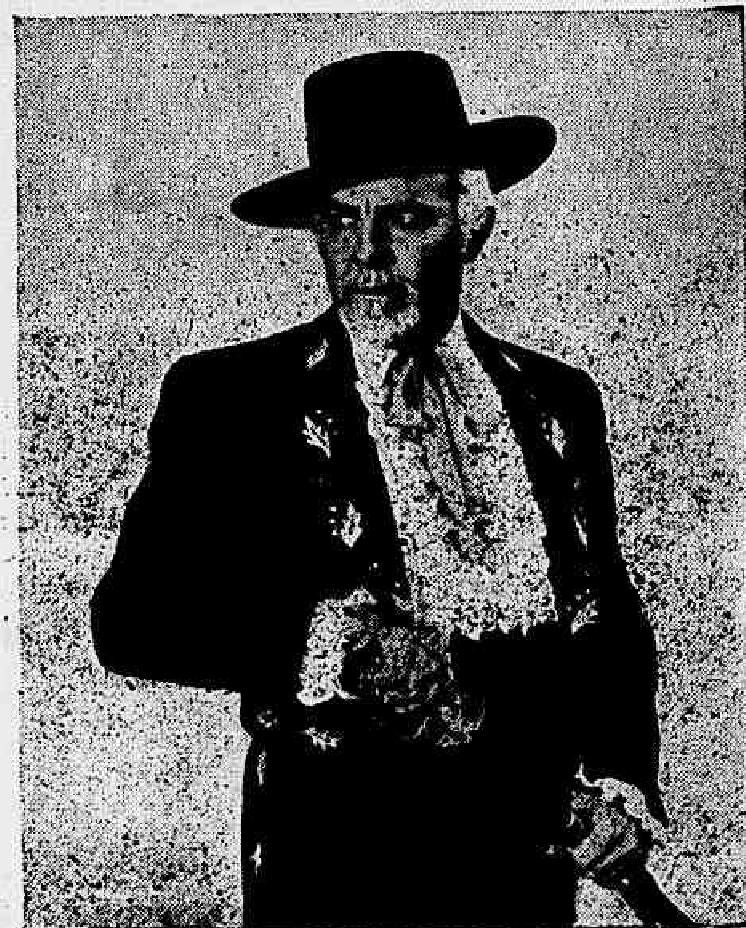


(MARK OF THE RENEGADE)

PERSONAGENS:

Marcos Zappa	Ricardo Montalban
Manoela	Cyn Charisse
Luis	J. Carrol Naish
Don Pedro Garcia..	Gilbert Roland
Anita González	Andrea King
Bardoso	George Tobias
Don José de Vásquez	Antônio Moreno
Miguel	Armando Silvestre

Direção de
HUGO FREGONESE
Produção de
JACK GROSS
Apresentação da
UNIVERSAL INTERNATIONAL
(Em tecnicolor)



Marcos e Bardoso têm que fazer muita ça para conseguir fugir para a rua.

De volta ao hotel, Luis informa seu pa- o que será necessário fugirem imediata- ente porque o Capitão Cervera (Alberto orin) Chefe de Polícia, está com ordens ra detê-los. Patrão e criado partem a da pressa, montados em velozes cavalos. o caminho se encontram novamente com on José Vasquéz, e êste convida a Mar- s para ir até a sua residência onde no dia guinte terá lugar uma grande festa em gosijo à data da República do México m o içar da nova bandeira, festa esta lebrada pela primeira vez na Califórnia.

Capitão Cervera aparece na fazenda a ocura de Marcos, mas Don José se res- nsabiliza pela integridade do jovem.

Don Pedro, que também fazia parte dos nvidados de Don José, não obstante tôda tipatia que sentia por tôda a família, roveita a ocasião para provocar um duelo tre Marcos e Miguel. Ao cair da noite anoela chama Marcos para junto de si, s ela está notando que êle parece muito ocupado e Don Pédro, quando sabe que rcos se encontra nos aposentos de Ma- la, aproveita o momento para provocar barulho para atrair a atenção de todo mundo que assim verá onde está Marcos. rcos, porém, consegue escapar pela ja- e a oportuna chegada de Bardoso vinha à procura dêle, explica o por de sua estada no pátio.

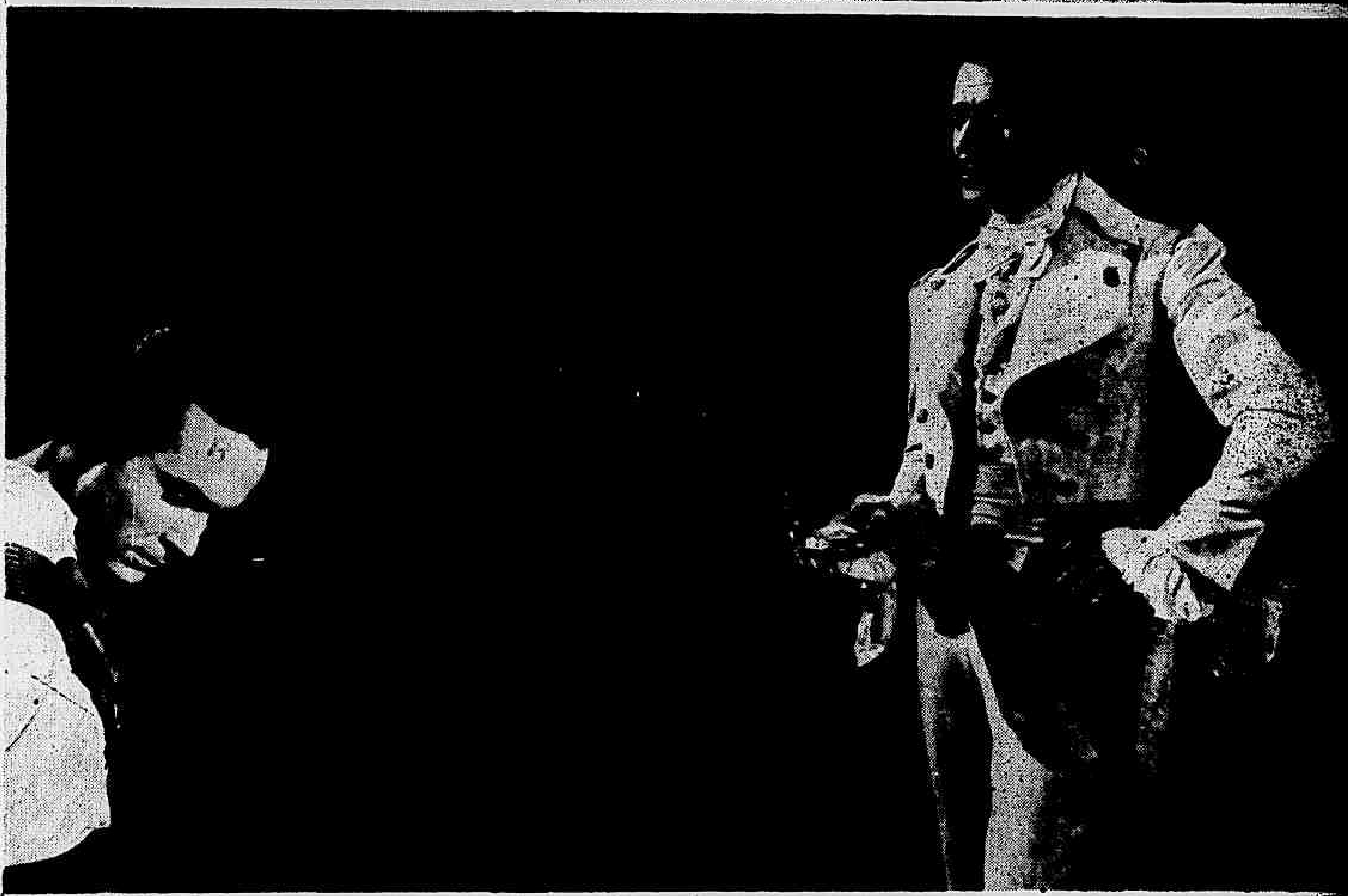
rdoso pede a Marcos para que êle leia êle uma carta que acabara de rece- Dizia a missiva que Bardoso iria re- as últimas ordens ao meio dia do guinte na Casa dos Prazeres.

dia seguinte, quando a festa ia no Manoela faz questão de mostrar a o mundo sua afeição por Marcos e o para seu par constante nos vários s; entre êstes o célebre bailado fla- e isto significava para todos que z que a moça escolhesse para seu aquela a quem desejava ter a seu la- tôda a vida. O gesto de Manoela pro- ma comoção muito grande, Miguel é o que não liga, pois para êle Mar- mais poderá causar aborrecimentos. mais tarde coube a Marcos a opor- de salvar Manoela da sela de um que fugira em debandada louca, a e salva ilesa, mas Marcos quebra ço e acaba perdendo os sentidos, es disto acontecer êle ainda tem fôr- a pedir a Manoela que o único e atendê-lo deve ser o Padre João, são São Gabriel.

ela em seguida entra no quarto de mas o quarto está vazio. Ela se da missiva da qual era portador e a qual ela poude ler de relance sto se dirige à Casa dos Prazeres. a Marcos que havia encontrado Don com grande demonstrações de etu- s vistas de Anita e Bardoso fala planos em se fazer coroar Rei da ia. No momento em que Manoela Anita estava procurando conquistar e fazer com que êste matasse Don pois êste havia feito pouco dela. ela, não compreendendo a situação, alece de sua personalidade para cas larcos duramente com o chicote, fu- em seguida. Don José de Vásquez vez quando sabe que Marcos Zappa nos aposentos de sua filha, exige dois se casem. Pouco antes da ce- a nupcial, Don Pedro aparece em nhia de Miguel e desafia Marcos para uelo à pistola: Marcos dispara a arma o ar e seu adversário titubea. O en- o é terminado com a chegada de Capi- Cervera e Bardoso, o qual havia sido strado com todos seus piratas e ha- declarado Garcia como líder da cons- o.

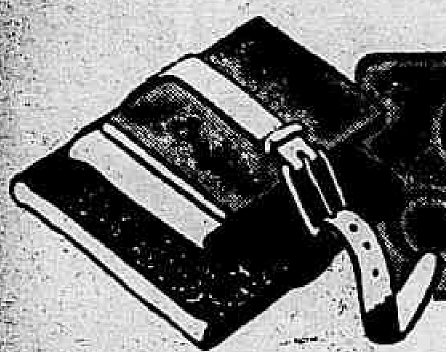
cos Zappa resolve então confessar que enviado secreto do Govêrno Mexi- para desmascarar à Garcia. Sua mar- renegado é falsa e êle mesmo a re- sua testa. Don Pedro então trava um duelo de espadas e depois de dentado combate, cai morto. O Pa- o algumas horas mais tarde celebra de Marcos e Manoela.







então
simu-
o de
assim
Na-
con-
a. O
da ci-
contra
scando
o para
rocura
s Mar-
a. No
menda



Semana Literária

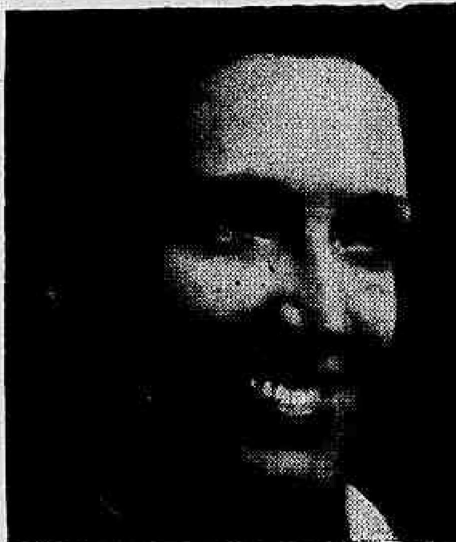


EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA

RESERVAMOS êste número de "Semana Literária" para um balanço do ano de 1951 agora terminado. E' sempre útil, antes de iniciar um novo ano de atividades verificar o que realizamos. Ao mesmo tempo, isso nos serve para examinar o que antes alcançamos, para procurarmos uma nova marca em nosso ofício, como nos possibilita sentirmos as falhas de nosso labor.

Fazendo a revista de "Álbum de Família" em 1951, muitas foram as falhas que encontramos, naturalmente, e que procuramos corrigir êste ano. A finalidade desta rubrica, como o leitor inteligente fàcilmente compreenderá, é, não apenas focalizar eventualmente um nome e uma figura de escritor. Antes, queremos fazer aqui, como é justo em um semanário popular como a REVISTA DA SEMANA, uma espécie de pequeno curso de literatura geral, através de notas crítico-biográficas, de escritores nacionais e estrangeiros de tôdas as épocas, de preferência contemporâneos. Êsse objetivo nos foi inspirado por fatos da vida cotidiana. Verificamos que, em nosso tempo, a não ser em meio de especialistas, há uma cada vez maior indiferença pelos valores do espírito. A não ser a literatura servida por uma publicidade bem orientada, obras de capital importância, hoje em dia, permanecem no conhecimento exclusivo de uma minoria irrisória de letrados. De certa maneira, podemos dizer que o escritor e o poeta de hoje escrevem para si mesmos, tão pequeno é o eco que despertam na maioria do público. Se por um lado há grandes nomes do passado completamente ignorados pelo leitor atual, por outro os novos permanecem confinados às publicações especializadas, desconhecidos pelo leitor médio. O problema é complexo e decorre de uma série enorme de circunstâncias. Portanto, procurar quebrar essa barreira, em uma publicação semanal como a nossa representa tarefa honrosa, além de ser útil, tanto a leitores como a autores. E' o que temos procurado fazer.



CECÍLIA MEIRELES



GRAHAM GREEN

"Álbum de Família" reuniu 42 retratos em 1951. Também sabemos que focalizar apenas meia centena de escritores não é muito. Entretanto, entre os que apresentamos aos leitores, incluíram-se muitos quase inteiramente desconhecidos de nosso público ledor, como Karl Jaspers, Maxence Van Der Meersch (falecido há pouco), o poeta tcheco Jiri Wolker, Graham Greene (cujos livros agora é que começam a aparecer no Brasil), Hilário Ascasubi, o poeta gaúcho da Argentina (como os outros compatrícios seus muito ignorado entre nós), o grande escritor português atual, João da Silva Correia (com um romance, "Porta Aberta", que é um dos melhores livros ùltimamente vindos de Portugal), o escritor húngaro que há pouco suicidou em Budapest, Emery Bekessy, além de outros. Lembramos também alguns nomes do passado (Mário Behring, Laet, Augusto de Lima, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira, Rodrigues de Abreu, Pereira da Silva), focalizamos nomes atuais (Oswald de Andrade, Ciro Pimentel, Lourival Fontes, Munhoz da Rocha, Cecília Meireles, Murilo Mendes, Tomás da Fonseca, Tasso da Silveira, Eduardo Mallea, Erskine Caldwell, Emílio Moura) e dedicamos a alguns novíssimos (Auro Yeddo Martins, Rui Rodrigo Fernandes, Paulo Sérgio) algumas notas nesta seção.

Este o balanço que podemos apresentar aos leitores do "Álbum", com a promessa de que procuraremos fazer mais e melhor em 1952, sobretudo sistematizando os comentários aqui realizados, de forma a aumentar o interêsse da seção, no sentido de se tornar o mais aproximadamente possível, o curso de literatura popular que é o nosso objetivo.

NOTICIÁRIO DE 1951

ENTRE os muitos acontecimentos do mundo das letras, verificados no ano passado, recordemos: Antônio Olinto, poeta e crítico literário de "O Globo", foi representar o vespertino de Roberto Marinho na solenidade de entrega do Prêmio Nobel; Richard Katz, escritor e "globe-trotter", naturalizou-se brasileiro e publicou um livro sôbre Paquetá; inicia-se a publicação do "Diário Íntimo" de Humberto de Campos; Rubem Braga volta ao Brasil, depois de longa permanência na Europa; a "Semana" registra o aparecimento da mais jovem poetisa do Brasil, Aída Rodrigues; Paul Geraldy adere ao cinema e escreve um argumento, extraído de uma de suas peças; filma-se o romance "Presença de Anita", de Mário Donato; o ministro Bias Fortes, titular da pasta da Justiça, libera a peça de Nelson Rodrigues, "Senhora dos Afogados"; morre o general Arnaldo Damasceno Vieira, poeta e presidente do PEN Club; a 27 de janeiro, completa um ano a "Semana Literária"; morre Sinclair Lewis (2 de fevereiro); Berta Singermann vem ao Rio; morre o escritor Jean Valtin; assina-se o acôrdo intelectual Brasil-Portugal; comemora-se o centenário do "Harper's Magazine"; morre André Gide; Roberto Assunção, secretário da Embaixada do Brasil em Paris, é homenageado por escritores e jornalistas, aqui no Rio, quando de sua visita; William Faulkner tira o prêmio Nobel; José Lins anuncia "O Cangaceiro"; Olegário Mariano anuncia "Tangará conta história", livro para crianças; morre Oliveira Viana; comemora-se o centenário de Sílvio Romero; realiza-se um congresso de escritores, promovido pela federação das Academias de Letras; Otávio de Faria vai à Europa; o nome de João Luso é dado a uma rua de sua cidade natal, Louzã, Portugal; o sr. Simões Filho inicia no Ministério da Educação uma série de conferências; Pascoal Carlos Magno oferece uma festa a "Jornal de Letras"; Olegário Mariano é nomeado embaixador do Brasil; estréa-se a peça de Nelson Rodrigues, "A Valsa n. 6"; Manuel Bandeira faz uma conferência sôbre poesia, na Casado Estudante; morre Godofredo Rangel; aparece "Esperidião"; "Jornal de Letras" publica a autobiografia literária de Manuel Bandeira; comemora-se o cinqüentenário de Eduardo Prado; é eleito para a Academia, o jornalista Austregésilo de Ataíde; morre em um desastre aéreo o escritor Galeão Coutinho; comemora-se, por iniciativa do titular da pasta da Educação, o 30.º aniversário da Semana de Arte Moderna; Murilo Mendes faz 50 anos; filma-se "O Comprador de Fazendas", de Monteiro Lobato; Graça Melo monta "Massacre", de Daniel Roblès; Procópio apresenta "O Avarento", de Molière, em tradução de Bandeira Duarte; comemora-se o terceiro centenário de Fenelon; o T.B.C. de São Paulo apresenta, no Municipal, do Rio, um notável espetáculo, com a "Dama das Camélias", fazendo Cacilda Becker o papel-título e finalmente, Par Fabian Lagerkvist tira o Prêmio Nobel de Literatura de 1951.

Em uma resenha muito rápida, aí estão alguns dos acontecimentos do mundo das letras, no ano findo.



CACILDA BECKER



MURILO MENDES

ETRAS MINEIRAS

★ Já se acha nas livrarias o novo livro Wellington Brandão, figura de relêvo s letras mineiras, intitulado "A Quarta epública". Integram o presente volume di- ersos estudos sôbre problemas brasileiros, n que o autor alia aos seus conhecimentos nossa realidade, excelentes dotes de pro- dor. Seu livro vem sendo recebido com plausos pela crítica.

★

★ "MAXIMAS E PENSAMENTOS" é o vro editado pelas Edições João Calazans da autoria do escritor goiano Wilson emoch. Trata-se de interessante coletânea pensamentos que revelam os dotes fi- ficos do jovem escritor.

★

O Padre Orlando O. Vilela trouxe a o seu esperado livro "ATITUDE STA EM FACE DA POLITICA", tra- de invulgar merecimento e que con- a posição do autor em nosso pano- literário. O conhecido pensador pas- n revista o comunismo, o capitalismo, tegralismo e aborda outros temas, à da doutrina cristã. E' êste, sem dúvi- m dos melhores livros do ano, apare- em Minas.

★

O desaparecimento do escritor Noral- de Lima causou profundo pesar nos los literarios de Belo Horizonte, onde bastante estimado como figura repre- tiva da inteligência e da cultura de s. Dentro de alguns dias, a Academia ira prestará justa homenagem à sua ória, pois Noraldino Lima pertenceu le cenáculo, onde ocupou a cadeira tem como patrono Tomaz Antônio Gon- . Tôda a imprensa das alterosas lamen- a dolorosa ocorrência, que resultou na a para o Estado de um dos seus filhos ilustres.

★

E SÃO PAULO

Em edição de apenas duzentos exem- es, Domingos Carvalho da Silva publi- dentro em breve mais um livro de os, intitulado: "O Livro de Lourdes e uns Poemas Avulsos". Os originais da rida obra já fôram encaminhados ao or.

★

★ Hernani Donato, autor de um ro- nce chamado "Filhos do Destino", acaba lançar mais um livro infantil, "Os apu- do macaco Pium", pelas Edições Me- ramentos. E Renato Sêneca Fleury, pela sma editôra, acaba de publicar uma bio- afia sôbre Pedro Américo, célebre pintor sileiro.

★

★ Saiu, finalmente, a "Coletânea de Poe- as Paulistas" (Editôra Minerva Ltda.), an- ologia organizada por Enéas de Moura. Dentre os poetas novos de São Paulo, que figuram na referida antologia, anotamos os omes de Cyro Pimentel, Décio Pignatari, omingos Carvalho da Silva, Péricles Eu- io da Silva Ramos, Haroldo de Campos, é Paulo Pais, José Escobar Faria, Paulo gio, Ruy Affonso Machado, Geraldo Vi- al, Pero Neto, Milton de Lima Souza, rio da Silva Brito, Reynaldo Bairão, além outros.

Fora do Prelo

Alguns livros do ano

SEJA esta nota uma pequena revista dos livros publicados em 1951, isto é, daqueles cujo aparecimento registramos aqui, muitos de fato merecedores de serem lembrados ao leitor que, neste princípio de ano, deseja reunir obras de real significação em sua estante.

Gilberto Freyre publicou "Quase Política", por exemplo, dando conta de sua obra no parlamento. Limeira Tejo editou seu tão discutido "Retrato Sincero do Brasil", um requisitório implacável, contra os desmandos do país. De Portugal, chegou-nos êsse impressionante "D. Afonso Henriques", de Tomaz da Fonseca. Dulce Sales Cunha deu-nos uma série de conferências que representam um bom roteiro para a história da literatura modernista, "Autores Contemporâneos Brasileiros". Reeditou-se o importante "O Mundo Interior", de Farias Brito, a "A Arte de Furtar", o "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa", "Os Sertões" e apareceu o significativo livro de viagens de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) "Europa de Hoje. Eutre os poetas, destacamos "Permanência e Tempo", de César Memolo Júnior; "Obra Poética", de Jorge de Lima; "Rive Etrangère", de Ribeiro Couto; "Ângulo e Face", de André Carneiro; "Transfiguração", de Paulo Bonfim; "Cais da Eternidade", de Edison Moreira; "Silêncio e Palavra", de Thiago de Mello; "Caminho de Poesia", de Rui Rodrigo Fernandes; "Odes", de Edgard Braga.

Os ficionistas, no romance e no conto, foram pouco numerosos: "Contos Reunidos", de Gastão Cruls, nos trouxe de novo o grande mestre da história curta; apareceu mais um volume do "Mar de Histórias", antologia de Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Ronai; Paulo Dantas assinou um dos melhores romances do ano, "A Cidade Enfêrma"; Carlos Drummond de Andrade reapareceu na prosa com "Contos do Aprendiz"; Maria de Lourdes Teixeira nos ofereceu o romance "Banco de Três Lugares" e, de Portugal, nos veio o romance "Porta Aberta", de João da Silva Correia; apareceu o livro de contos do jovem escritor Saldanha Coelho, "Mural", encerrando-se o ano com os contos de José Condé, "Histórias da Cidade Morta.

Além dêsses, cumpre-nos registrar, também, o aparecimento da Antologia de Poetas Franceses, de Raymundo Magalhães, "O Hamlet de Antônio Nobre", de Josué Montello; o "J. Carlos", de Herman Lima; "O Gênio e a Graça", de Celso Vieira; "Auto de N. S. da Vitória", de Nilo Bruzzi; "O Teatro de Nelson Rodrigues", de A. Fonseca Pimentel e, finalmente, "Crônicas Escolhidas", de Rubem Braga.

Não são muitos, nem são todos os livros de importância publicados no ano passado. São, entre os que mais representaram a nossa época, alguns dêles. Estamos certos de que são obras indispensáveis em qualquer biblioteca, de leitura necessária para quantos queiram ter uma imagem do momento literário.

Edmundo Lys

EM BOA COMPANHIA — Autor de vários livros sôbre a vida e os hábitos dos animais — Djibi, a Gatinha; Os Filhos de Bambi; Reni, história dum cão de guerra — Felix Salten está célebre no gênero. Aumentando-lhe a coleção, acabam as Edições Melhoramentos de publicar «Em boa companhia», páginas simples e agradáveis, ilustrações de W. E. Baer.

★

A VIDA HERÓICA DE CRISTÓVÃO COLOMBO — Historiador que vai às fontes das pesquisas e do acêrvo de documentos, Giuseppe Cavazzana escreveu «A vida heróica de Cristóvão Colombo», que as Edições Melhoramentos apresentam em tradução de Dinio de Sanctis Garcia e ilustrações de E. Dell Acqua. Rigoroso no respeito à verdade, o autor oferece-nos, com esta obra, rumos certos para o conhecimento da «Vida heróica de Cristóvão Colombo».

★

O DISCIPULO DO DIABO — Graças às Edições Melhoramentos, em nossa língua possuíamos as traduções de «Homem e super-homem», «César e Cleopatra», «O homem e as armas», «Major Bárbara». Dá-nos, agora, a mesma editôra, mais uma peça de Bernard Shaw: «O discípulo do diabo», versão de Vivaldo Coaraci.

★

GRADES E AZULEJOS: — Êste romance de costumes, que retrata com perfeição um ângulo da sociedade maranhense, oferece uma trama lógica, sem propósitos de forçar a originalidade. Personagens também comuns gravitam ao redor de Juliana, esta sim uma criatura tôda nervos cuja estranha psicologia não é fácil explicar. Inegàvelmente um tipo de eleição entre as mulheres, pensando e fazendo tudo o que as demais pensariam e fariam se possuíssem essa vontade tão inflexível, ajudada por uma astúcia que a inteligência torna ainda mais perigosa. Maria da Conceição Neves Aboud não é uma estreiante, uma vez que já publicou trabalhos do gênero em nossas principais revistas. Nota-se nestas páginas a segurança de sua técnica e a fôrça vivificadora de sua narrativa.

★

A VINGANÇA DE MICHAEL KOHLHAAS — Em nossa língua não havia obra de Heinrich von Kleist, que os críticos situam ao lado de Goethe e Schiller, como poeta, novelista e dramaturgo. Fizeram bem, portanto, as Edições Melhoramentos em apresentar em sua série «Nôvelas do mundo», volume 1, «A vingança de Michael Kohlhaas», versão de Oto Schneider e ilustrações de Emery Guéron. Tipos e cenas estão fixados, com nitidez, nas páginas da «Vingança de Michael Kohlhaas», as quais justificam o renome do autor.

POEMA SOTURNO DE MINAS GERAIS



Uma ilustração de Darcy Penteado para o livro que o poeta Reynaldo Bairão publicará ainda êste mês: «Poema Soturno de Minas Gerais.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — DALILA É PERSONAGEM:

— Bíblica?
— Criação de Shakespeare?
— Ou indígena do Brasil?

2 — QUEM INVENTOU O TELÉGRAFO ELÉTRICO:

— Morse?
— Edison?
— Faraday?

3 — PORQUE É DIGNO DE NOTA O PICO DA BANDEIRA, NA SERRA DO CAPARAÓ:

— Por conter ouro?
— Por ser o ponto culminante do país?
— Por haver ali a famosa gruta de Maquiné?

4 — QUAL DÊSTES CONTINENTES É O MAIOR:

— América?
— África?
— Ásia?

5 — DE QUE NACIONALIDADE ERA SPINOZA:

— Espanhola?
— Holandesa?
— Italiana?

6 — QUEM DESCOBRIU A LEI DA GRAVITAÇÃO UNIVERSAL:

— Karl Marx?
— Lavoisier?
— Isaac Newton?

7 — QUE NOME TIVERAM AS EXPEDIÇÕES RELIGIOSAS DA IDADE MÉDIA PARA TOMAR AOS TURCOS E SARRACENOS O TÚMULO DE CRISTO:

— Guerras púnicas?
— Inquisição?
— Cruzadas?

8 — EM QUE CIDADE SE ERGUEU O PRIMEIRO PANTEON:

— Em Paris?
— Em Atenas?
— Em Roma?

9 — QUAL DÊSTES ASTRÔNOMOS O PRIMEIRO QUE SUPÔS HAVER CANAIS EM MARTE:

— Lowell?
— Flamarion?
— Galileu?

10 — QUE LEMBRA A DATA DE 4 DE JULHO DE 1776 AO POVO:

— Libertação dos escravos negros?
— Morte de George Washington?
— Independência Nacional?

11 — EM QUE ANO SE DEU A MATANÇA DOS HUGUENOTES DE PARIS PELOS CATÓLICOS FANÁTICOS:

— 1743?
— 1530?
— 1572?

12 — QUAL O REI QUE FOI COROADO AOS CINCO ANOS DE IDADE E GOVERNOU DURANTE 72 ANOS:

— Luís XIV?
— Felipe II?
— Jorge V?

13 — QUE CIVILIZAÇÃO NOS MOSTRA O FAMOSO ALHAMBRA, NA ESPANHA:

— A gótica?
— A mourisca?
— A romana?

14 — QUAL A CIÊNCIA QUE ESTUDA AS ANTIGUIDADES:

— Glotologia?
— Arqueologia?
— Mitologia?

15 — EM QUE GOVÊRNO BRASILEIRO FICOU NORMALIZADA A QUESTÃO ORTOGRÁFICA:

— No de Getúlio Vargas?
— No de Epitácio Pessoa?
— Ou no de Arthur Bernardes?

(Respostas na pág. 54)

O ÚLTIMO BAILE

(Cont. da pág. 27)

Meus olhos estavam embaciados, os lábios tremiam inocentes. Acovardado, indeciso, quase morto, ainda ouvi a advertência de Dulce, mais parecendo uma carícia. Era branda, mas me pungia como um estilete cravado no fundo d'alma:

— Acerte o passo, Délio...

Continuei. Ela me olhou firme:

— Que há com você, Délio?

Controlei-me, balbuciando solene:

— Hoje venci uma aposta, Dulce!

Por certo ela não compreendeu o propósito das minhas palavras. Vi-a meditando, como quem decifra um enigma. Antes que ela adivinhasse o sentido de minhas palavras, consultei o relógio pulseira. Faltavam 15 minutos para as 4 da madrugada. Apenas 15 minutos restavam para o epílogo do baile!

Sem esquecer a aposta, adiantei-me sem demora:

— Dulce, telefone-me amanhã, às 11 horas em ponto, para a Repartição. Guarde os números: 43-0104.

Ela acenou afirmativamente. Não obstante meu conflito íntimo, ainda tentava levar ao fim o meu plano absurdo...

Restava um quarto de hora, dirigimo-nos à varanda. Procurei com o olhar Máltus e Rodolfo, mas debalde. Onde estariam êles? Levariam o caso tão a sério como eu? Lembrei-me, novamente, da aposta, as condições que Máltus impusera, no automóvel. Eu não devia estar raciocinando normalmente. Talvez doente estivesse, uma doença espiritual e hereditária que, naquela noite memorável, mostrava os sintomas, primeiros e graves.

Dulce queria palestrar comigo, mas eu permanecia irredutível, o pensamento fito nos minutos que decorriam. Bem poucos restavam agora. A inquietação assomou em mim, com rapidez tal, e tão intensa, que se diria obliterar-me os sentidos, torcer-me os nervos.

Queria encobrir meu estado de espírito, Dulce aparentava desconfiança:

— Sente-se mal, Délio?

Enganava-se, aquilo não podia ser enfermidade. Mas, sim, a obsessão resoluta de uma convenção, ansioso.

Novamente consultei, ansioso, o relógio. Não suportava mais. Minha consciência parecia avisar-me a cada minuto que se escoava. Um sentimento singular impelia-me a confessar a verdade, ou melhor, declarar a minha insinceridade, falar-lhe da terrível aposta! Talvez soubesse resistir ao golpe, conforme acreditou demasiadamente no meu amor artificial. Demais, ela merecia um homem virtuoso, íntegro, sobretudo sincero...

Gabo-me do meu gesto, o futuro — que foi a minha sombra, a ruína fatal, inesperada. Não imaginara como a jovem receberia a notícia, seu julgamento final. Grande insensatez, a minha!

Dulce era tão humana e arguta que, pelas minhas inflexões iniciais, anteviu todo o desfecho. Nem coragem me sobrou para concluir. Ela sofreu um doloroso transe, abateu-se instantâneamente. Quase me ajoelhei a seus pés pedindo-lhe perdão, tamanha a pena que me assaltou, pela maldade praticada. Sabia que eu não a amava, nem ao menos para consolá-la...

Quando os acordes da orquestra anunciaram o fim do baile senti, também, um desabafo completo. Recordei a cena de um minuto antes. Dulce despedia-se de mim, meio esperançosa, crendo que eu estivesse brincando:

— Adeus, Délio!

Mas quando meu silêncio mais mudo e rijo ficou, ela compreendeu tudo perfeitamente e se desesperou. Ergueu o lencinho branco, da côr do vestido, levou-o aos olhos e desapareceu da varanda... Ainda a vi, imóvel, amparada na grade, insinuar-se pelo salão a dentro, até se perder de vista...

Declinei a cabeça, vencido. A idéia fixa perseguia-me: havia perdido a aposta! Tudo inútil, nada adiantara todo o calor do sacrifício em que me envolvera. Era orgulhoso de mais!

Máltus e Rodolfo encontraram-me, na varanda, quando tôdas as pessoas já haviam-se retirado. A princípio julgaram que eu estivesse sério, mesmo sabendo não suportar bebidas alcoólicas. Fizeram-me uma série de perguntas, dado o meu estado, mencionaram algo sôbre Dulce. Êles me haviam observado!

No automóvel, de regresso, falamos na aposta. Faltou-me ânimo para contar-lhes o que se passara comigo.



ÚLTIMO BAILE

esmo porque era contra o nosso egulamento. O telefone, amanhã, é ue clamaria o vencedor! Depois, sim, iriam os comentários que, por certo, u rècusaria a fazê-los.

(Cont. no próximo número)

ALÉM DOS VERDES...

(Cont. da pág. 8)

Prefeito do Distrito Federal e a autoridades gaúchas estavam bem guardadas. E o vento soprou aquêle punhado de destemidos em cima dos paus de piúba.

Pouco e pouco, a «Nossa Senhora da Assunção» foi virando apenas silhueta minúscula para os que lhe davam os últimos acenos da areia...

APREENSÕES

As notícias sôbre o paradeiro da ngada rarearam. Os dias e as noi- foram passando. Pareceu até sencionalismo quando se temeu pela rte dos cinco jangàdeiros. Era coço de novembro e êles ainda não ngiram Natal. E sabia-se que um nporal se abatera. Os aviões sobrearam o oceano e os radioamadores seram-se em ação. Depois de uns s de pesquisas, localizou-se a «Nos- Senhora da Assunção», que, logo, nceu a primeira etapa. A segunda normal: pegaram João Pessoa em tas e no Recife tiveram de permaer recebendo várias homenagens. eram descendo: Maceió, Aracaju, vador e Vitória ficaram para trás. netraram nas águas fluminenses e, dia 16, num princípio de tarde com rmaço e chuvisco, deram na praia Copacabana!

M ASPECTO QUE ESCAPOU A MUITA GENTE

curiosidade popular foi intensa. uelas cinco fisionomias queimadas o sol e batidas pela chuva foram niradas sabe-se por quantos olhos! eram-nos ouvir discursos e submese a formalidades de etiquêta. ntretanto, um pormenor foi ficande lado: o dos pés e das mãos dos gadeiros. No dia seguinte à chea, êles já estavam calçados e anam — via-se — com certa dificule. Quando tiraram os sapatos se todos brancos, como gostam nortistas e nordestinos), surgiram pés duros, trincados pela água sala que, desta vez, os cobriu por os dias seguidos. As mãos são sas, calejadas de tanto agarrar o da vela, para manter o rumo, não distanciarem da costa como a feita, em que se viram arrastaaté a quarenta milhas.

M O GOVÊRNO E O POVO

jangadeiros estiveram primeiro Catete. Acompanhados do repórcoestaduano José Maria Neves, os assiste em cada escala. Mestre nimo, Tatá, Mané Frade, Mané o e Trinta e Um se sentiram peos dentro do Salão Amarelo. E . Getúlio Vargas fêz-lhes pergune ouviu alguma coisa sôbre as dificuldades. Prometeu, de noque mandaria atender-lhes ao o de nomear uma pessoa de cona para o órgão oficial de contrô- pesca, em Fortaleza.

seguida, abraçaram o Prefeito Carlos Vital e dirigiram-se à Câdos Vereadores. Tiveram de arecer a muitas festas de ceas no Rio e ficaram até com pourazo para descansar nos apartaos recém-inaugurados do Hotel dente, postos à sua disposição. daram com a jangada sôbre os os, pela cidade, conversaram com em-número de populares e vivao Flamengo, no Maracanã. Até defectíveis comunistas aprovei- a «chance» para colher as suas turas no seu «Apêlo de Paz»!...

QUATRO FASES DURAS

tre Jerônimo me fala:

Tivemos dureza para agüentar nares brabos. Uma foi entre Na- Pirangi. Outra, antes de che- Pernambuco. Mais outra, deque deixamos Vitória, ali pelo oce e Barra do Riacho.

a altura, Mané Frade acres- mais uma:

Iouve outra vez difícil para cá pírito Santo.

Nossa Senhora da Assunção», n Mané Prêto e Trinta e Um, nora que parecia pedaço de corndo jogado daqui para ali, no dos vagalhões.

ANGADA CORREU MAIS...

orcionou-se a televisão para os cearenses dos «verdes mares ». E facilitou-se-lhes uma conom a família em Portaleza. Tão ficaram dos estúdios que che- a perguntas domésticas, in- mesmo.

Jerônimo arguiu a mulher:

— Você não se lembra que aquela outra vez eu voltei antes da sua carta !...

Enquanto Mané Frade interpelou a sua Maria:

— Olhe! Diga logo por que não escreve. Porque, conforme fôr, a gente já fica por aqui mesmo...

Na redação d'«O Globo», favoreceram-lhes um telefonema interestadual. Os mensageiros convocaram as espôsas. E êles lhes perguntaram como iam e informaram-lhes sôbre as «encomendas» feitas.

Quanto a êles, Jerônimo arrancou um dente e Tatá acamou-se, aperrengado, com outro ataque de malária.

QUANDO NÃO BRILHAM AS ESTRÊLAS...

O jangadeiro é, mais ou menos, uma espécie de náufrago organizado. Pois navega sôbre uma meia dúzia de paus e com uma vela. Não tem qualquer instrumento e parece que é um homem escapado de um navio que foi a pique e do qual se salvou, graças aos restos do madeirame boiando.

Mané Frade me conta como se acostumaram a orientar-se:

— Durante o dia a gente, às vêzes, não perde de vista a terra.

— Mas quando se distancia?

— Aí, a gente percebe pelo rumo das ondas. Durante a noite há as estrêlas.

— E como vocês aprenderam a guiar-se pelas estrêlas?

Frade não se lembra bem. Nunca se apurou em astronomia. Porém, compreendemos que êle, como seus companheiros, inteiraram-se do recurso por empirismo, por conversa, por lição recebida na labuta. E, se as estrêlas também não brilham, redobram-se de cuidados e esforçam-se para não arriscar tanto. Vão para a terra ou recolhem a vela, obrigando-se a uma vigília rigorosa.

SEM DIREITO A TÉDIO

Se o jôgo dos navios modernos já enjoam os passageiros, imagine-se o que se experimenta numa jangada! Frágil e leve, dá saltos, cobre-se dágua, pinoteia de novo.

— Temos, então, de assustar as coisas de viagem — falam os audazes cearenses. — Bem que trazemos um nadinha de carga. Mas isso já dá o que fazer.

Não se alimentam de conservas, nessas jornadas. Valem-se da sua rapadura, da sua farinha e do peixe que vão pescando. Para cozinhar, dispõem de um fogareiro tôsco, resumido, que é dependurado a salva da água. Enquanto um cuida da comida, outro, de cócoras, debela o sono irremediável.

Acostumaram-se, sobretudo, a não se entediar. Desconhecem até o têrmo, que, até, deixa de impressioná-los. E tudo isso, sem banheiro nem outras comodidades.

DEPOIS...

Êles descem, agora, para o Rio Grande do Sul. «Inauguram» o oceano que vai do Rio a Pôrto Alegre, para essa classe de embarcação. Vão escalar todos os portos daqui para a terra do minuano. Em quanto tempo cobrirão a distância, isso dependerá das variações atmosféricas. O que sabem é que não interromperão o «raid» e estão ansiosos para entrar em contato com os gaúchos.

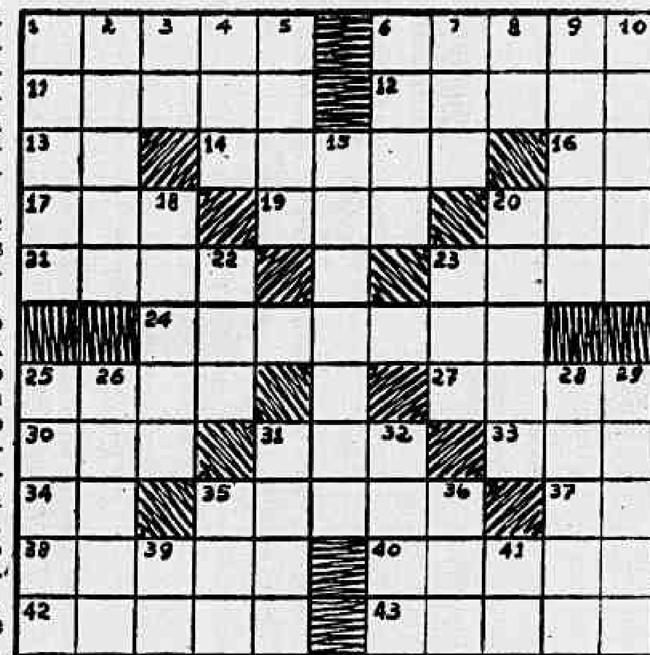
Uma vez em Pôrto Alegre, onde passarão alguns dias e recuperarão as energias despendidas, regressarão de avião a Fortaleza. Antes, porém, descerão no Rio, onde se demorarão ligeiramente.

QUAL SERÁ A RECOMPENSA?

Todos são idosos. Só o João Batista de Oliveira conta 31 anos. Daí o apelido que o acompanhará como uma comemoração à proeza que empreende pela primeira vez. Mas Tatá vai para os 69, Jerônimo para os 49, Mané Frade pelos 60 e Mané Prêto rodeia os 49. Não se pense que êles realizam essa arrancada por um prazer de propaganda. Tatá, Mané Prêto e Jerônimo, do outro «raid», foram até filmados por Orson Welles, que se achava no Rio. Mas êles desejam alguma coisa que não exprimem. Calam o interêsse, para que o risco a que expõem as suas vidas simbolize o que os pés grossos e trincados simbolizam: um sofrimento à espera do resgate do Govêrno. Os pescadores da jangada já são uma classe. E numerosa. E que não tem idade para aposentadoria. Êstes cinco, que agora pisam o Distrito Federal, partem para Pôrto Alegre. Ao voltarem às praias de Iracema, bem podiam ter a recompensa de um desejo cumprido: o prestígio aos colegas, a custo do sacrifício realizado. Enfim, que as suas reivindicações não sejam conservadas nas salmouras dos mares que singram.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.° 86 para Veteranos



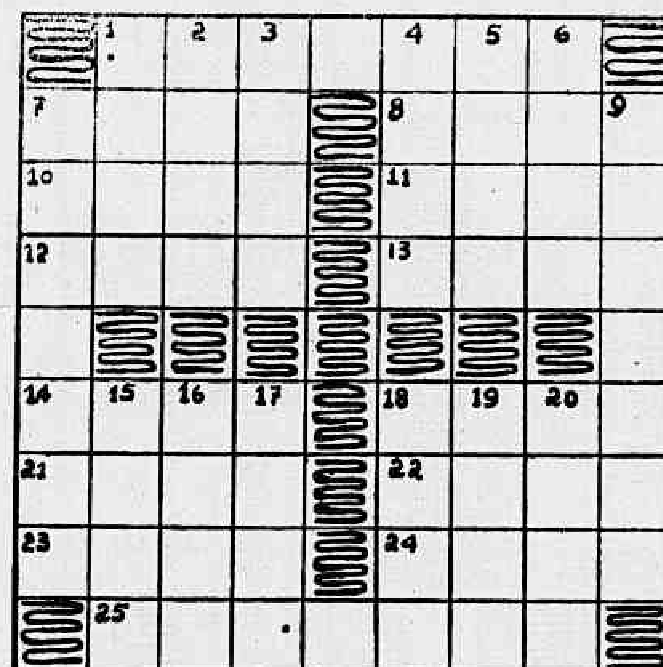
Otaner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Tributas grande respeito — 6. Fazes investigações — 11. Meto em dificuldades — 12. Planta da família das Marantáceas — 13. Recita — 14. Fermento de vinho — 16. Nome da divindade entre os primitivos semitas — 17. Constelação austral — 19. Cabana — 20. Tronco genealógico — 21. A parte mais grossa do mastro — 23. Fécula alimentícia extraida do rizoma da Coclasia comestivel — 24. Alastrar-se — 25. Antes da ocasião propício — 27. Direção — 30. Sufixo que denota naturalidade, partido — 31. Palavra bérbere que significa filho — 33. Irmã e mulher de Fer (mitologia escandinava — 34. Medida de capacidade do Cambodje, equivalente a 10 litros — 35. Passara pelo crivo — 37. Símbolo do tungstênio — 38. A mãe do dia, a aurora — 40. Animal da família dos Mustelídeos — 42. Tocam de leve — 43. Talante.

VERTICAIS: — 1. Que desce até o calcanhar — 2. Planta leguminosa — 3. Grande concurso — 4. Pronome pessoal — 5. Inércia — 6. Bens — 7. Indígena da tribo do rio Iraí — 8. Cuica — 9. Dividir pela metade — 10. Sacerdote de Marte — 15. Intemperança — 18. Querido com predileção — 20. Régua com que se mede a altura de pipas e tonéis — 22. Jarro — 23. Pessoa de grande mérito — 25. Acautelar-se — 26. Abertura no convés por onde se enfurna o eixo dos cabrestantes — 28. Manípulo dos sacerdotes — 29. Altercar — 31. Ave aquática do Brasil — 32. Onomatopéia do som de coisa que se parte — 35. Cachaça — 36. Tinhorão — 39. Designação de qualquer divindade escandinava — 41 Prefixo que exprime negação, aumento.

★

Problema N.° 86 para Novatos



Otaner - Rio

HORIZONTAIS: — 1. Apreciadora de arte — 7. Famoso perfume indiano — 8. Ato de rir — 10. Lâmina metálica com que se dá impulso a qualquer peça — 11. Ligam — 12. Segurar pelos élos — 13 Mulher formosa — 14. Irritar-se — 18. A voz do gato — 21. Rosto — 22. Solitária — 23. Formar em alas — 24. Período do tempo (pl.) — 26. Rezariam.

VERTICAIS: — 1. Ilha de coral — 2. Baú 3. Lavrar — 4. Discursar — 5. Culto — 6. Membro de ave pl.) — 7. Bom negócio — 9. Tribo indígena das margens do Amazonas — 15. Pouco denso — 16. Navegar — 17. Pouco comum — 18. Tomei as medidas — 19. Seguiria — 20. Gostam.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 85 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Grosa — Abama — Ripar — Gebos — Imoto — Ilaro — Sarilho — Tal — Aravia — Mata — Aorta — Tuís — Erigir — Ers — Amarelo — Rebus — Nanís — Clara — Atada — Oasis — Rales.

VERTICAIS: — Grisa — Rimar — Oporá — Sativas — Arólio — Ágio — Bel — Abata — Morat — Asola — Harém — Mairatá — Tranar — Têrço — Urcia — Isbas — Genal — Ilide — Rosas — Asas — Url.

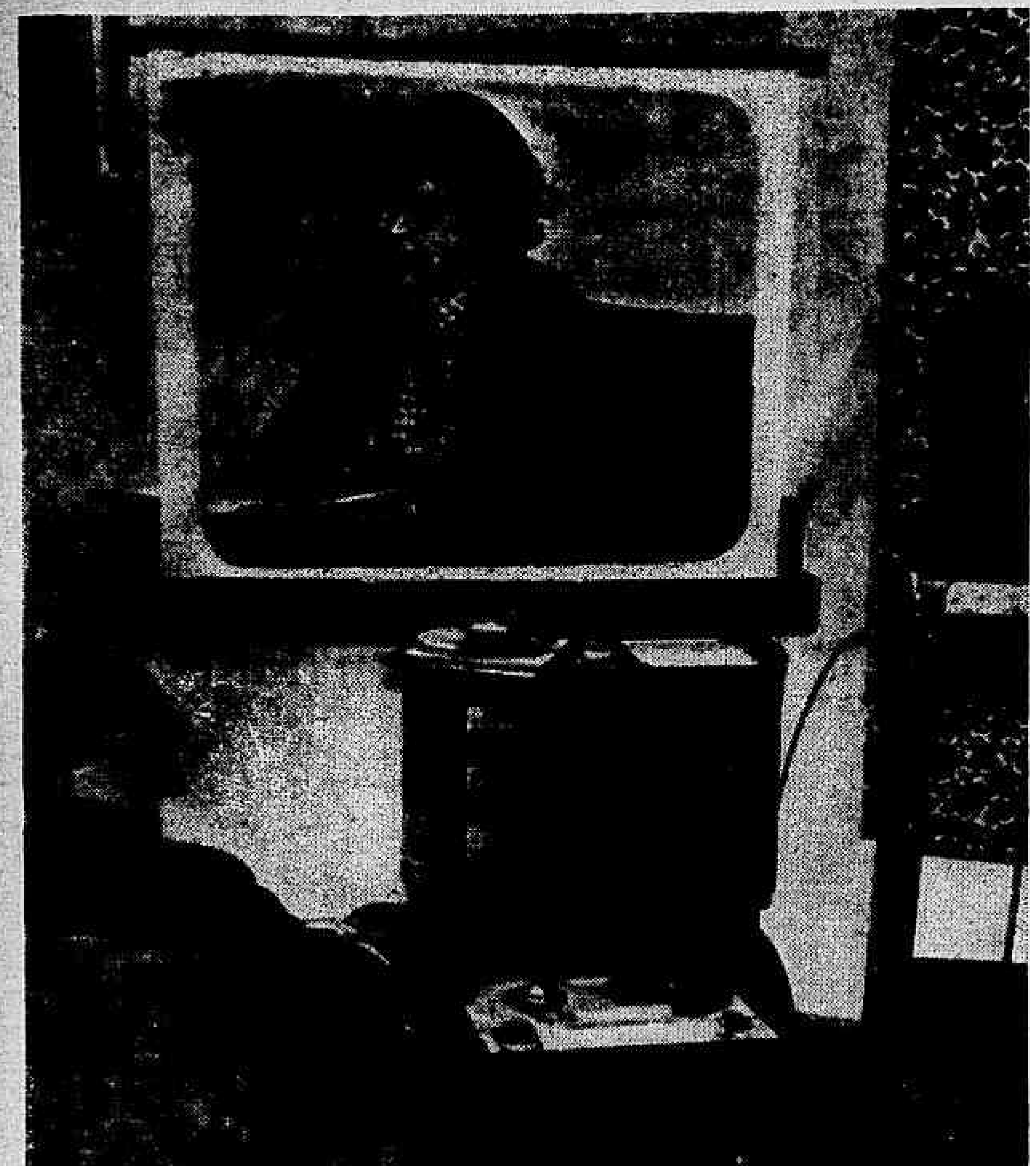
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Rosa — Marear — Cá — Ar — Ir — Arar — Ama — Ras — Alas — It — Rã — Armada — ara.

VERTICAIS: — Ra — Orar — Ser — Aa — Maracá — Rimara — Cara — Rasa — as — Al — Atar — Ima — Ri — Dá.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

Tudo isto



WERNER HAMPE, DE MÔNACO, êste mesmo cidadão que está de costas para o leitor sem nenhuma intenção de impolidez, acaba de lançar na sociedade européia a mais curiosa e eficiente agência de casamentos de que há memória. O processo é êste: o candidato (ou candidata) se deixa filmar e gravar a voz, indo o filme respectivo para a Agência de Matrimônios, que, de acôrdo com os pedidos de interessados, o exibe ao mesmo. Uma tela é exposta e ali surge o futuro noivo, ou a futura noiva. Dizem que na Alemanha a novidade está fazendo furor e os casamentos cinematográficos sobem.



TODOS LEMOS NOS JORNAIS o que foi a última inundação do norte da Itália, especialmente na região do Piemonte. Muitas localidades se viram arrasadas pelas águas dos rios transbordantes, dezenas de mortes e centenas de feridos e desabrigados. A maior calamidade dêstes últimos tempos. Como é natural, as comunicações deixaram de existir, e as populações passaram as maiores aflições. Aqui vemos uma casa de campo da zona de Milão completamente alagada, para a maior alegria dos marrecos e tristeza dos cavalos e seus donos. E enquanto o Pó enche, Ribeirão fica pó.

VIROU HOMEM

ELA era uma jovem vistosa e se apaixonou por um senhor de boa aparência. Ambos residiam em um dos bairros populares de João Pessoa, capital da Paraíba. De simples namôro chegaram ao noivado e, daí, ao matrimônio, ao ansiado "conjugo vobis" eclesiástico. Nada mais natural neste mundo. A vida do casal seguia seu ritmo comum, até que o seu estado de saúde se foi agravando dia a dia. A pobre senhora sentia fortes dores no ventre, tudo acompanhado de vários distúrbios orgânicos, com vômitos e pesadelos durante a noite. Que seria? O espôso estava apreensivo. Já diziam que era criança, mas os sinais de concepção eram diferentes daquele síndroma esquisito. Além disso, o volume do ventre não crescia. Talvez fôsse uma gravidez tubária, e se tornava urgente uma intervenção cirúrgica. O estado da doente foi-se agravando cada vez mais, até que o marido achou que as mèzinhas caseiras não podiam dar jeito, e que ela devia ir para uma casa de saúde ou hospital, a fim de ser examinada e, possìvelmente, operada. A mulher se negou terminantemente. Nada de cair na mão de médicos. Tinha pavor da mesa de operação, mas a saúde estava por um fio. Para evitar sua morte, foi conduzida a uma casa de saúde da capital, tendo uma junta médica constatado esta coisa estranha: ela estava virando *êle*. De mulher, passaria a ser homem! Sem poderem compreender o fenômeno de tão estranha metamorfose, despacharam a paciente para o Recife, cujo meio científico é maior do que o da Paraíba. E, lá os cirurgiões e clínicos especializados confirmaram: a mulher estava virando homem! E já dizem os mais simples que tudo é castigo de Deus, por causa do samba, "Mulher macho, sim sinhô!"



O DEFUNTO COMEU

DE quando em quando noticiam os jornais episódios estranhos, de pessoas que morrem, são colocadas em caixões mortuários, com atestado de óbito, chôro e vela, e reabrem os olhos diante de parentes chorosos e amigos tristonhos, e acham que não morreram. E' claro que o susto que tais defuntos pregam nos que estão a velar-lhe o corpo não é dêste mundo. Muita gente corre, enquanto outros ficam petrificados pelo terror, a suar frio diante do morto que ressuscita. Mas o caso que se verificou agora mesmo na cidade italiana de Bari é mesmo de arrepiar cabelo. Uma senhora de setenta janeiros bem puxados, depois de grandes padecimentos, morreu. O médico atestou lá qualquer coisa sàbiamente descoberta como a "causa mortis", e foi embora. A família da setuagenária ficou a deplorar a vovòzinha e os pêsames começaram a chegar. Dentro dos limites determinado pela lei e os bons costumes, a velhinha foi amortalhada e metida no esquife. Já se aproximava a hora do enterramento, quando a defunta se mexeu. Muita gente se viu com a respiração suspensa. Logo depois ela se sentou. Aí, muitos dos circunstantes não esperaram mais por nada: azularam numa carreira louca. Mas outros, mais animosos, enfrentaram o milagre. A velhinha, que era uma santa criatura, tendo voltado do "outro mundo" não podia ter voltado pior. E assim sucedeu. Ela sentou-se e pediu uma macarronada! Imediatamente lhe foi trazido um prataço da comida italiana com todos os seus temperos. A velhinha devorou tudo e saiu do caixão. Admiração geral. Parecia estar de boa saúde, mas, 48 horas mais tarde fechou os olhos e morreu mesmo. Contudo, ainda está a um canto uma macarronada...



FAQUIRISMO

O povo do mundo inteiro gosta de ver cenas de resistência física, especialmente as que estão rotuladas sob o título geral de faquirismo. No Rio, de quando em quando, surgem indivíduos de origem humilde, maltrapilhos, que, por alguns níqueis, engolem pedaços de vidro, lâminas de barbear, pregos e outros condimentos mais próprios de estômago de avestruz. E' verdade que, dias depois, lemos nos jornais: "O rapaz, que engolia vidro e comia pregos na Praça Tiradentes, foi recolhido ao Pronto Socorro onde sofreu delicada operação". Não se sabe se o infeliz faquirista voltou à mesma profissão, ou se descansou para sempre o seu estômago faminto, indo residir no Caju. Agora em Pôrto Alegre sucedeu uma muito boa. Apareceu por lá um cidadão que se dizia Príncipe Aladim, que, por sinal, nem era príncipe, nem Aladim. Era um cidadão de lá mesmo, que, estando sem muita probabilidade de tornar-se funcionário público, virou faquir. Para impressionar o povo gaúcho, escolheu uma prova bastante má: deixar-se crucificar, ficando pregado numa cruz durante dez dias. Ora, nem Cristo suportou tamanho martírio; mas faquir é bicho resistente, e o Príncipe Aladim foi colocado no madeiro e lá ficou recebendo os cobres das entradas. Logo às primeiras horas mostrou impaciência e, na décima, pediu socorro, desistindo. Por essa e outras, a Câmara Municipal de Pôrto Alegre verberou o Departamento de Fiscalização e Diversões Públicas daquela capital, que permite tais exibições deprimentes para o gênero humano. E agora nada de faquirismos ou lutas livres de mulheres, "shows" de nu artístico e demais espertezas contra a economia popular.



...o Aconteceu

SIMULADORES



O brasileiro é dono de um coração bom. Tudo se leva dêle com o programa da piedade. Mas, quanto mais vamos caminhando na estrada da vida, mais vamos aprendendo que muita gente se está aproveitando dessa moleza cardiológica, com o feio propósito de arrancar alguns cruzeiros dos indivíduos de bons sentimentos cristãos. Depois que Joracy Camargo confiou a Procópio Ferreira o papel daquele mendigo do famoso "Deus lhe pague", todo mundo abriu os olhos e já não se vai muito na conversa dos que se apresentam com o chapéu na mão a pedir uma esmolinha e a agradecer com o velho "slogan": Deus lhe pague. Um jovem robusto, de nome Nivaldo Alves da Paz, de 29 anos de idade, morador na rua Mário Calderaro, nesta capital, ou porque não encontrasse emprêgo, ou pelo fato de ser mesmo malandro, teve uma idéia: iria fingir de... físicos e sair aí pelas ruas a pedir esmolas, e, em paga das liberalidades ...transeuntes, os recomendaria aos favores de Deus. Mas êle era robusto, ... capaz de pegar no pesado lá pelas pedreiras de S. Diogo. Que fazer ... simular necessidade? Fêz em casa algumas experiências de aleijões. Um ... daria cêrto. Uma perna contorcida e pronto estava com a liberdade de ...lar. Tudo ia bem. Um dia, porém, estando a fazer-se de aleijado na praça ..., foi a uma das muitas filas de ônibus e começou a exercer a profissão "Deus lhe pague". Mas, na delegacia do 9º Distrito Policial, o comissário ... Gomes recebeu um telefonema denunciando o embuste. Prêso o falso ...igo, êste confessou que não era defeituoso coisa nenhuma. Apenas fingia. ...eu poder foi encontrada a importância de Cr$ 29,90. E o meteram na ...

O CONTO DO AUTOMÓVEL



UM jovem, de boa aparência, falante e bem educado, encostou seu carro antigo, modêlo 1931, e ficou esperando que um negociante de automóveis se aproximásse. O local era uma espécie de Largo da Carioca, ali nas proximidades do Tabuleiro da Baiana. Uma Bôlsa de Automóveis, que funciona à luz do sol ou das estrêlas. O rapaz falou ao negociante de carros: "Preciso, com a maior urgência, de uns seis mil cruzeiros. Dou o meu carro como pagamento". O cidadão olhou o ofertante. Era rapaz bem apessoado, e deveria estar com alguma complicação em casa ou na casa onde trabalhava. Uma farrinha, um joguinho entre amigos, alguma piratinha de bonitos olhos, quem sabe? Qualquer uma destas coisas, ou tôdas juntas, depenaram o homem e êle estava na última lona. O carro era antigo, de 1931; mas, muitas vêzes um dêsses tipos valem mais ...e os modernos. Entretanto, embora vendo que o veículo valia muito ...do que o pedido pelo "enforcado", o sabidão comprador replicou: "Seis ...cruzeiros não lhe dou; mas fecho negócio por dois mil e quinhentos. ...?" O jovem nem discutiu: estirou a mão e recebeu a oferta. Agradeceu ...iu para resolver os seus problemas domésticos. O novo dono, esfregando ...os de contentamento, mirou e remirou o carro. Devia dar-lhe, no mi... uns dez mil cruzeiros. Subiu ao volante e experimentou o maqui... Nada. O carro não pegava. Talvez não tenha gasolina — raciocinou ...Mas havia essência no depósito. Por que o carro não pegava? Levantou ...pa do motor e espiou: cadê o motor? Tudo limpo. O homem suspirou: ...no conto do automóvel, em Montreal, a 18 de dezembro. Boas-Festas.

O RIO AVANÇA



ERA pouco mais de meia-noite, quando o ônibus de chapa 8-19-99, da linha 93, que faz o percurso Cascadura-Monroe, da Viação Oriental, regressava à garagem, na rua Bonfim, 258, em São Cristóvão. O motorista, José Martins de Sousa, de 26 anos, dirigia o veículo já antegozando suas horas de folga e uma boa soneca depois de afanoso dia de volante sem descanso. No carro também ia o despachante Válter Faria, bem como o trocador José Venâncio de Brito. Tudo calmo, em plena paz. Ao chegar o veículo à altura da estação de Cavalcanti, diminuiu a marcha a fim de passar sôbre o leito da estrada de ferro. Chegando à rua Silva Vale, dois estranhos passageiros tomaram o carro, embora não pudessem fazê-lo, pois ia o mesmo recolher e não recebia mais fregueses. Mas, embora desejassem dizer que não podiam registrar os passageiros, não ti... tempo de pronunciar uma só palavra. Os dois estranhos intimaram o ...a parar o ônibus, um dêles encostou o punhal nas costas do motorista ...o o outro imobilizava os dois outros empregados apontando-lhes o cano ... revólver. Segundos depois, como se tudo obedecesse a planos prèvia... estabelecidos, chegava um automóvel, parava ao lado do ônibus e dêle ...n três outras personagens. Vinham todos êles com o rosto coberto por ...s de pano prêto. Um dêles arrebentou a caixa coletora e de lá re... Cr$ 2.300,00; um outro tomou do trocador 455 cruzeiros, enquanto o ter... ...rçava o trocador a entregar-lhe Cr$ 13.930,00 da Emprêsa. Em seguida ...am seu carro e sumiram na calma da noite. Estamos progredindo, não ... menor dúvida. Êsses assaltos são uma prova.



O BARÃO GOTTFRIED VON CRAMM hospedou a milionária Bárbara Hutton em seu castelo de Hannover, propriedade do tenista germânico. E logo se espalhou pelo mundo que êle seria o quinto espôso da herdeira de Woolworth. Mas a multimilionária desmentiu, dizendo: «Já me casei com o príncipe Midvani, com o conde Kurt Haugwitz-Reventlow, com o astro Cary Grant e com o nobre russo Príncipe Igor Troubetzkoi. Não me sinto bastante jovem para desposar o quinto marido, embora isso não signifique que não possa fazê-lo». Ela está com 39 primaveras, e o Barão von Cramm, com 43. Belo par...



ÚLTIMAMENTE, NA ÁUSTRIA, apareceu uma moléstia estranha que ataca os animais do campo, como cavalos, vacas, etc., e se descobriu que era a mesma procedente de germes vindos de fora, naturalmente de alguns dos países limítrofes. Por êsse motivo, tôda pessoa que vem da Alemanha são obrigados a desinfetar os pés numa substância que mata qualquer bactéria. Aqui vemos um oficial da guarda da cidade de Fussen, Áustria, solicitando a duas excursionistas germânicas recém-chegadas, o favor de colocarem os pèzinhos no defumador, para prevenir qualquer invasão.

OS PALHAÇOS JÁ NÃO . . .

(Cont. da pág. 19)

CRIAÇÃO DO TIPO

Segundo êle mesmo nos conta, não conseguiu o êxito que desejava. Numa bela tarde, de passagem por uma cidade do interior paulista, viu uma multidão a rir, em uma praça pública. Deslocou-se rápido, para ver quem era seu concorrente e deu com uma matrona falando alto e de maneira comicíssima. Apontava, a simples senhora, para um avião que passava, comentando o fato com sua comadre, a altos brados. O fato em si, em pleno ano de 1926, não era caso de riso. A mulher, no entanto, falava com a bôca mole, num linguajar esticado e ondulante, cheio de altos e baixos, modificando, a cada segundo, a entonação da voz, como se fôsse uma orquestra desafinada. Os lábios moviam-se compassadamente, deixando-lhe ver até as gengivas. Arrelia achou engraçado o modo de falar da mulher. Foi para casa, ou melhor, para a barraca, e imitou a matrona, acrescentando, ao seu linguajar, um português policrômico, eivado de novas exclamações. E foi com uma enorme bôca pintada que Arrelia estreou com seu novo tipo, saudando a platéia com apenas a expressão «Bleu... bleu...». Eram os lábios se contorcendo, como que querendo se despregar, os olhos admirados, meio assustados, com expressão de expectativa. O circo ruiu ao som das gargalhadas. Isso foi no Rio. Lá obteve sua consagração.

O CIRCO E O CINEMA

Arrelia, fora da maquilage de palhaço, é um tipo bem apessoado. Alto, forte, de fala mansa e fácil, não demonstrando já ser avô de uma pequena de cinco anos. Pode muito bem passar por galã cinematográfico, coisa que pouca gente sabe. E essa foi a sua maior aspiração: o cinema.

Segundo acredita, os magnatas do celulóide não dão nem oportunidade e nem valor à gente do circo e só agora, após o êxito de uma película que lhe rendeu um milhão de cruzeiros, é que se integrou na sétima arte. Está filmando, não como palhaço, mas sim como Waldemar Seyssel, o fabuloso artista dos sete instrumentos, rei do picadeiro e do rádio, artista exclusivo de uma nova estação de TV da cidade, pai, tio e avô, com menos de 45 anos de idade.

BOM E MAU CIRCO

Arrelia é o que chamamos, na jíria, de boa «praça». Culto, vivo, inteligente, palhaço e artista. Sem confundir essas duas coisas, combate acirradamente os circos que levam, em seus picadeiros de terra batida, peças sacras e óperas. Diz que o circo foi feito para fazer rir às multidões e não para fazê-las chorar. Circo, para êle, não é teatro. Sua primacial finalidade deve ser a de apresentar espetáculos populares, proporcionando gargalhadas aos montes, que valham o preço dos ingressos. Arte e drama se faz, a seu ver, no cinema ou no teatro. E isso é o que pretende fazer, agora, o palhaço das crianças e dos adultos de São Paulo.

O ESTUDIOSO WALDEMAR

Waldemar, para não fugir à teoria evolucionista do circo, cursou até ao quinto ano de Direito, não chegando a se formar, por motivos de fôrça maior. Sua educação e cultura refletem-se em suas palestras e na grande distância que encontramos entre o Waldemar Seyssel dos bastidores e o Arrelia do palco ou do picadeiro.

Mora em belíssimo apartamento, no coração da cinalândia bandeirante, gosta da vida moderna, é sedentário e luta apenas para proporcionar aos seus, um verdadeiro lar. Assim, vai ensinando a vida à sua gente, acompanhado, de perto, por seu irmão e coadjuvante Henrique e pelos demais membros da grande clã circense Seyssel.

O CONTINUADOR

A continuidade das tradições de família tem de se perpetuar. Quem «pinta a cara», agora, para dar os passos básicos para o futuro é o sobrinho. Chama-se Walter, tem 25 anos e não quis trocar o Rio por São Paulo, a despeito dos 20 mil cruzeiros mensais de salário, que lhe foram oferecidos para atuar no teatro. Walter cursou o 3.º ano científico e já foi locutor esportivo de uma das emissoras paulistas. Agora, casado, pai de um filho, pretende dar continuidade à obra da família, que é mais do que centenária.

E, assim, há outros palhaços, em São Paulo, que foram trocando os picadeiros pelas estações de rádio, pelas TV, bem como as barracas de lona pelos apartamentos confortáveis, com ar condicionado, e pelas residncias chiques e os carroções de transporte pelos conversíveis.

É, não há dúvida, o sinal dos tempos, usando de um velho chavão. Mas, a despeito de tudo, os homens de circo não acreditavam no seu desaparecimento. O cinema prejudicou o teatro, a televisão prejudicará o cinema e mais tarde outra invenção poderá superá-la, mas o circo subsistirá. Essa certeza fundamenta-se na sua indefectibilidade, provada com o apogeu do teatro e do cinema e agora da TV, que em nada modificou a feição dos circos. Ali, o homem busca risos, alegria, futilidades, que não são oferecidas pelos gêneros acima mencionados. Os tempos mudaram e muita coisa do homem, com êles, menos a sua necessidade de rir,de amar, de sentir e de ser feliz.

E, mesmo o palhaço, aquêle ser ridicularizado de antanho, é, nos dias presentes, um homem dinâmico, adaptado às atuais condições da vida, responsável, que necessita encarar a existência de outra forma, nivelando-se, fora do circo, aos que buscam risos, nas galerias e nas cadeiras numeradas das enormes tendas de lona que se estendem pela cidade, a fim de viver, de fato,integrado na ordem social do século XX. E' isto que os palhaços planejaram e conseguiram fazer. Acabou-se o nomadismo, findou a era dos saltimbancos, abrindo um novo capítulo na história do circo.

SE O CANGURU . . .

(Cont. da pág. 39)

violenta luta com os dois salteadores. No fim de dez minutos, deixava-os estendidos por terra, cuidando em seguida de prestar socorro ao mineiro. De outra vez, uma criança australiana, de poucos meses de idade, ficou prêsa em casa, enquanto sua mãe ia fazer algumas compras. Nesse meio-tempo sobreveio um violento incêndio no prédio, que era de madeira. O inocente corria risco de vida, e não fôsse a iniciativa de um canguru de estimação, que a família conservava num terreno próximo, o probezinho acabaria devorado pelas labaredas. Mas o canguru conseguiu penetrar no quarto onde estava o berço e atravessando sucessivas línguas de fogo, empurrou-o para fora. Estava salva a criança.

Ainda que pareça mentira, êsses fatos ocorreram e foram registrados pela imprensa de Sidney.

★

Ao aproximar-se a época das férias, os cangurus mostram-se nervosos com a expectativa. Curiosamente, observam cada pessoa que chega e pode-se ler nos olhos dêsses animais — diz também James Fitzpatrick — uma pergunta: — Será que já vi êsse homem? Donde o conheço?

Os cangurus não têm boa memória. Mas quando tomam amizade por alguém, fixam de preferência o seu tipo e dificilmente o esquecem.

Êles andam em grupos por entre as árvores do bosque que circunda o local das cabanas de férias dos mineiros. Cada vez que se aproxima um automóvel, tôdas as cabeças se voltam para o carro e à distância seguem os movimentos de seus tripulantes. Ao serem descarregadas as caixas de bagagem, correm os cangurus para junto dos homens, pois sabem que por ali há sempre alguma coisa para comer. Nisso têm razão porque os visitantes os tratam sempre muito bem, tendo-se tornado um hábito levar, nas bagagens de férias, alguma coisa "para os nossos amigos", isto é, para os amigos cangurus.

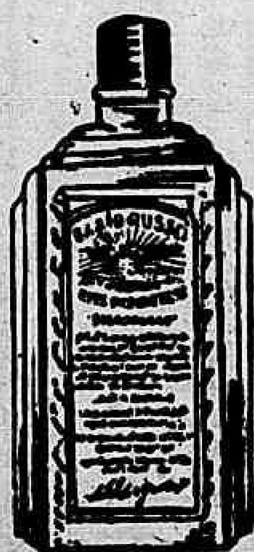
A fêmea do canguru tem na parte baixa do ventre uma bôlsa onde guarda os filhotes até certa idade. Êsse é um dos aspectos mais interessantes do reino animal.

O homem branco não faz nenhum mal ao canguru na Austrália, mas os nativos matam-nos para comê-los, pois consideram a carne saborosa e de grande poder alimentício.

As crianças australianas têm, nesse animal o seu melhor amigo. Nos passeios pelos campos ou nas marchas dos escoteiros, o canguru é sempre o assunto predileto. Os hábitos de vida do curioso marsupial representam, para a criança australiana, uma fonte inesgotável de observações. Suas canções têm, freqüentemente, como tema, o canguru que, aliás, é um animal muito sensível ao ritmo musical.

O famoso passo do canguru, lançado pelos excêntricos bailarinos dos Estados Unidos e por muito tempo divulgadíssimo, como uma nova modalidade de jazz, tem sua razão de ser. Ponham um canguru nas imediações de um aparelho de rádio, façam-no ouvir alguns números de música maluca dos nossos tempos e hão de vê-los aos saltos, em pinotes desenfreados, exultando de contentamento. Pena que a máscara do canguru não permita que êle traduza o seu estado de espírito — mas assim mesmo houve bailarinos que lhe copiaram os movimentos. E o baile dos cangurus é hoje uma grande atração coreográfica em Nova York, Paris e Londres.

SABÃO RUSSO







Em 3 tamanhos — Líquido, sólido e bastões para barba

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Este sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.

Respostas ao teste

1—Bíblica
2—Morse
3—Ponto culminante do Brasil
4—Ásia
5—Holandesa
6—Isaac Newton
7—Cruzadas
8—Atenas
9—Lowell
10—Independência
11—1572 (23 de agôsto. Noite de S. Bartolomeu)
12—Luís XIV
13—A mourisca
14—Arqueologia
15—Getúlio Vargas (1934).

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.



ÓMENS-RÃS» existem realmente, não foram imaginados para a ficção cinematográfica. Aqui está um, metido na sua roupa muito justa, de borracha da -de-mar, para efeitos de «camouflage», protegendo-se da água fria e dos olhares inimigos. Na próxima guerra êles terão muito o que fazer!

REINANDO PARA "HOMENS-RÃS"

AS MAIS PERIGOSAS TAREFAS DA GUERRA SUBMARINA SÃO DESEMPENHADAS PELAS TURMAS DE DEMOLIÇÃO SUBMARINA DA MARINHA ★ ELAS ESTREARAM COM ÊXITO NAS ÁREAS DE COMBATE DO PACÍFICO E DA EUROPA ★ CANDIDATOS APRENDEM PARA O QUE HÁ DE VIR AGORA

Por JACK SMITH

gunda Guerra Mundial testeunhou o desenvolvimento de armas novas e técnicas dide combate. Entretanto, foi ecentemente que o mundo tohecimento de algumas das ojadas emprêsas dos soldademocracias. Entre elas, tem destaque as tarefas altarigosas desincumbidas pelas e Demolição Submarina da os Estados Unidos, que serareas de combate do Pa- Europa.

valorosos combatentes, de idade dependiam milhares são conhecidos como "ho- e tem a seu cargo duas lidades primordiais: reco-, que é a cata de infordrográficas e demolição de tais como armadilhas anti-, formação de coral, mi-

componentes da turma ção submarina, sejam êles oficiais ou marinheiros, são voluntários. Antes de serem aceitos para o treinamento intensivo de 9 semanas, passam êles por uma série de difíceis provas que determinam suas possibilidades. Os candidatos têm permissão de desistir do curso, se o acharem excessivamente árduo.

Um rigoroso sistema de treinamento e adaptação mantém os homens na melhor forma para o desempenho da tarefa. Por exemplo, todos fazem exercícios diários de natação sob as mais variadas condições atmosféricas, além de aulas sôbre as técnicas mais recentes em matéria de demolições.

Quando os futuros "homens rãs" treinam no cruzamento de um obstáculo por meio de fios paralelos, pequenas cargas de explosivo são detonadas bem próximo a êles a fim de experimentar-lhes a coragem e a capacidade de concentração no trabalho que estão desempenhando no momento.

De outras vêzes, os candidatos er-



TREINANDO para «homem-rã» êles têm de atravessar sucessivos túneis submarinos enquanto vão explodindo bombas a pequena distância. Essa é a prova final.

TREINANDO PARA "HOMENS-RÃS"



DOIS «HOMENS-RÃS», apenas, deram conta dessa missão: Colocaram 100 libr de explosivos, mandando aos ares todos os preparativos do inimigo. Salvaram-se

rastam-se através de um pântano. À proporção que vão progredindo de uma à outra área, explodem perto de seus pés pequenas cargas de dinamite. Ao terminarem o teste, cansados e sujos, aquêles que são aceitos podem esperar por trabalhos ainda mais duros antes de serem escolhidos para demolições submarinas.

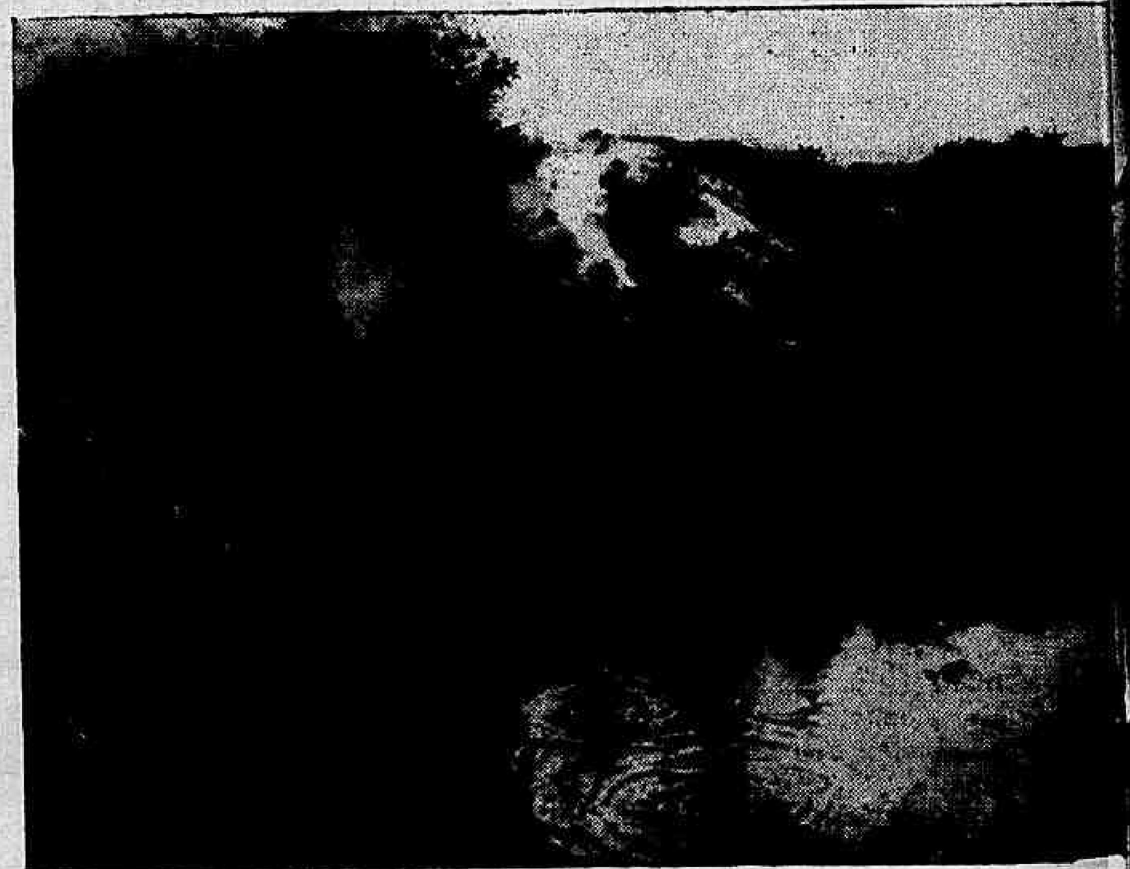
Os "homens rãs" são conduzidos ao objetivo do ataque por meio de transportes a alta velocidade, como os "destroyers", que se tornam sua base de operações. Pequenas unidades de desembarque transportam-nos a um ponto ao largo da costa. O processo para a sua entrada na água é o de rolar para o mar de um pequeno bote de borracha prêso ao lado da lancha de desembarque. Um intervalo de 8 metros é mantido entre os homens que se projetam no mar, durante a missão e mais tarde, ao serem êles recolhidos.

As roupas justas, de borracha da côr verde-mar, protegem os "homens-rãs" da água fria e dos olhares inimigos. Quando a missão a ser executada exige que os homens se mantenham por muito tempo sob a superfície, tanques de oxigênio são por êles conduzidos às costas. Cada homem leva atada ao pescoço uma pla de matéria-plástica, onde podem se tomadas as informações hidrográficas com o auxílio de um lápis comum.

Depois de terminada a missão, os homens são recolhidos com o auxílio de um gancho, e se projetam novamente dentro do barco de borracha, que é conduzido pela lancha a alta velocidade. Essa manobra requer grande coordenação de movimentos e perfeito entrosamento entre os membros da unidade de ataque e a tripulação da lancha.

Os obstáculos submarinos, bem como as armadilhas antitanques nas praias são dinamitadas com cargas de 50 quilos de explosivos. Os "homens-rãs" incumbidos de deflagrá-las são os mais rápidos nadadores, pois precisam afastar-se velozmente para o mar alto, a fim de evitar as perigosas ondas causadas pelas explosões.

Pela sua coragem, destreza e perigosíssimas missões a desempenhar, os "homens-rãs" podem ser considerados como verdadeira elite das tropas de assalto das fôrças armadas de Tio Sam.



OUTRO GRUPO de candidatos atravessa um «paralelo» invadindo a região ini miga carregando pequenas cargas explosivas. Todo cuidado é pouco pa evitar que deflagrem antes da hora!

VINTE LIBRAS de explosivos deflagram na esteira dos candidatos a «homem-rãs», enquanto êles procuram salvar a pele. Mas foi feito: missão cumprida.

100 libr
lvaram-s

Cada h
uma pl
podem
hidrogr
lápi

missão, os
m o auxi-
rojetam no-
e borracha,
cha a alta
ra requer
ovimentos e
e os mem-
ue e a tri-

rinos, bem
anques nas
com cargas
osivos. Os
de defla-
dos nadado-
ar-se veloz
fim de evi-
usadas pelas

reza e peri-
mpenhar, os
r considera-
e das tropas
armadas de

a região in
é pouco p

A MISSAO foi cumprida, êles voltam para os barcos protetores e dos por ganchos especiais, que os guindam para um transporte. E' tempo de escapar, senão...

UM TRIPULANTE do barco de borracha, prêso à lancha de desembarque, vai «pescando» os «homens-râs». A lancha corre a velocidade máxima. E' preciso muita agilidade na pesca.

A REVISTA Anos

(DOMINGO, 5 DE JANEIRO DE 1902)

OS TEATROS



A festejada atriz-cantora Medina de Souza.

Tivemos quarta-feira no Lucinda a estréia da companhia organizada e dirigida pela elegante atriz Cinira Polônio, que com a mais louvável boa vontade conseguiu reunir em tôrno de si um elenco de artistas, senão todos, pelo menos na maior parte bem aproveitáveis. A peça do «debut» foi o «vaudeville» em 3 atos de Grenet Dançourt e Georges Bertal, tradução de A. Azevedo e Azeredo Coutinho, «O Príncipe da Bulgária». Que a arrojada atriz seja feliz no seu empreendimento, que continui a dar peças assim e tão bem representadas, é o que devem desejar todos quantos se interessam pelo teatro.

Revolvendo continuadamente o seu velho, mas sempre aplaudido repertório, continua a companhia Dias Braga a trabalhar no Recreio; por aí, como novidade, só a próxima apresentação de «Quo Vadis?». Um grupo de artistas líricos, entre os quais Rosina Bellegrandi, sob a direção de Sante Athos, levou à cena no Apolo, as óperas «Cavalleria Rusticana», «Ernani» e «Riletto», desempenhadas sabe Deus de que maneira. Orquestra diminuta, coros mais que fracos, cenários e vestuários deficientes, com tais elementos, além da falta de artistas competentes, é uma ousadia imperdoável, é quase burlar o público que freqüenta teatros, pretender representar óperas daquela qualidade.

Uma nota triste: fechou suas portas o Moulin Rouge. Falta de concorrência? Quem sabe? Fazem muita falta, à noite, aquelas luzes tôdas, aquêle moinho a vento todo iluminado, ali, no Largo do Rocio.

O Casino Nacional vai de bem a melhor com seus espetáculos variados; sua troupe é excelente. Outro tanto acontece com a Guarda-Velha e o High-Life, cuja concorrência é cada vez mais animadora.

E até domingo. — P.

HUMORISMO

Na Praia do Flamengo:

— Então essa ponte não se acaba mais?

— Não é ponte, filhinha, é passadiço para os presidentes embarcarem...

— Ah! E' por isso que não passa disso...

★

— Dos vinte e cinco bichos só há dois cujos nomes começam pela letra A: avestruz e águia!

— O senhor esqueceu-se do outro...

— Qual

— E' o alifante!

— Tem razão... Eu me esqueci do alifante...

DESTRUIÇÃO DOS MOSQUITOS

EM uma das últimas sessões da Academia de Medicina de Paris, leu o dr. Blanchard um extenso relatório sôbre os mosquitos, seus inconvenientes e os meios de destruí-los. Eis, em resumo, o que aconselha o sábio médico:

— Destruição das larvas e ninfas que vivem nágua.

— Destruição dos insetos adultos que invadem as habitações preservando os moradores das picadas.

— Atenuar, nos limites do possível, o efeito pernicioso dessas picadas. A mistura de querosene e alcatrão das águas estagnadas tem dado resultados muito satisfatórios. As águas de cisternas, destinadas aos usos domésticos, devem ser cobertas e quando, por acaso, contenham larvas, pode-se empregar o óleo comum, em vez de querosene. Precisamos tomar tôdas as providências contra êsse inimigo comum: o mosquito.

AS OSTRAS E A SAÚDE

DEVE-SE comer ostras nos meses com R. Todos são concordes em atribuir-lhes maravilhosas propriedades curativas. Certos clínicos recomendam-nas como verdadeiro medicamento contra a tísica pulmonar e não será para admirar que contenham muito iodo pois vivem em um meio saturado dêsse metalóide, cuja ação sôbre os pulmões e os brônquios é precioso. A ostra e a sua água são boas nas doenças do estômago. E' um alimento que se digere com extrema facilidade, mas que só deve ser aproveitado nos meses com R. Nos outros, não.

SALVE 1902

NÃO me tem sido muito fácil a missão de cronista nesta formosa e dourada Sebastianópolis. Os assuntos faltam e aos sábados, quando vou percorrer o livro de notas para destaçar a mais interessante pelas suas qualidades afetivas ou brilhantes, só encontro a guela escancarada de um vasto necrotério de almas em decomposição, o negro horror das perversões morais multiplicando-se fartamente em um meio social que virou calda gorda de micróbios. Quanto trabalho para descobrir o lírio ativo, a florzinha criada na simplicidade silvestre, a graça ingênua e inocente, o altruismo sem contra-partida interessante, a amizade sem reservas egoístas, o patriotismo sem miradas vesgas para o tesouro!... Se por acaso algumas flores aparecem, logo as destinam ao dr. chefe de polícia e a crônica fica assim privada da sua mais saborosa e mais sadia nutrição.

E reparem que não foi só aqui que esta desolação estética e ética se acentuou. Vejam a Europa... vejam os Estados Unidos... lembrem-se da China... pensem no Transvaal! Por tôda a parte foi bárbaro e estúpido; boçal e selvagem. Como que prêsa de uma fúria atávica, mas atávica a mergulhar nas fontes históricas do vandalismo, o sujeitinho matou, roubou, prostituiu, mercadejou honras e patrimônios morais que pareciam definitivamente inatacáveis, a que filósofos e pensadores atribuíam a consistência e a dureza do granito. Para primeiro ano de século novo, para pano de amostras dêste vigésimo século que se anunciava maravilhoso, pode limpar a mão à parede, êsse negregado desmancha-prazeres e nefando jettattore.

Mas que cabeça a minha, santo Deus! Lá me esquecia... Não, positivamente não rasgo o que já fiz, porque a REVISTA vai entrar na máquina... Não é que de todo me ia passando o nosso Santos Dumont e a sua aeronave dirigível!... E não basta êle, por si só, para fazer desculpar as muitas maldades dêsse Falstaff-Cartouche que acaba de sumir-se nos abismos do tempo?!...

E salve 1902, o ano das esperanças!

JACQUES BONHOMME

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 1 ★ 5-1-52

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

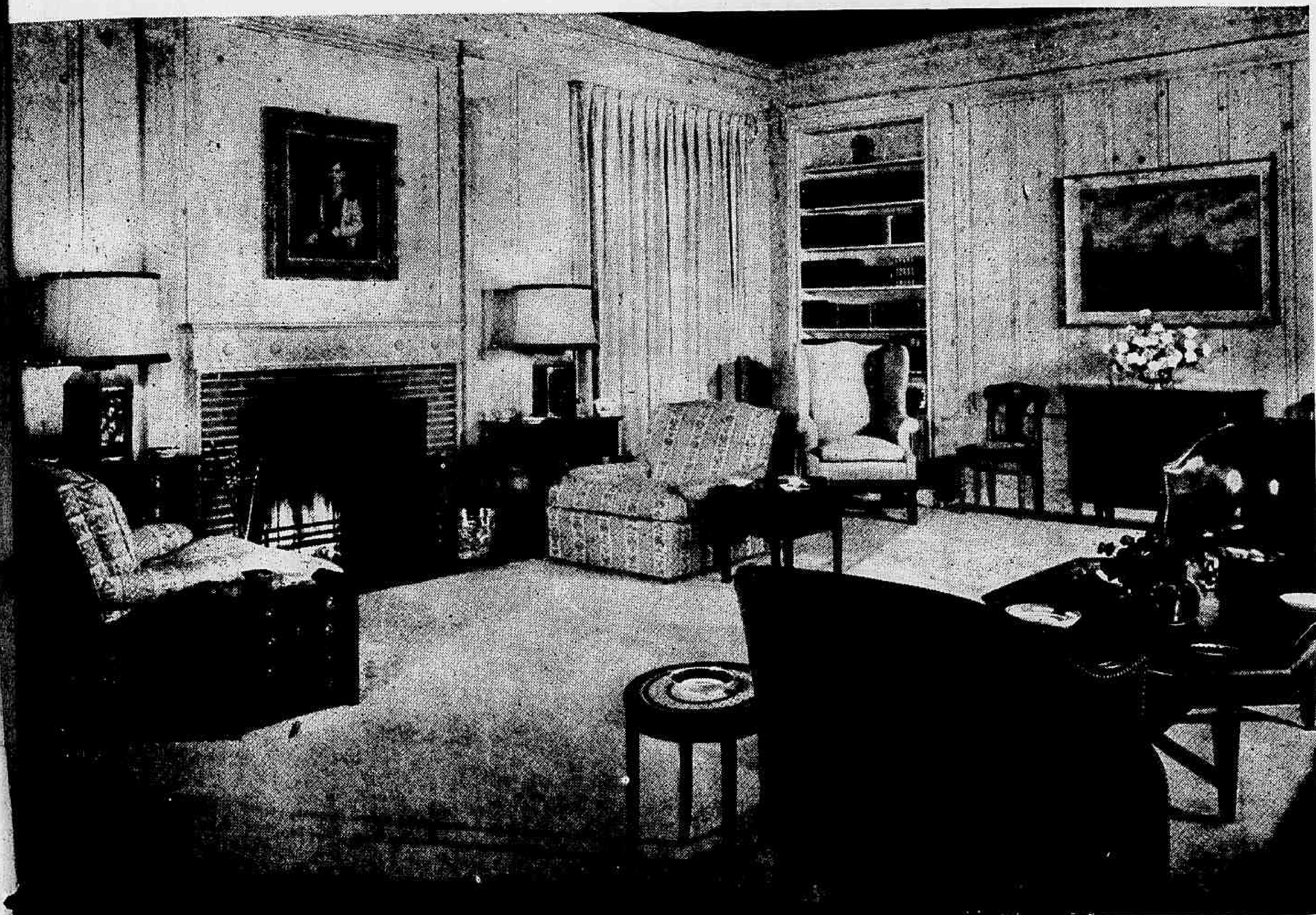
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-2250

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projetos executados por técnicos especializados

APÊTES FEITOS À MÃO
APÊTES E PASSADEIRAS

forração, em côres lisas e com flores

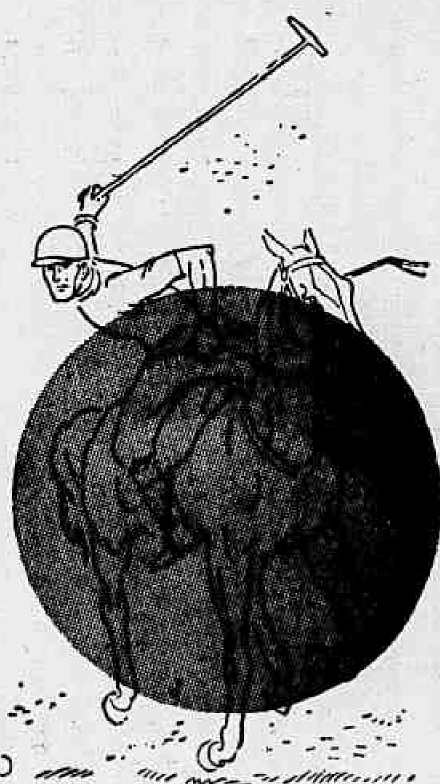


GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

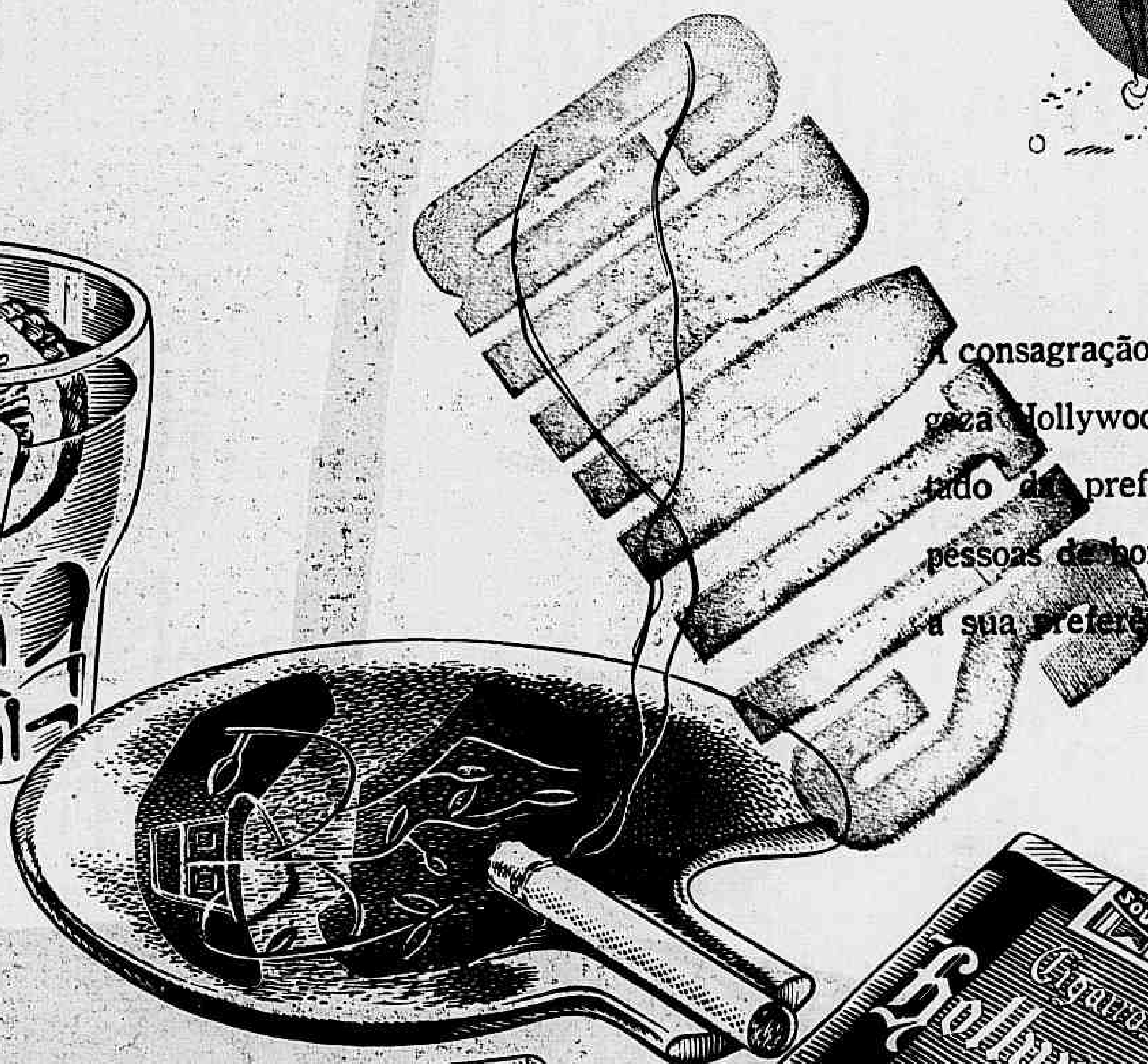


65 rua da CARIOCA 67 — RIO

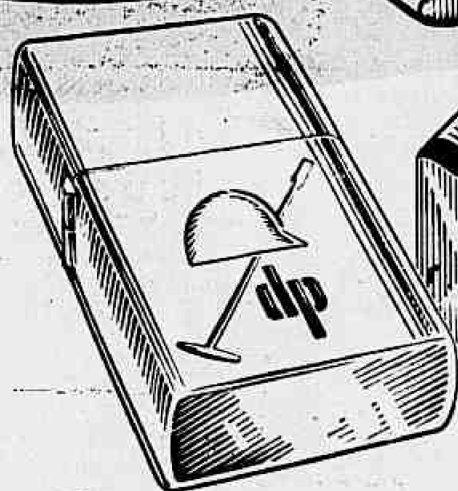


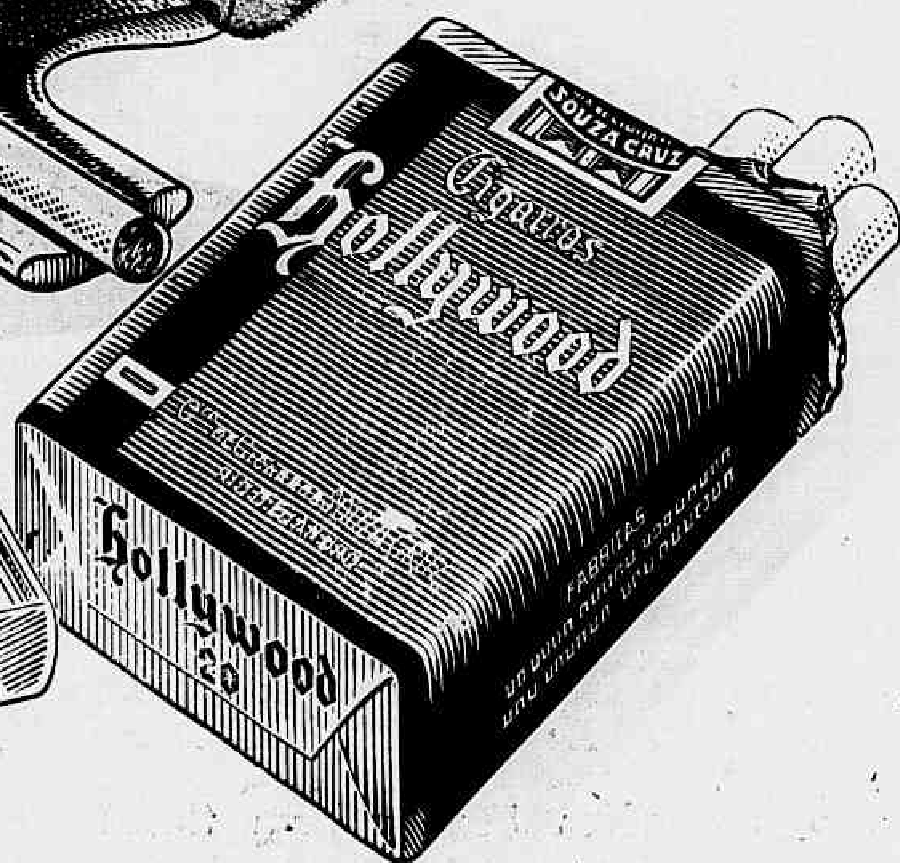
eleito por você... preferido por milhares!





A consagração de que hoje goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...



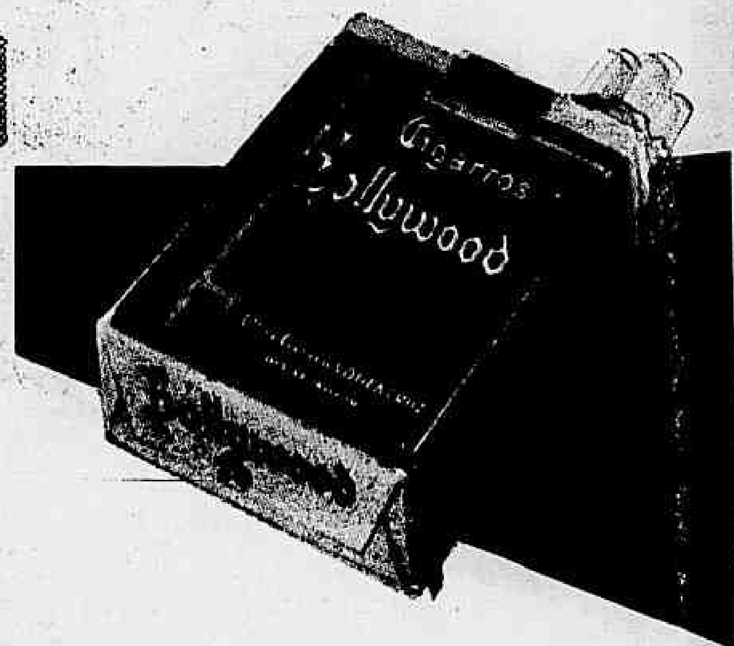


H-88.145

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ